

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**

Patrícia Helena Coimbra

**RECEPÇÃO FEMININA DA ESPIRITUALIDADE INACIANA POR CÂNDIDA MARIA DE JESUS E  
SUA ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO**

CAMPINAS  
2023

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**

Patrícia Helena Coimbra

**RECEPÇÃO FEMININA DA ESPIRITUALIDADE INACIANA POR CÂNDIDA MARIA DE JESUS E  
SUA ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião.

Orientadora: Prof. Dr.<sup>a</sup> Ceci Maria Costa Baptista Mariani

CAMPINAS  
2023

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Rizzioli Pires CRB 8/6920  
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

248.843 Coimbra, Patrícia Helena  
C679r

Recepção feminina da espiritualidade inaciana por Cândida Maria de Jesus e sua atuação na educação. / Patrícia Helena Coimbra. - Campinas: PUC-Campinas, 2023.

97 f.

Orientador: Ceci Maria Costa Baptista Mariani.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.

Inclui bibliografia.

1. Mulheres no cristianismo. 2. Igreja e educação. 3. Espiritualidade. I. Mariani, Ceci Maria Costa Baptista. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

23. ed. CDD 248.843

## **PATRÍCIA HELENA COIMBRA**

### **Recepção feminina da espiritualidade inaciana por Cândida Maria de Jesus e sua atuação na educação**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião da PUC-Campinas, e aprovada pela Banca Examinadora.

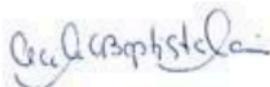
APROVADA: 15 de dezembro de 2023.



PROFA. DRA. ANDREIA SERRATO (PUC-PR)



PROF. DR. BRENO MARTINS CAMPOS (PUC-CAMPINAS)



PROFA. DRA. CECI MARIA COSTA BAPTISTA MARIANI – PRESIDENTE (PUC-CAMPINAS)

## AGRADECIMENTOS

A meus pais, que me deram a dádiva de viver.

À Congregação Filhas de Jesus da qual pertenço e a qual, a partir de sua espiritualidade, ajudou-me a conhecer internamente com mais profundidade a pessoa de Jesus e seu projeto de vida, como também, apresentou-me Cândida Maria de Jesus, inspiradora não apenas do projeto de pesquisa como também do meu projeto de vida. À irmã Sônia Maria Soares da Rocha - Superiora Provincial da Província Brasil-Caribe: meu agradecimento por me motivar, acompanhar e apoiar na vida acadêmica para melhor Amar e Servir aos demais.

A minha orientadora da pesquisa Dr.<sup>a</sup> Ceci Maria Costa, que, com paciência, criatividade, incentivo e sabedoria me conduziu através das perguntas e desafios da pesquisa.

Ao departamento de Ciências da Religião da PUC – Campinas, especialmente representado na pessoa do professor Dr<sup>o</sup> Douglas Ferreira Barros, diretor deste departamento que, com responsabilidade, compromisso, estratégia e ciência acadêmica soube acompanhar metodologicamente o grupo de estudantes e pesquisadores da área.

Aos professores e professoras do programa, pela riqueza de debates e reflexões.

A meus amigos, que muitas vezes escutaram minhas dúvidas, minhas inspirações, minhas paixões e inquietações em relação à pesquisa.

A todos os educadores do Instituto Educacional Imaculada em Campinas, os quais me ajudaram a tornar vivo o estudo acadêmico no cotidiano da rotina escolar.

*O sagrado é uma categoria explicativa e valorativa que, como tal, se apresenta e nasce exclusivamente na esfera religiosa. É certo que interfere em outras, por exemplo, na ética; mas não procede de nenhuma. É complexa, e entre os seus diversos componentes contém um elemento específico, singular, que escapa à razão [...] e que é inefável; ou seja, completamente inacessível à compreensão por conceitos*

Otto, 2007, p. 37.

## **Resumo**

Esta pesquisa é um estudo fenomenológico da recepção da espiritualidade inaciana a partir da atuação da mulher no século XIX, entre as quais se destaca Cândida Maria de Jesus. A pesquisa tem o objetivo de recuperar a memória e atuação feminina de Cândida Maria de Jesus no campo da educação a partir da recepção da espiritualidade inaciana evidenciando, por meio da sistematização dos elementos espirituais encontrados, uma contribuição original, de caráter espiritual e educativo na formação cristã e integral do ser humano para uma sociedade mais humana, justa e solidária. A metodologia é de cunho bibliográfico, sobretudo na contextualização e análise crítica do tema, como também – e principalmente – documental; ou seja, faremos uma aproximação fenomenológica dos escritos de Cândida Maria de Jesus, desde cartas e apontamentos espirituais até algumas orientações deixadas por ela em relação à educação cristã. Um dos resultados esperados desse projeto é a elaboração de uma dissertação que demonstre a sistematização dos elementos encontrados acerca da recepção feminina da espiritualidade inaciana em Cândida Maria de Jesus, que justifica e evidencia sua atuação no campo educativo. A pesquisa se insere na discussão acadêmica sobre a atuação feminina no campo educativo a partir de uma espiritualidade e apresenta uma contribuição acadêmica original, haja vista a escassez de pesquisas, trabalhos e reflexões em torno do tema.

**Palavras-chave:** formação; mulher; espiritualidade inaciana; educação.

COIMBRA HELENA, PATRÍCIA. **A recepção feminina da espiritualidade inaciana por Cândida Maria de Jesus e sua atuação na educação.** 2023. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.

## **Abstract**

This research project is a phenomenological study about the reception of Ignatian spirituality based on women's works in the 19th century, among which Cândida Maria de Jesus stands out. The research aims at recovering the memory and the work of Candida Maria de Jesus in the field of education, starting from the reception of the Ignatian spirituality. Through the systematization of the spiritual elements found, it shows an original contribution of a spiritual and educational character in the Christian and integral formation of the human being for constructing a more humane, more just and more solidary society. The methodology of this research is bibliographical, especially in the contextualization and critical analysis of the theme to be studied regarding the condition of women in the 19th century, as well as documental, which is the main methodological reference, i.e., we will make a phenomenological approach to the writings of Candida Maria de Jesus through her letters and notes, and also through some of her guidelines about Christian education. One of the expected results of this project is a dissertation that demonstrates the systematization of the elements found in the feminine reception of Ignatian spirituality by Candida Maria de Jesus, which justifies and evidences her performance in the educational field. This paper aims to contribute to the academic discussion about the feminine work in the educational field, in a way that approaches spirituality as an original academic contribution in the absence of research, studies or discussions around the theme of the Ignatian spirituality feminine reception and its impact in the educational field.

**Keywords:** development; women; spirituality; education.

## **Lista de abreviaturas e siglas**

CEC – Conselhos para a Educação Cristã ( JESUS, 1980)

CMF – Cartas Madre Fundadora (LUCIA, 1983)

CEAAL – Conselho de Educação Popular de América Latina e Caribe (2015)

CFI – Constituições Filhas de Jesus (ROMA, 1985)

CGE – Capítulo Geral Especial (ESPECIAL, 1989)

DNC – Diretrizes e Normas Complementares (ROMA, 1985)

NMPE – Nosso Modo Próprio de Educar (FILHAS DE JESUS, 1994)

VCFI – Vocabulário das Constituições Filhas de Jesus (FILHAS DE JESUS, 1989)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	09
<b>CAPÍTULO I – CÂNDIDA MARIA DE JESUS NO SÉCULO XIX</b>	12
<b>1.1 A condição feminina no século XIX</b>	13
<b>1.2 O lugar da mulher na educação</b>	25
<b>1.3 Nas tramas do tear tece-se a história da mulher religiosa Cândida Maria de Jesus</b>	32
<b>CAPÍTULO 2 – NARRATIVAS EPISTOLARES INACIANAS DE CÂNDIDA MARIA DE JESUS</b>	34
<b>2.1 Cartas uma forma de sociabilidade, escritas da vida cotidiana</b>	34
<b>2.2 Conversações e acompanhamento espirituais</b>	38
<b>2.3 Filiação – uma forma específica de se relacionar com Deus</b>	46
<b>2.4 Um modo de ser em discernimento</b>	52
<b>CAPÍTULO 3 – A ATUALIDADE DA PROPOSTA DE CÂNDIDA MARIA DE JESUS NA CONTEMPORANEIDADE</b>	59
<b>3.1 O contexto educacional da sociedade em que vivemos. Desafios e avanços</b>	61
<b>3.2 A educação católica e o Nosso Modo Próprio de Educar</b>	65
<b>3.3 O discernimento como modo de proceder nos processos educativos</b>	76
<b>3.4 A conversação espiritual como cultura do encontro nos processos educativos</b>	81
<b>3.5 Acompanhar para discernir e responder aos desafios educacionais à luz da inspiração carismática de Cândida Maria de Jesus</b>	87
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	93
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	96

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação, desenvolvida a partir Ciências da Religião, tem como tema a recepção feminina da espiritualidade inaciana por Cândida Maria de Jesus e sua atuação na educação. Seu objetivo é sistematizar, a partir de cartas escritas por ela, alguns elementos da espiritualidade inaciana que contribuíram para sua atuação na educação.

As Ciências da religião utilizam métodos científicos, como a observação, a pesquisa documental e análise quantitativa para estudar e compreender o fenômeno religioso em sua totalidade, incluindo seus aspectos históricos, sociais, culturais e psicológicos.

A pesquisa estabelece uma relação entre a espiritualidade e educação, a teologia ofereceu ao este estudo elementos para uma compreensão mais profunda do conceito de espiritualidade, bem como suas implicações para a educação e como ela pode ser desenvolvida.

A dissertação insere-se na discussão acadêmica sobre a atuação feminina no campo educativo a partir de uma espiritualidade, e oferece uma contribuição original frente à escassez de pesquisas, trabalhos e reflexões em torno do tema. Assumimos durante toda a pesquisa a perspectiva de gênero buscando perceber a condição da mulher no século XIX.

Para isso, recorreremos às abordagens históricas sobre a atuação da mulher na sociedade e na Igreja que permitiram colocar em evidência a misoginia, opressão e subordinação que sofreram as mulheres. Veremos que a necessidade de recuperar a memória da atuação feminina na história revela uma negação histórica no tocante ao lugar da mulher na sociedade, sobretudo na esfera religiosa.

A metodologia da pesquisa é de cunho bibliográfico, sobretudo na contextualização e análise crítica do tema, como também – e principalmente – documental; ou seja, fizemos uma aproximação fenomenológica dos escritos de Cândida Maria de Jesus, desde cartas e apontamentos espirituais até algumas orientações deixadas por ela em relação à educação cristã.

Temos como principais referenciais teóricos Michele de Perrot, Pilar Ballarín e Mary del Priore, historiadoras que contribuíram para uma nova perspectiva sobre a história, vida e atuação de Cândida Maria de Jesus na Igreja e na sociedade no século XIX a partir de uma experiência religiosa.

A biografia de Cândida Maria de Jesus (TOMERO, 1998), escrita por María del Carmen de Frias Tomero, filha de Jesus, postuladora da causa de sua canonização, forma parte da documentação relativa a esse processo, daí sua natureza como obra de investigação.

Trata-se de uma hagiografia (*hagios* = santo; *graphia* = escrita), um termo utilizado para designar um gênero literário e documental de natureza religiosa. No dicionário de Ciências da Religião, encontraremos o termo bem definido. A hagiografia nos traz um estudo de natureza como obra de investigação e é sistematizada em nível acadêmico. Trata-se de um material de muita veracidade, coletado de maneira especial para a Canonização de Cândida Maria de Jesus, ocorrida durante o pontificado de Bento XVI, em outubro de 2010.

Temos como fonte principal de nosso estudo fenomenológico uma coleção de 476 cartas escritas pela fundadora da Congregação das Filhas de Jesus. Este é o referencial metodológico principal: fizemos uma aproximação fenomenológica de suas cartas e, por meio delas, apresentaremos os elementos inacianos que inspiram e evidenciam sua atuação no campo educativo.

Para facilitar e iniciar a leitura e análise de suas cartas, selecionamos, no índice analítico de ideias das cartas, alguns verbetes que nos pareceram importantes para esta pesquisa. A análise das cartas a partir da seleção desses verbetes nos trouxe alguns elementos essenciais da espiritualidade inaciana que inspiraram a expansão missionária de toda a obra educativa de Cândida Maria de Jesus. Os verbetes selecionados foram:

- exercícios espirituais;
- alunas;
- companhia de Jesus;
- educação cristã;
- espírito apostólico;
- filiação.

Suas cartas escritas no princípio da obra educativa empreendida por ela eram direcionadas a outras mulheres religiosas que assumiram como projeto de vida o seguimento de Jesus a partir da experiência religiosa carismática vivida por Cândida Maria de Jesus desde uma espiritualidade concreta na história: a espiritualidade inaciana.

Ao lê-las, logo vamos perceber o espírito inaciano com o qual se comunicou em suas cartas e que desejou expressar em toda a ação apostólica do instituto.

No primeiro capítulo, veremos o contexto, a condição da mulher no século XIX, situando dentro desse contexto a atuação de Cândida Maria de Jesus. No decorrer do capítulo, tecemos o ambiente educacional que era possibilitado à mulher nesse período, buscando desvelar as tensões e conflitos existentes em relação à condição feminina.

Fizemos o levantamento dos contextos histórico, social, cultural e religioso na Espanha na qual nasceu e viveu Cândida Maria de Jesus (de 1845 a 1912), assumindo os

limites da história, com bem explicita Pilar Ballarín (2001) e Perrot (2019), tendo em vista o *silêncio histórico* – as mulheres não eram mencionadas no espaço público, político e religioso – e o *silêncio das fontes* – o acesso à escrita para a mulher foi tardio assim como foi para Cândida Maria. Ainda na introdução do capítulo, fizemos uma breve apresentação de Cândida Maria de Jesus, pois, em seu desenvolvimento vamos encontrá-la muito relacionada ao contexto e à circunstância histórica de seu tempo.

O segundo capítulo, que tem como título “Narrativas epistolares inicianas de Cândida Maria de Jesus”, é considerado o capítulo central da pesquisa, pois, por meio de suas cartas, buscamos sistematizar os elementos espirituais inicianos recebidos por ela e deles nos apropriar. Neste capítulo, procuramos sistematizar os elementos encontrados nas narrativas epistolares de Cândida Maria de Jesus.

Os elementos inicianos encontrados são: conversações espirituais, acompanhamento espiritual e discernimento. Esses três elementos aparecem em suas cartas de forma clara, concreta e precisa. Eles aparecem em um itinerário de conversações espirituais estabelecendo um processo de acompanhamento e discernimento; logo, para sistematizar esses elementos tivemos que analisar as cartas conjuntamente e não de forma isolada. Esses elementos irão nos conduzir ao terceiro capítulo.

Neste, o último de nossa dissertação, tais elementos espirituais serão desenvolvidos a partir da atuação feminina de Cândida Maria de Jesus na educação até os dias atuais, ou seja, veremos como esses elementos estão aplicados na prática educativa de Cândida Maria, possibilitando-nos uma releitura de sua atuação na contemporaneidade, a qual, mais uma vez parafraseando, Perrot (2019), continua em uma narrativa histórica em construção.

Cândida Maria de Jesus, em sua inspiração carismática, não desenvolveu um sistema educacional como outras mulheres de seu tempo. O que buscaremos desenvolver a seguir é o modo próprio de atuar na educação a partir dos elementos encontrados, ou seja, como esses elementos são aplicados em sua atuação educacional.

## CAPÍTULO I – CÂNDIDA MARIA DE JESUS NO SÉCULO XIX

Neste capítulo, tornaremos visível a trajetória religiosa de alguém que rompeu as fronteiras de seu tempo, de suas circunstâncias históricas e, com sua atuação, respondeu às vozes esquecidas de seu tempo, a formação das mulheres.

A biografia analisada de Cândida Maria de Jesus trata-se de uma hagiografia, ou seja, de um texto literário e documental de natureza religiosa, polarizado em torno da história, do culto ou da devoção aos santos, comportando propósitos didáticos, edificantes, apologéticos e, não raras vezes, litúrgicos.

Cândida Maria de Jesus nasceu em Andoain (Guipúzcoa, Espanha), no dia 31 de maio de 1845. Foi a primeira filha de uma humilde família de tecelões. Sua experiência de fé foi sendo tecida desde muito pequena em seu ambiente familiar cristão, mais especificamente desde a recepção da Espiritualidade Inaciana, que, no decorrer da dissertação, buscaremos caracterizar.

Em 1869, no desabrochar de sua juventude, Cândida Maria de Jesus conheceu o padre jesuíta Miguel José Herranz, que, há algum tempo, diante do contexto espanhol, pensava ser necessário fundar uma congregação religiosa que se dedicasse à educação cristã de meninas. Miguel José Herranz vê em Cândida Maria possibilidades para tal empreendimento, mesmo ela sendo semianalfabeta e não dominando completamente o castelhano, pois sua língua materna era o euskera, língua oficial da região basca.

No dia 2 de abril desse mesmo ano, na Igreja do Rosarillo em Valladolid, em oração diante do altar da Sagrada Família, a jovem Cândida Maria de Jesus entendeu claramente que devia fundar uma congregação com o nome “Filhas de Jesus” dedicada à salvação das almas por meio da educação e instrução da infância e da juventude.

Como poderia ela, doméstica, com pouca instrução, ser a fundadora de um instituto dedicado à educação cristã da criança e da juventude? Qual teria sido a força que a moveu a uma tarefa à qual não era habilitada? Por que a formação de mulheres? Sua atuação na educação vai ao encontro de um problema fundamental do século XIX: a condição e formação das mulheres e da juventude, que ainda hoje continua sendo tema de discussões.

No dia 8 de dezembro de 1871, em Salamanca, na Espanha, Cândida Maria de Jesus, junto com cinco religiosas, fundaram a Congregação das Filhas de Jesus com a missão da educação cristã da infância e da juventude de todas as classes sociais.

Em 1874, inauguram a primeira escola e, nos anos seguintes, outras foram abertas por toda a Espanha. Cândida Maria se vê então confrontada pela questão da educação de meninas e moças e enfrenta a tarefa de formar mulheres.

Uma tarefa ousada, pois, segundo a própria Cândida Maria:

numa época em que a mulher não pisava nas universidades, já pensava na necessidade de que as religiosas adquirissem títulos superiores para nossas escolas. E assim o fiz, quando nossa Congregação se consolidou um pouco mais [...]. Segundo os dados estatísticos da época, mais de sessenta por cento das mulheres (na Espanha) eram analfabetas. E nisso eu não poupei esforços para que minhas religiosas se preparassem e pudessem assim, abrir colégios onde a juventude se instruisse e se educasse (CAVALCANTI, 2003, p. 69).

Nesse contexto, vale destacar que a finalidade educativa de sua obra não só responde a um imperativo pastoral da Igreja, mas também à sensibilidade geral do século: a educação é condição indispensável de melhora moral do povo. Cândida Maria, ao fixar como objetivo primeiro o ensino católico, entrava nesta corrente eclesial suscitada pelas vozes esquecidas desse tempo.

A seguir, começaremos a trabalhar sobre o tecido histórico, social e religioso da condição feminina no século XIX, encontrando nele a religiosa Cândida Maria de Jesus<sup>1</sup>.

## **1.1 – A condição feminina no século XIX**

Nesta pesquisa conheceremos a mulher religiosa Cândida Maria de Jesus, ou seja, com o novo nome recebido por ela em sua inspiração religiosa fundacional. Este nome recebido, Cândida Maria de Jesus, está relacionado diretamente a ela como fundadora da Congregação das Filhas de Jesus<sup>2</sup>.

Enquanto muitas pesquisas acadêmicas centram-se em grandes autores, filósofos ou intelectuais, esta pesquisa está centrada em uma mulher de origem simples e condição humilde, uma biografia que por sua condição feminina não teve ressonâncias nos ecos da

<sup>1</sup> Todo o material pesquisado em relação a Cândida Maria de Jesus se encontra em espanhol.

<sup>2</sup> Desde a fundação, foi conhecida a fundadora com este nome: Cândida Maria de Jesus. Estando em oração no dia 2 de abril de 1869 (uma sexta-feira santa à tarde diante da imagem da Virgem do Rosário na igreja do mesmo nome em Valladolid, escutou distintamente uma voz que dizia: na religião seu nome será Cândida Maria de Jesus. Ao escutar isto, a nova fundadora respondeu: Maria de Jesus sim; mas Cândida, não. A esta oposição, escutou a voz novamente, a qual dizia: “Cândida Maria de Jesus quero que te chames, minha filha”. A resistência da futura fundadora por chamar-se Cândida, segundo ela mesma manifesta demonstra a sensibilidade que nela era inata, pois não provinha de outra causa mais que o haver escutado que em seu povo havia um homem que tinha o costume de embriagar-se, e este homem se chamava Cândido; este foi o motivo de recusar o nome Cândida, crendo que todos os que levavam esse nome eram maus, pois ela desejava ser muito boa. Ademais, a troca de nome era também um costume das congregações religiosas. Quando, em 31 de maio de 1845, ela nasceu, seu nome de batismo era Joana Josefa Cipitria y Barriola (TOMERO, 1988, p. 11, 124).

sociedade de seu tempo. Uma mulher que viveu no anonimato e cujas vivência e atuação fundamentadas na sua experiência religiosa responderam, no entanto, às vozes esquecidas e caladas de seu tempo, estendendo-se hoje por 18 países do mundo.

Como já mencionamos, o estudo fenomenológico da recepção feminina da espiritualidade inaciana leva-nos ao encontro de um problema essencial no século XIX que não podemos ignorar.

Uma mulher que se confronta com as mudanças e tensões de seu tempo e vai tecendo sua história. Uma mulher escondida em seu tempo. Como diz Perrot (2019), a mulher era uma desconhecida antes do século XX. Mais uma vez as perguntas fundamentais de nossa pesquisa norteiam o nosso trabalho, as quais repetimos abaixo.

Como poderia ela, doméstica, com pouca instrução, ser a fundadora de um instituto dedicado à Educação Cristã da Criança e da Juventude? Qual teria sido a força que a moveu a uma tarefa para qual não estava habilitada? Por que a formação de mulheres?

Conforme as autoras pesquisadas, as mulheres tiveram que esperar até o final do século XIX para verem reconhecidos seus direitos à educação e muito mais tempo para ingressar nas universidades.

No estudo fenomenológico de nossa pesquisa, encontramos elementos que caracterizam e situam a condição da mulher no século XIX, de forma especial, na Espanha, terra onde, em 1845, nasceu Cândida Maria de Jesus.

Este capítulo vai se tecendo com a colaboração de autoras, historiadoras, filosofas e teólogas como Pilar Ballarín (2019), Mary del Priore (2014), Edith Stein (2020) e Michelle Perrot (2019), como também da biografia de Cândida Maria de Jesus por Maria del Carmen de Frias Tomero (1988), religiosa da Congregação das Filhas de Jesus. Portanto, vamos discorrer sobre alguns elementos que tecem este momento histórico, analisando as condições de vida e educação da mulher na Europa. E neste tecido, enraizado na história, vamos delineando a mulher religiosa Cândida Maria de Jesus.

Pilar Ballarín, filósofa espanhola que centrou sua investigação na história da educação das mulheres na Espanha, em um de seus artigos (2019), constatou que o processo de industrialização que ocorreu na Europa nos finais do século XVIII só chegou na Espanha no início do século XX; desta forma, a Espanha permaneceu no século XIX eminentemente agrícola. É nesse contexto social que encontramos Cândida Maria de Jesus.

Seu pai, Juan Miguel, realizava em sua própria casa o ofício de tecelão. Era um artesão que, com o seu trabalho, mantinha a família honradamente. Sua biografia (TOMERO, 1988, p. 13) revela sua condição modesta: pertencia às classes populares compostas por

campeiros, jornaleiros artesãos e obreiros, que constituíam então aproximadamente 95% da sociedade espanhola. Sua mãe era Maria de Jesus e ocupava-se com os serviços domésticos.

Nessa mesma linha de pensamento em que estão Pilar Ballarin e Tomero em relação às famílias camponesas, segue Perrot:

Por muito tempo aparentemente imóvel, a vida nos campos muda e a das mulheres também. Por influência do mercado e das comunicações. Pela industrialização. O êxodo rural afetava as mulheres. Não somente porque elas continuam no campo. Pois elas também participavam do êxodo. As jovens sobretudo. Seus pais as colocavam como criadas em propriedades rurais ou como criadas na cidade, por intermédio do vigário, do senhor do castelo ou de um primo; mas também na fábrica. Fábricas de seda, e tecelagem. Para tranquilizar as famílias camponesas de onde eram originárias as jovens, havia internatos cuja supervisão foi confiada a religiosas. A disciplina era estrita, detalhada em seus regulamentos, e a prática religiosa era obrigatória. As moças ali permaneciam por muitos meses sem ir para casa, e suas famílias recebiam diretamente o seu salário. Esse dinheiro a mais era muito apreciado e contribuiu para revalorizar a estima das moças na economia familiar (PERROT, 2019, p. 113).

Nessa condição de êxodo, encontra-se a família Cipitria Barriola e conseqüentemente a jovem Cândida Maria de Jesus; cabe lembrar que, segundo Perrot, as camponesas são as mais silenciosas das mulheres, imersas na hierarquia da sociedade patriarcal: são poucas as que emergem do grupo, pois fundem-se com a família, com os trabalhos e os dias de uma vida rural que parece escapar da história. A biografia sistematizada por Tomero narra as mesmas condições sociais e econômicas que Perrot e Pillar Balarin nos introduzem. Segundo Tomero:

A instabilidade e as intrigas políticas da Espanha repercutem na vida e na economia de todos os rincões espanhóis. São tempos de escassez e penúria e o tecedor não prospera naquela pequena vila. A incipiente indústria de tecido que se começou a implantar fez com que os serviços do tecedor caseiro fossem menos solicitados. (TOMERO, 1988, p. 26, tradução nossa).

Ali, segundo a biografia, em Andoain, seu lugar de nascimento, já começa a implantar-se a indústria de tecido, o que faz com que o tecedor caseiro seja cada vez menos solicitado e cheguem cada vez menos materiais para seu trabalho, tornando escasso o dinheiro em Andoain. Conta-nos Tomero:

Decide-se. Eles vão sair de Andoain. Bastam umas horas para desarmar e embalar o pobre enxoval. Empréstam-lhes uma carroça velha e alguns grandes bois lentos. De manhã, o homem, ajudado por Maria de Jesus calada como nunca, esta carregando as camas, as cadeiras, os teares, alguns fardos. Logo apressam as meninas que se alegram porque aquilo é novo. Fecha-se a porta de Andoain. E nos olhos de Maria Jesus algumas lágrimas aparecem. E existe nos olhos de Juan Miguel um seguro lampejo de esperança, isto em 5 de agosto de 1852. Cândida Maria de Jesus, sendo ainda muito jovem, deixou sua terra natal para trabalhar como doméstica em casas de famílias com o objetivo de colaborar com a renda familiar, abstendo-se da oportunidade de estudar. O ambiente acadêmico, neste contexto, era quase exclusivamente masculino. (TOMERO, 1988, p. 26, tradução nossa).

De acordo com Ballarín (1989, p. 71), a incorporação laboral das mulheres com a chegada do processo de industrialização não proporcionou independência, já que a participação feminina no setor trabalhista não é uma opção, mas uma necessidade que a fará abandonar o que era considerado sua obrigação familiar: a casa e os filhos.

A esta mesma constatação segue Mary del Priore (2014, p. 136) em seu livro *Histórias e conversas de mulher*, sinalizando que, neste período histórico, a preocupação era convencer a mulher de que o amor materno era inato, puro e sagrado, e que apenas por meio da maternidade e da educação dos filhos ela realizava sua “vocação natural”.

Aqui, as mudanças que ocorrem com a chegada da industrialização levam-nos a perceber a mulher em diálogo com as novas relações trabalhistas. A industrialização cria uma tensão naquilo que era compreendido como vocação ou natureza da mulher. A industrialização problematizou a natureza feminina.

Outra de nossas autoras pesquisadas que enriquece o tecido em que se encontra a mulher no século XIX é Edith Stein. Em seus estudos investigando a essência e a missão da mulher, descreve-a com uma finalidade tripla: o desdobramento de sua humanidade, de sua feminilidade e de sua individualidade. Conforme Stein, a mulher “por natureza, é chamada a desempenhar o papel de esposa e mãe. Ser esposa significa ser apoio e segurança como companheira do marido, da família e da comunidade humana. Ser mãe tem o sentido de cuidar e desenvolver a verdadeira humanidade” (STEIN, 2020, p. 18).

A autora leva-nos a perceber que, se a vocação da mulher consiste em proteger a vida e manter unida a família, ela não pode ficar indiferente às formas de vida assumidas por povos e nações; assim, o âmbito da ação das mulheres ampliou-se, em poucas décadas, do lar para o mundo e, em relação à formação das moças, deve-se exigir uma preparação adequada para uma tomada de posição frente às questões da vida pública. Para Stein (2020, p. 52), a maneira peculiar de ser mulher destina-a a uma missão sublime: desenvolver em si e nos outros a verdadeira humanidade; e continua, dizendo que todas as mulheres têm sua individualidade e sua predisposição tanto quanto o homem, e essa predisposição capacita-a para essa ou aquela atividade artística, científica, técnica etc.

Durante séculos em que as mulheres não conheciam outra profissão que não fosse a da esposa, mãe ou da religiosa, era natural que a formação das moças se orientasse para esses objetivos, que as moças fossem introduzidas no trabalho doméstico e nos exercícios de piedade, na família ou no convento, sob a direção de donas de casa ou de freiras, preparando-as assim para sua futura função. As mudanças na vida econômica, ocorridas no século XIX, acabaram simplificando de tal maneira a vida doméstica que esta já não constituía um campo de atuação suficiente para todas as forças da mulher (STEIN, 2020, p. 103).

Voltemos à família Cipitria Barriola, que sai de Andoain e chega a Tolosa. Segundo Tomero (1988), a partir dos dados históricos encontramos a menina Cândida Maria cuidando das irmãs menores. Mary del Priore (2014) identifica que a maior parte das meninas não aprendia a ler. Ensinar-lhes a fazer rendas, bordado e costura é o mesmo que afirma Tomero em relação aos dados da infância:

Podemos supor que Cândida Maria colaboraria com sua mãe realizando as atividades próprias de seus anos, no cuidado de suas irmãs menores, ocupação que sem dúvida deixou pouco espaço para sua formação escolar. Talvez esta ajuda de sua filha mais velha tenha permitido a Maria Jesus, sua mãe, sair para trabalhar algumas horas fora de sua casa (TOMERO, 1988, p. 27, tradução nossa).

Sua mãe, Maria Jesus, trabalhava como doméstica e, mais tarde, em Burgos, sua filha Cândida Maria de Jesus encontra uma família que a acolhe como empregada doméstica. Em que consistia o trabalho doméstico nesse tempo? E que acentos e contornos de uma experiência religiosa vamos percebendo em Cândida Maria de Jesus?

Conforme Perrot (2019, p. 115), o trabalho doméstico é fundamental na vida das cidades e na vida das mulheres. É responsabilidade delas e é um peso em sua identidade: a dona de casa perfeita é o modelo sonhado da boa educação. Nesse tempo, o caráter doméstico marca todo o trabalho feminino: a mulher é sempre uma dona de casa. Perrot aborda três figuras do trabalho doméstico: a dona de casa de origem humilde, a dona de casa burguesa e a criada, que atualmente deu lugar à empregada doméstica ou diarista. É nesta terceira figura que está inserida Cândida Maria de Jesus, que vai também trazendo consigo em sua adolescência, entre 16 e 17 anos, traços característicos de uma experiência religiosa.

Cândida Maria conviveu também com seus avós. Essa convivência era garantia de uma educação religiosa muito esmerada e detalhista. Assim conta-nos Tomero:

Nossas avós sempre cuidam estupendamente da formação religiosa de seus netos, quando convivem com eles. O sinal da cruz, o terminar de vesti-los a cada manhã, quando eles ainda não são capazes de fazê-lo por sua própria conta, mas obrigando-os a repetir as fórmulas de costumes em um exultante “viva Jesus”, seguido de um sonoro beijo na bochecha da menina, eram costume todas as manhãs. Ao deitar, a menina repetia a mesma oração, desta vez com uma invocação mais larga, muito típica, que dizia assim: “Jesus, Maria e José, Santa Ana e São Joaquim: que os cinco sejam conosco e nós com eles, para ir juntos ao céu (TOMERO, 1988, p. 22, tradução nossa).

Vamos encontrando na personalidade de Cândida Maria de Jesus alguns acentos e contornos de sua experiência religiosa que nos acompanharão durante toda a pesquisa. Uma experiência religiosa que não está acabada, que vai se consolidando ao longo de sua trajetória e que possui uma relevância muito forte em seu projeto de vida que se expande e consegue consolidar toda uma obra educativa.

Uma experiência religiosa muito enraizada no contexto-histórico religioso de seu tempo. Aprendeu a viver sua condição cristã com profundidade, dentro de um ambiente familiar de muita simplicidade. Recebeu instrução religiosa através de sua mãe e sua avó materna. Instruir na fé e na moral era também uma responsabilidade das mulheres desse tempo. Recebeu, de seus pais, o exemplo de honra e humildade e, como primogênita, contribuiu também na instrução religiosa cristã de suas irmãs. Segue Tomero:

Ainda se pondera muito seu analfabetismo inicial; cremos que, aos cinco, seis anos a avó havia cuidado de enviá-la à escola de párvulos, na qual uma professora sem título encarregou-se de ensinar memoristicamente o catecismo, além de um elementar conhecimento do alfabeto no cartaz, cujo título foi o sinal da cruz, sinal ao qual tecnicamente se chamava Jesus (TOMERO, 1998, p. 25, tradução nossa).

Outro acento bem definido em sua infância e adolescência, que será característica muito marcante de sua espiritualidade como fundadora e que incide também na expansão de sua obra educativa é sua relação com Maria. Tomero (1998, p. 30) nos recorda que o contexto histórico-religioso na Espanha estava contribuindo com sua teologia para a definição dogmática da Imaculada, e isto se vivia no ambiente com uma força grande. No dia 8 de dezembro de 1854, definia-se o dogma de fé por Pio IX.

Sua relação com Maria foi muito afetiva, como contam-nos seus relatos de infância. A religiosa filha de Jesus Josefa Machiñena deixa-nos seu testemunho contado por Angela Cipitria Barriola, irmã de Cândida Maria de Jesus, que, após a morte da fundadora, substituiu-a no serviço de superiora geral da Congregação das Filhas de Jesus.

Escutei muitas vezes a sua irmã Angela dizer que quando tinha Cândida Maria 4 anos, estando fechadas as portas da casa, ela saiu e foi ao monte que está perto de Berrospe. Chamou a atenção que, sem abrir as portas saiu de casa. Durante todo o dia estiveram buscando a menina seu pai e um tio em um caminho por onde não passavam carros e, quando a encontraram, seu tio lhe perguntou: “Onde você esteve? E por que fez isso?” E a menina respondeu em euskera: “Ama Virgüñaquin izeguiten egonaiz”, que quer dizer: “Com a Virgem estive falando” (TOMERO, 1998, p. 23, tradução nossa).

Essa relação afetiva com Maria, ela soube transmitir muito bem às suas irmãs. Em sua inspiração carismática educativa, a devoção a Maria foi também uma chave importante na educação cristã.

Em todas as cartas que escreveu, começou sempre com uma invocação a Maria: “Que a puríssima Virgem nos cubra com seu manto”. Também não podemos deixar de evidenciar a homilia feita pelo Pe. Herranz no dia da fundação, quando se remete a Maria como estrela de seus caminhos na obra educacional. Estas foram as suas palavras:

Serão lançadas as bases, disse, de um edifício cuja concepção não é humana, deve-se à inspiração divina, e cuja execução será à custa de sacrifícios imensos, pela maior

glória de Deus e bem espiritual das almas. Aqui estão estas cinco<sup>3</sup> servas de Deus que, amparadas por Jesus Cristo, cujo nome desejam levar, pois se chamarão Filhas de Jesus, e sobre sua proteção e de Maria Imaculada, vão cultivar o jardim da infância e da juventude feminina por meio de piedade e de letras. Seu apostolado há de ser fecundo pelo ensino do catecismo e de todas as demais coisas necessárias às jovens cristãs. Vêm sozinhas sem recursos humanos, confiadas unicamente naquele que tudo pode, porque Ele e somente Ele é quem inspirou e quer implantar na sua Igreja este humilde exército para contrariar as fatais influências que desencadearam sobre nós a revolução. Permaneçam sempre nos pensamentos e desejos que hoje dominam seus corações, levando sempre por estrela de seus caminhos Maria Imaculada. Deus escolheu esta cidade de Salamanca para que seja o berço de seu nascimento; esperamos no Senhor que seja bem recebida a nova congregação e que, para glória de Deus, bem das almas e esplendor de Salamanca, aqui se enraíze, cresça, desenvolva e frutifique sobre o amparo de Santa Tereza de Jesus (TOMERO, 1988, p. 120, tradução nossa).

Nas reflexões de Stein em relação à natureza feminina, encontramos uma identificação da mulher com a pessoa de Maria:

Sendo Maria o protótipo da mais pura feminilidade, cabe à formação feminina ter como objetivo a imitação de Maria, seguir Maria inclui a imitação de Cristo, pois foi ela a primeira a segui-lo e a imagem mais perfeita de Cristo. Por isso não são apenas as mulheres, mas todos os cristãos que devem imitar Maria. Para as mulheres, ela tem, porém, um significado especial: o de levá-las à sua forma adequada, feminina, da imagem de Cristo (STEIN, 2020, p. 179).

Neste sentido, Cândida Maria transmite essa experiência mariana às primeiras Filhas de Jesus em suas constituições:

Acolher-se-ão com devoção filial sob a proteção da Puríssima Virgem, nossa Mãe e Senhora. Imitando-a em suas virtudes, particularmente na humildade que tanto a engrandeceu aos olhos de Deus, deixarão que Ela lhes ensine a ser verdadeiras Filhas de Jesus. Expressar-lhe-ão essa devoção em sua vida pessoal e comunitária e cuidarão de que, em sua palavra e exemplo, aqueles a quem educam aprendam a conhecê-la e amá-la (CFI, 1985, art. 140, tradução nossa).

Tendo destacado alguns elementos de sua experiência religiosa que o contexto do século XIX nos traz, vamos identificando nele a religiosa Cândida Maria de Jesus, que agora encontra-se saindo de Toulouse para Burgos, não se sabe em qual data, provavelmente em 1865, quando trabalhou como criada para um magistrado.

Mas, antes de sair para Burgos é importante destacar como dentro das tensões vividas no contexto histórico e social da Espanha, vai se consolidando na jovem sua opção para a vida religiosa e não para o matrimônio. Em Tolosa, pode parecer uma casualidade, mas teve um sentido: o encontro com a imagem de Santo Inácio de Loyola na paróquia de Santa Maria, quando vê o livro das Constituições e diz: “Santo meu, quero fazer o que diz esse livro”; é um primeiro sinal de sua vocação que vem marcado com uma clave inaciana, uma espiritualidade que naquele momento não sabia que estava nascendo. Uma religiosa filha de Jesus, amiga de

---

<sup>3</sup> Eram cinco as que formavam o grupo: Cândida Maria de Jesus, Petra Piernavieja, Cipriana Vihuela, Gertrudes García, Emilia Torrecilla.

infância de Cândida Maria de Jesus, Martina Gabirondo conta que a colega “quando ia a Santa Maria em Tolosa, ficava olhando o altar de Santo Inácio, sem que ela conhecesse então que santo era, por ser muito pequena, e chamava muito sua atenção o livro, que tomava na mão e dizia: ‘Santo meu, eu quero fazer o que diz esse livro’” (TOMERO, 1988, p. 35, tradução nossa).

Aqui, uma intuição inicial, palavras que, se não são conscientes no sentido mais pleno, parecem estar revelando ao menos por onde vai Deus marcando um caminho. A relação entre esse gesto primeiro e a missão concreta que Cândida Maria de Jesus se sente chamada a cumprir será, para a fundadora, motivo de trabalho muitos anos depois. Segundo Tomero (1988, p. 36), temos, pois, dados para afirmar que essa espontânea projeção espiritual começa muito cedo em sua infância e vai continuar em Burgos e Valladolid, até que se cristalize na fundação da Congregação das Filhas de Jesus.

Outro dado importante a destacar neste momento diante dos acontecimentos de sua vida é o fato de que vamos encontrando na jovem sua opção fundamental, ou seja, uma decidida vocação religiosa. Certamente não imaginava que seria a fundadora da Congregação das Filhas de Jesus, mas intuía um caminho a seguir.

Com os fatos narrados em sua biografia, segundo Tomero (1988, p. 40), com 16 anos seus pais queriam que ela se casasse com um jovem com quem, por seus dotes e posição social, era muito conveniente o casamento; ela, porém, respondia que só queria por esposo Jesus: queria ser religiosa. Parece que essa opção pela vida religiosa foi causa de conflito na família e maus tratos por parte de seu pai, que a todo custo queria o casamento vantajoso que ela se negava a aceitar. “Eu, só para Deus”, dizia ela. Para evidenciar sua inclinação à vida religiosa, trazemos mais um relato de sua amiga de infância, a religiosa filha de Jesus que citamos acima, Martina Gabirondo, que nos conta: “Escutei que já desde menina Cândida Maria inclinava-se à vida religiosa, brincavam de ser religiosas e as outras meninas a nomeavam abadessa” (TOMERO, 1988, p. 35).

Nesta opção para a vida religiosa, a entrega da vida de Cândida Maria de Jesus nunca conheceu retrocessos; na última hora de sua morte, disse: “Quarenta e um anos de vida religiosa e não me recordo de um só momento que não tenha sido para Deus” (TOMERO, 1998). É a confirmação de que aquele desejo se havia cumprido.

Os dois elementos que acabamos de evidenciar, – o encontro com a espiritualidade inaciana e sua opção fundamental de vida – são muito importantes e vão nos revelando o fundamento espiritual quase ainda inconsciente em sua entrega da vida como religiosa.

Assim nos conta Tomero:

Acredito que, naquela mesma manhã em que contei ao Pe. Martin (vigário) o episódio, ele pensou que o melhor seria uma separação entre nós. Ou seja, que me afastasse de meus pais e do jovem, causas do conflito. Assim, como pretexto de ganhar alguma coisa para ajudar a família, devia afastar-me de Toulouse. Minha condição de filha mais velha, sem irmãos homens, me fazia sentir responsável, mas de nenhuma maneira me satisfazia a solução daquele casamento vantajoso. E aceitei sem dúvidas a proposta do Pe. Martin. Não foi fácil conseguir a aprovação de meus pais. Minhas irmãs Francisca Sotera, Maria Dominica e Angela ficavam com eles, mas também elas sentiam muito que eu as deixasse. As boas razões de Pe. Martin e a segurança de que eu iria ficar bem com uma família de toda a confiança, acabaram por convencê-los. Deixei pela primeira vez minha casa e minha terra. Compreendi naquele dia como era duro querer ser só para Deus (1988, p. 25, tradução nossa).

Perrot (2019, p. 117) constata que, historicamente, o trabalho doméstico chega a ser o principal setor de emprego das mulheres, e uma parte importante desse trabalho não é remunerado. As domésticas não são assalariadas como as outras. Com casa e comida elas recebem “retribuições” que lhes são passadas irregularmente, e estão sujeitas a descontos caso quebrem a louça ou estraguem a roupa. Sua jornada de trabalho é quase ilimitada. Há uma diversidade de empregadas domésticas: cozinheiras, camareiras, lavadeiras, ajudantes de cozinha, copeiras. As primeiras conseguem uma situação melhor, as últimas, dificilmente.

Talvez Cândida Maria, pela primeira vez, tenha chorado por dentro. Aquela decisão de ser só para Deus era exigente e dura para as suas circunstâncias concretas. Inicia uma trajetória de desprendimento e confiança em Deus. Não há dúvida que isso possa parecer uma fuga e até uma solução econômica segundo os cálculos humanos. A filha mais velha dos Cipitria vai a Burgos para ser ali criada de serviço. E quem a encaminhou a Burgos foi quem já era seu diretor espiritual, Pe. Martin Barriola (TOMERO, 1988, p. 50, tradução nossa).

Sobre o desejo da jovem mulher de entregar totalmente sua vida a Deus a serviço da pessoa humana – “Eu toda e só para Deus” – frente a uma oportunidade de casar-se, Stein, em seus estudos fenomenológicos sobre a natureza da mulher, conclui que

É esse o desejo profundo do coração feminino: entregar-se amando, tornar-se completamente propriedade de outrem e possuir plenamente esse outro. É nisso que se resume a inclinação para o elemento pessoal e para o todo que nos pareceu ser o traço especificamente feminino. Por isso mesmo, a entrega completa, princípio da vida religiosa, é ao mesmo tempo a única realização adequada possível do desejo feminino. A vida divina que se aloja na vida entregue a Deus, o amor que serve, que é misericordioso, que dá e promove a vida, corresponde perfeitamente àquilo que destacamos como sendo o *ethos* profissional que se exige da mulher (STEIN, 2020, p. 56).

Ela continua (p. 54) afirmando que além das atividades da mulher na vida doméstica, a vocação religiosa pode também ser considerada uma profissão feminina. Neste caso, a profissão religiosa é a entrega irrestrita do ser humano e da vida a serviço de Deus e está condicionada ao uso dos meios que tornam a pessoa apta a realizá-la: a renúncia a qualquer tipo de propriedade; a toda ligação e união vital humana, à vontade própria. Se a tarefa específica da mulher consiste na preservação e no desenvolvimento da vida humana e da

humanidade, então podem ser vistas como profissões especificamente femininas aquelas em que essa atuação é possível também fora do casamento (STEIN, 2020, p. 108).

Em relação à passagem de Cândida Maria pela família Montoya em Burgos, a primeira a que Cândida Maria serviu nesta cidade, os relatos coincidem ao afirmar que foi transitória a sua permanência ali (TOMERO, 1988, p. 51). Conta-nos uma religiosa da Congregação das Servas de Jesus, Maria de la Blanca Sabater, e por seu testemunho conhecemos a causa pela qual Cândida Maria deixou a família Montoya.

Ouvi dizer de minha família que sempre visitava os senhores de Montoya que as obrigações naquela casa não permitiam à jovem ir à Igreja e cumprir suas devoções. Então, um padre da Companhia de Jesus, de cujo nome não recordo, vendo que minha avó era das que primeiro iam à igreja pela manhã, propôs a ela que recebesse [Cândida Maria] em sua casa e dali não saiu até que tivesse tudo preparado para a fundação que iria fazer em Salamanca (TOMERO, 1988, p. 52, tradução nossa).

Os relatos históricos contam-nos que, quando Cândida Maria de Jesus chegou a Burgos, levou uma recomendação expressa de seu orientador em Tolosa, Pe. Martin Barriola: que buscasse para diretor espiritual algum padre da Companhia de Jesus; assim, estabeleceu uma relação espiritual com o Pe. Sureda, que tinha o cargo de vice-diretor do Seminário Menor de São Carlos e que, segundo testemunhos, pediu a Dona Hermitas Becerra de Sabater que acolhesse Cândida Maria como criada em sua casa.

Segundo os mesmos relatos, a influência que esta direção espiritual exerceu em Cândida Maria foi muito positiva (TOMERO, 1988, p. 52-53). Para nossa pesquisa, é de suma importância destacar como modo de proceder na espiritualidade inaciana o acompanhamento espiritual, que mais à frente aprofundaremos.

Neste momento em que se encontra Cândida Maria de Jesus em Burgos trabalhando como doméstica, já havendo feito a opção pela vida religiosa, o acompanhamento espiritual foi muito importante para sua vida em discernimento. Sobre este momento de discernimento espiritual, Blanca Sabater (1998, p. 53) nos diz: “Escutei dizer em minha família que ela costumava pedir a Deus nosso Senhor que lhe manifestasse que instituto religioso deveria abraçar.”

Nesse sentido, percebemos que a futura fundadora nem sequer vislumbrava a possibilidade de fundar uma congregação religiosa com a tarefa educativa. Segundo os dados históricos, em 1866, o Pe. Ramón Sureda sai de Burgos, e chega para substituí-lo o jesuíta andaluz mestre de noviços Pe. Rafael Juan (TOMERO, 1988, p. 53).

Na casa da família Sabater, que acolheu a jovem Cândida Maria até a fundação do instituto, segundo os relatos, havia muitos serventes; provavelmente seu papel na casa era de

dama de companhia de D. Hermitas e suas filhas e não somente criada. A religiosa Mercedes, do convento de Santa Isabel, aluna da Madre Cândida no colégio de Salamanca, declara:

Ouvi dizer a Dolores Sabater, companheira minha de internato no colégio de Salamanca, que a serva de Deus havia estado em sua juventude na casa de seus pais, creio que em Burgos, na qualidade de dama de companhia de D. Hermitas, criada de serviço que chegou a ser tratada como filha da casa (TOMERO, 1988, p. 54, tradução nossa).

Segundo esses relatos, podemos deduzir que Cândida Maria de Jesus representou para a família Sabater alguém de muita confiança, acompanhando D. Hermitas e suas filhas quando era necessário, realizando também trabalhos domésticos. Havia ainda na casa uma cozinheira e outro criado, até que as circunstâncias políticas, que deixaram desempregado o magistrado Sabater, obrigaram a família a prescindir deles, assumindo Cândida Maria o trabalho de todos.

Era tempo de revolução e, não querendo assinar a constituição dita anticatólica, o Sr. Sabater ficou sem emprego e sem dinheiro. Era perceptível na casa dos Sabater a dificuldade e estranhamento de Cândida Maria com o castelhano, sobretudo nos primeiros tempos de sua permanência em Burgos, fato explicável se recordamos que era basca e tinha como língua materna o euskera.

A expressão feminina que Cândida Maria deixou marcada na convivência diária, em seu modo de ser e servir naquela casa por debaixo da aparência do cotidiano, recorda-nos a imagem da mulher que Stein descreve como o ideal da alma feminina, o desdobramento de sua humanidade, de sua feminilidade, de sua individualidade.

De acordo com sua aptidão individual, a mulher pode cumprir de três formas a sua missão segundo a ordem natural: no casamento, no exercício de uma profissão, sendo que na formação humana deve ser considerada como a mais nobre atividade profissional da mulher, e sob o véu da esposa de Cristo (STEIN, 2020, p. 18-19).

Segundo Tomero (1988, p. 69), de 1868 a 1875 passou a Espanha por toda sorte de sistemas políticos e anarquias com nome de governo: juntas revolucionárias, governo provisional, cortes, constituintes, regência, monarquia eletiva, várias classes de repúblicas e diferentes interinidades, governos todos mais ou menos hostis à Igreja e alguns notáveis pela cruel perseguição proposta para apagar os resquícios do catolicismo na Espanha. Como visto, conforme vamos delineando a narrativa histórica de Cândida Maria, aproximamo-nos também das tensões vividas no contexto em que ela se encontra, as quais não podemos deixar de destacar. Afinal, a Espanha passava por uma revolução<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> A Espanha contemporânea inicia-se em 1808 com a guerra de independência. É neste período que nasce a fundadora da Congregação das Filhas de Jesus. A história eclesiástica da fundadora nos séculos XIX e XX é confusa e agitada: uma sucessão de perseguições religiosas durante as várias mudanças de governo,

Por esses caminhos tortuosos da revolução que comove a Espanha inteira, a família Sabater precisa deixar Burgos para ir a Valladolid. Lá estava a universidade considerada a primeira do país, e essa foi uma das razões que levou a família Sabater a transferir-se: que seus filhos pudessem estudar; Cândida Maria de Jesus, por sua vez, os acompanha. É Blanca Sabater, a religiosa que citamos acima, que nos conta que ao serem trasladados seus avós da Audiência de Burgos para a de Valladolid, visto que eram magistrados de Burgos, Cândida Maria foi com eles (TOMERO, 1988, p. 69).

Ainda segundo os fatos relatados por Tomero (Ibidem, p. 70), chega a Valladolid alguns meses depois o Pe. Miguel dos Santos San José Herranz, do colégio São Marcos de León. Tinha naquela comunidade o cargo de ministro. Por decisão da junta revolucionária de León, a comunidade dos jesuítas não pôde mais permanecer ali. A partir de 2 de outubro, data em que o reitor entregou formalmente o decreto da junta que havia acordado sua expulsão, foram saindo em grupos numerosos aqueles oitenta estudantes de teologia e filosofia e mais de trinta professores. Depois de Pe. Herranz cumprir sua missão de deixar bem custodiados em casa de amigos os bens do colégio que eram propriedade da Companhia, foi a Valladolid para unir-se à comunidade de jesuítas que regiam a paróquia San Norberto e tinham ali sua residência. Também aquela comunidade formada por nove jesuítas havia sido expulsa violentamente pela junta revolucionária de Valladolid. Pe. Herranz refugiou-se na casa de seu irmão Juan Herranz.

A história vai se construindo a partir das duras circunstâncias históricas, políticas e sociais. Em 1868, empurrada pelas sombras revolucionárias da Espanha, chega de Burgos a Valladolid a família Sabater e, com eles, Cândida Maria de Jesus.

Segundo Tomero:

No ano de 1868 o Sr. Sabater recebeu ordem de trasladar-se a Valladolid, o que fez acompanhado de sua família e Cândida Maria de Jesus. Este era o lugar onde se havia de dar o princípio da grande obra que Deus tinha preparado para a humilde e futura fundadora. Precisamente este ano 1868 teve lugar um fato notável na história pátria, a revolução de setembro que tantos desastres produziu. Algumas ordens religiosas foram expulsas da península, entre elas a esclarecida Companhia de Jesus. Cândida Maria de Jesus, que até então havia sido dirigida por padres Jesuítas em Burgos – por Pe. Sureda, depois por Rafael, por quem foi recomendada aos Valladolid –, quando os desta capital sofreram a dispersão, sentiu na alma ver-se privada deles e rogava com insistência ao Senhor que lhe encontrasse um diretor que fosse de seu agrado (TOMERO, 1988, p. 73, tradução nossa).

---

manifestações e guerras civis. Seus momentos culminantes são a revolução de setembro de 1868, com o advento da Primeira República. O catolicismo autêntico e tradicional do povo espanhol não levanta a cabeça até o começo do século XX, enquanto a Espanha oficial era invadida pelo liberalismo e a revolução perseguia a Igreja (CGE, p. 17, 39)

A presença do Pe. Herranz junto a Cândida Maria como diretor espiritual, que se iniciou em Valladolid, vai permanecer de formas diferentes e até difícil às vezes. Sob sua direção espiritual, Cândida Maria de Jesus é impulsionada a fundar a Congregação das Filhas de Jesus com o apostolado da educação da infância e da juventude.

## **1.2 – O lugar da mulher na educação no século XIX**

Considerando a atuação de Cândida Maria a partir da espiritualidade inaciana no campo da educação, é importante entender um pouco o que encontramos no século XIX em relação à educação da mulher em meio a um ambiente de tensões e conflitos. Abordaremos em primeiro lugar a posição da mulher em relação à educação e, mais adiante, veremos como a mulher na Igreja e na sociedade responderá a esta proposta educacional: a formação de mulheres.

Conforme Stein (2020, p. 146) as mulheres começaram a enxergar as necessidades de seu tempo: em primeiro lugar, era preciso proteger aquelas das classes mais baixas contra a exploração; depois, trata-se de conquistar novos ramos de atividade para as das classes mais altas, convencer a sociedade de que “o trabalho é obrigação e honra para o sexo feminino, é preciso libertar as forças inproveitadas durante tanto tempo, para que, de um lado, a formação faça das mulheres personalidades maduras e autônomas, de acordo com o ideal humanitário, e por outro lado as capacite para uma colaboração fecunda na vida da nação e na cultura.

A religiosa filha de Jesus Inés Laso, descreve a inspiração fundacional do Instituto das Filhas de Jesus para a cultura e a religião, permitindo-nos descobrir

O fato da fundação como uma ideia totalmente nova, estranha, já que ela havia pensado em ser religiosa, mas não em ser a fundadora. Aparece muito clara a missão do instituto: a educação cristã da criança e da juventude, a linha inaciana representada pela presença e intervenção do Pe. Herranz e o nome da congregação Filhas de Jesus, ao que mais tarde Cândida Maria vai vincular todo um conteúdo espiritual (TOMERO, 1988, p. 85, tradução nossa).

Cândida Maria, desde o princípio inspirada por uma experiência religiosa e confirmada pelo Pe. Herranz, vê claramente que sua missão era a educação cristã da criança e da juventude para todas as classes sociais.

No ano de 1871, quando nasce o Instituto das Filhas de Jesus, faz-se cada vez mais claro o processo de descristianização no mundo da cultura e do ensino. Junto a Cândida Maria de Jesus, mais cinco mulheres, algumas já professoras, assumem o mesmo projeto de vida. Cândida Maria vai transmitindo a elas uma espiritualidade de educadoras fundamentada nos

exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola. Espiritualidade que através dos anos vão vivendo as Filhas de Jesus, atualizando-se e acomodando-se às variantes dos tempos e lugares.

Poderíamos dizer que Cândida Maria dedicou-se à formação da mulher para as mulheres, encurtando a total inexistência da mulher e o apagamento de sua contribuição à cultura na narrativa histórica tradicional. Conforme Ballarín,

O distanciamento das mulheres dos centros de produção de conhecimento teve uma dupla consequência: por um lado, sua experiência não forma parte do conhecimento construído e por outro, os mecanismos sobre os que estes se desenvolveram impedem sua contribuição sem uma prévia desconstrução deste. Cabia perguntar-se que possibilidades têm as mulheres de construir outro discurso, um discurso que contemple sua experiência. As mulheres, como qualquer sujeito, não são meras receptoras passivas da cultura masculina. Pois, ainda, que não possamos menosprezar o fato de que a atitude crítica ante o esquecido, exclusão e marginalização da mulher no pensamento científico temos desenvolvido um largo processo educativo, no que temos assimilado no pensamento androcêntrico, começado por assimilar suas chaves conceituais (BALLARÍN, 2001, p. 18).

Em um dos artigos lidos, de título “*Evolución y desarrollo de los colégios religiosos femeninos en Espanha*”, a autora Maria Fernanda Pinheiro de Sampayo (2015), doutora em educação, informa-nos que a educação na Espanha neste momento poderia ser definida como privada e esteve tradicionalmente nas mãos da Igreja, que serviu a esta tarefa por meio de suas instituições de ensino. Continua informando-nos que neste momento a Igreja Católica foi tradicionalmente o guia espiritual e a referência moral da sociedade.

Conforme Perrot (2019, p. 84-86), os conventos eram lugares de abandono e confinamento, mas também refúgios contra o poder masculino e familiar. Lugares de apropriação do saber, e mesmo de criação. As vozes de mulheres foram, de início, vozes místicas.

Nos países protestantes, as relações entre os sexos eram diferentes. As mulheres protestantes eram mais emancipadas que as católicas. Em prol do apostolado, elas eram cada vez mais numerosas. Nesse sentido, continua Perrot, a Reforma Protestante é uma ruptura ao que já estava estabelecido em relação à educação para as meninas: ao fazer da leitura da Bíblia um ato e uma obrigação de cada indivíduo, homem ou mulher, ela contribuiu para desenvolver a instrução das meninas.

Em contraposição, a Igreja Católica reserva a teologia aos clérigos que têm o monopólio do latim, língua do saber e da comunicação, língua do segredo. A mulher se instruíra olhando os vitrais e os afrescos da igreja paroquial. Não tinha acesso às letras.

A instrução protestante das meninas teria consequências de longa duração sobre a condição das mulheres, sem acesso ao trabalho e à profissão, sobre a relação entre os sexos e até as formas do feminismo do saber.

Perrot destaca que, nesse tempo, pensava-se que era preciso educar as meninas, e não exatamente instruí-las, ou instruí-las apenas no que era necessário para torná-las agradáveis e úteis: um saber social. Formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona de casa, de esposa e de mãe. Oferecer-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício – que tecem a coroa de virtudes femininas.

Esse conteúdo, comum a todas, varia segundo as épocas e os meios, assim como os métodos utilizados para ensiná-lo. Perrot, Ballarín e Sampayo coincidem ao nos dizer que no século XIX multiplicam-se os pensionatos religiosos, que trazem prosperidade às congregações femininas. Família e religião eram os pilares dessa educação quase exclusivamente privada.

Sampayo (2015) afirma que, na Espanha dos finais do século XIX, devido às condições socioeducativas, Igreja e Estado se necessitavam e, nessa medida, se comprometiam a colaborar. Essa situação favorável na Espanha fez com que a educação secundária, destinada a grande parte das elites, estava praticamente em mãos privadas fundamentalmente da Igreja. Nessa situação, as ordens religiosas cresciam cada vez mais devido ao trato que recebiam do Estado.

Conforme Sampayo (2015, p. 225), no referente à educação das mulheres, foi fundamental a promulgação da Lei Moyano em 1857, a qual estabelecia a necessidade de cobrir a demanda da instrução feminina, o que contribuiu para a proliferação dos colégios de religiosas, que a partir do século XIX se instalaram em território espanhol e encontraram na mulher um veículo extraordinário para transmitir aos filhos a moral cristã.

Ballarín (1989, p. 252), nomeia o nome das congregações religiosas que se instalaram na Espanha neste período e, entre elas, cita o nome da Congregação das Filhas de Jesus. Nesse período, o setor feminino atuará no processo alfabetizador, mas não alcançará maior instrução que aqueles conhecimentos morais e práticos que favoreciam o desempenho da função doméstica.

Aqui, a experiência espiritual que fez Cândida Maria naquele dia 2 de abril de 1869 na Igreja do Rosarillo em Valladolid tem uma força e importância fundamentais. O instituto nasce com uma missão muito clara, muito bem percebida e expressada. Cândida Maria será fundadora de uma congregação que terá como missão específica a educação cristã especialmente por meio do ensino; sim, aquela mulher sem letras. A expressão não significa

que ela carecesse somente de títulos acadêmicos, mas que faltava a base imprescindível de uma cultura elemental. Como já dissemos nos relatos de infância de Cândida Maria, já ficaram explicadas as razões pelas quais se supõe que a menina não assistiu com assiduidade à escola em Andoain e em Tolosa e quem a ensinou a ler e escrever em castelhano foi o Jesuíta Pe. Herranz.

O Pe. Herranz desempenhou um papel importante não só na formação espiritual, como também intelectual da fundadora. Como nos conta Tomero em mais um testemunho, o informe de Dona Vicente San José:

Para a fundação havia grandes dificuldades: primeiro, época da revolução, falta de recursos, não tinham nada; por outra parte, falta instrução de Cândida Maria, que apenas aprendeu o castelhano com a ajuda do Pe. Herranz. Cândida Maria ia diariamente à casa onde o Pe. Herranz vivia, que era, como sabemos, a de seu irmão D. João e ficava na rua de Santa Maria. Os anos não apagaram a amizade de Joana Josefa com a família São José Herranz.

Ela consultava com Pe. Herranz sua vocação, os desígnios de Deus sobre ela. Os dois oravam muito e viram ser a vontade Deus que fundasse uma congregação dedicada ao ensino, coisa surpreendente tratando-se de uma jovem sem instrução. Essa instrução durou mais de dois anos (TOMERO, 1988, p. 86, tradução nossa).

Não cabe dúvida da desproporção entre as condições pessoais de Cândida Maria – sua aparente capacidade de resposta – e as exigências do momento político e social que vivia a Espanha. Segundo Pilar Ballarín em seus estudos sobre a história da mulher na educação:

A Igreja, reconhecendo a religião católica como própria da nação pela Constituição de 1812, tem um forte influxo nos costumes e na vida cotidiana na Espanha no século XIX sobre um coletivo de mulheres massivamente analfabetas. A Igreja, que desaconselhava a instrução das mulheres e sustentava sua inferioridade, implantará novas estratégias à medida que avança o século e a escolarização feminina cresce. Ao mesmo tempo, velará para que as virtudes femininas – resignação, submissão e silêncio – sejam conteúdos cruciais da educação escolar, de tal modo que fiquem preservados os papéis sociais e de gênero. Quando se fala de educação de mulheres com anterioridade ao momento atual, não tem porque entender instrução alguma no sentido literário, a verdadeira educação das mulheres consistia na formação da alma, do coração, do caráter, de vontade e de bons modos, frente à instrução, que era o que as corrompia (BALLARIN, 2001, p. 33).

Como sabemos, do ponto de vista cultural a Espanha estava em uma situação muito pobre. Nessa época em que nasce a Congregação das Filhas de Jesus na Espanha, 75% da população era analfabeta. Era uma época bastante crítica do ponto de vista da formação e da cultura. A Igreja tinha que fazer grandes esforços para chegar a todos os campos e havia setores muito abandonados. Esta era a situação da mulher, da Igreja e da sociedade, concretamente, da Espanha no momento em que Cândida Maria assume sua atuação no campo educativo. Segundo os estudos de Inés Laso sobre a história da congregação, havia uma classe média muito abandonada.

Como resposta às necessidades da Igreja e das circunstâncias históricas, encontramos, por conseguinte, o Instituto das Filhas de Jesus com a missão da educação católica dos povos. Duas formulações importantes na narrativa histórica e espiritual da Congregação das Filhas de Jesus encontram-se na inspiração do Rosarillo naquele dia 2 de abril de 1969: “A Salvação das almas, por meio da educação e instrução da infância e da juventude feminina”.

Continua Inés Laso com uma contribuição importante sobre o nascimento do instituto na Espanha, mostrando-nos como se fez pública a congregação no boletim oficial do bispado de Salamanca (em 31 de janeiro de 1874):

Faz dois anos reuniram-se em uma humilde casa alugada desta cidade com permissão e sob a proteção do primeiro pastor da diocese, algumas pessoas piedosas, entre elas duas que tinham o título de professoras com o objetivo de edificar-se reciprocamente, formar seu espírito na virtude, e instruir-se umas às outras para dedicar-se depois ao ensino da juventude de seu sexo. Começam suas aulas em princípios do ano de 1874. Estas serão: primeiro, para as pensionistas internas, que receberão uma educação esmerada que terá por base a piedade cristã, e se estenderá aos estudos e trabalhos próprios de seu sexo. Segundo, outra para as externas, filhas de famílias acomodadas que se dedicarão a aprender o mesmo que as pensionistas. Terceiro, outra gratuita para as meninas pobres, a quem se ensinará com toda a caridade o que se necessita saber em seu estado. Quarto, uma escola dominical para adultas. As Filhas de Jesus são para a educação da infância e da juventude de todas as classes sociais (LASO, 1978, p. 164).

A partir deste fato histórico e importante para a Espanha e para os institutos religiosos que se desenvolvem no país neste período, podemos destacar o que nos diz Sampayo (2015, p. 227): o programa educativo desses colégios consistia na aquisição de conhecimentos morais e práticos que permitiam às meninas desempenhar no futuro suas funções domésticas, como também adquirir uma cultura geral que podia ser mais ou menos profunda segundo as modalidades que escolhesse a família. Um tipo de educação que se podia definir como uma proposta de educação integral que não descuidava do corpo e da mente, nem da religião, nem das boas maneiras.

Segundo Ballarín (2001, p. 40), o Estado, de acordo com os interesses da burguesia, começa a desenvolver na Espanha, durante o século XIX, uma política de controle dirigida a estabelecer as bases da nova configuração social propagadora da nova moral burguesa, de sua ideia de Estado e família.

Assim, a educação das mulheres não foi mais que uma consequência do interesse dos Estados em instruir a todos os cidadãos homens, já que a ignorância das futuras mães em nada contribuiria à boa educação do novo cidadão. Aprender para os outros, para servir melhor a Deus, aos homens, à família – esta é a nova mensagem.

Neste momento, não surgia a escola pública para as meninas, como consequência da necessidade de uma formação distinta, senão por interesse. A escola pública será o suporte

legitimador do que se considerava uma cultura doméstica adequada às mulheres. Na base de sua educação, não estavam seus direitos, mas suas obrigações. A escola pública de meninas se conforma, inicialmente, como um espaço intermediário de fronteira entre o público e o privado, onde se pretendeu legitimar, por meio do modelo maternal, a educação familiar da mãe.

A nova fórmula cultural da escola pública de meninas servia, assim, para a reprodução dos estereótipos de gênero cujo objetivo não era outro que fazer parecer como natural que os homens fossem melhor dotados para determinados papéis sociais. Por via do culto sentimental das virtudes domésticas, persiste-se em manter fechadas e caladas as mulheres, impossibilitando-lhes uma melhor condição.

O sistema educacional construiu-se desde as desigualdades entre os homens e as mulheres, que, como já se disse, eram consideradas naturais. Entendia-se que meninas e meninos deviam ser educados de formas diferentes, e isso significou abordar sua incorporação ao sistema educativo de forma dual e atrasada para as mulheres.

O desenvolvimento da instrução pública na Espanha do século XIX foi reflexo de uma mentalidade e finalmente estabeleceu a obrigatoriedade escolar para as meninas, que serviu à reprodução e amplificação das diferenças entre os homens e as mulheres. Ao considerar que a educação das mulheres era um tema moral e não de aquisição de conhecimentos, ele foi considerado como um assunto privado e, portanto, as resistências à sua incorporação à escola pública foram notáveis e traduziram-se, afinal, em um currículo diferenciado. Em correspondência, não se exigirá para obter o título de professora igual preparação que para o professor, e o salário se estabeleceu como um terço menor para as mulheres.

A mais evidente das discriminações curriculares era a que se produzia nas matérias do plano de estudo em que se dizia que as meninas cursariam trabalhos próprios do sexo. Elas estudavam elementos de desenho aplicado e ligeiras noções de higiene doméstica; os meninos, por sua vez, estudavam breves noções de agricultura, indústria e comércio, princípios de geometria, desenho linear e noções gerais de física e de história natural. Outras matérias eram comuns em sua denominação – doutrina cristã e noções de história sagrada.

Leitura, escritura, princípios de gramática castelhana, com exercícios de ortografia e princípios de aritmética com o sistema legal de medidas diferiam em seu desenvolvimento ao não garantir igual preparação a professoras e professores encarregados de transmiti-los.

A formação que ofereciam nas escolas normais era tão escassa quanto no currículo escolar das meninas. Leitura, escrita, gramática, aritmética, religião e pedagogia no primeiro curso e, no segundo, acrescentavam-se noções de geometria, geografia e história da Espanha.

Ballarín (2001) constata que, na escola de meninas, os trabalhos eram um aprendizado para o serviço, e a maior parte dos aprendizados escolares eram uma preparação para o que se aplicaria mais tarde. Neste caso, existia um produto imediato: as meninas costuravam as roupas de sua casa, faziam camisas e produziam roupa no tempo de sua atividade escolar. Na escola do século XIX, praticava-se o tempo contínuo, o que caracteriza o trabalho doméstico, onde não existe a separação entre tempo de trabalho e tempo de descanso.

Os trabalhos de agulha não eram somente o centro do currículo pelo tempo que elas lhe dedicavam, mas sobretudo porque se constituíam em atividade permanente a que se recorria nos tempos intermediários entre uma tarefa a outra ou simultaneamente a elas. As meninas escutavam a professora e as outras companheiras enquanto costuravam. Atendiam às lições com as mãos ocupadas já que, como recomendavam os livros, não ter ocupadas as mãos era fomentar a ociosidade.

Nessa linha instrutiva, a obra dirigida aos meninos dedica dez páginas a recomendar o estudo de religião, língua latina, língua materna, geografia e história, e a das meninas, em dez linhas, recomendava, em resumo: costura, silêncio, compostura, docilidade, doçura, conhecimentos práticos e normas morais, tidos como os conteúdos essenciais de uma formação orientada a converter em própria a satisfação das necessidades alheias.

Segundo Tomero (1988, p. 187), a Congregação das Filhas de Jesus nasceu em plena crise revolucionária (1868-1874) e responde às mesmas necessidades surgidas da Revolução de Setembro. Naquele contexto, a abertura do ensino a todas as classes sociais implicava fidelidade ao carisma de toda a Igreja. Como vimos, nasce a Congregação das Filhas de Jesus em um momento em que existe um grande desejo de restauração religiosa, a partir dos graves problemas políticos e eclesiológicos.

Cândida Maria de Jesus, com sua resposta ao chamado à educação cristã, mediante a fundação da Congregação das Filhas de Jesus, soube acudir a um ponto de encontro a que a Igreja quisera encaminhar suas energias e suas iniciativas nesses anos: o ensino e formação cristã da juventude. Soube escolher o lugar de onde a realização deste chamado seria possível e o fez das mãos de um religioso, marcado pela perseguição, que superou o temor e confiou nas mãos de Deus, precisamente quando se limitava sua ação apostólica à Companhia de Jesus (TOMERO, 1988, p. 192, tradução nossa).

Feita toda essa fundamentação desde as autoras pesquisadas sobre a educação das mulheres no século XIX e a obra hagiográfica de Tomero, temos mais dados históricos para compreender como se deu a fundação da Congregação das Filhas de Jesus com sua tarefa educativa. A história mostra-nos com muita clareza a missão do instituto, e a fundadora, por sua parte, traça, na fórmula da congregação, as linhas básicas de seu projeto educativo:

As que queiram pertencer a esta congregação, que desejo se chame das Filhas de Jesus, devem colocar todo seu empenho em santificar-se a si mesmas, e com o mesmo empenho devem procurar o bem espiritual das almas e a educação católica dos povos por meio da oração e outras obras de piedade e caridade, em especial com o ensino do catecismo às crianças de um e outro sexo e com a educação cristã das meninas, ensinando-lhes todas as artes e trabalhos próprios da mulher cristã (TOMERO, 1988, p. 182, tradução nossa).

Cândida Maria e as cinco religiosas que a acompanham neste projeto confrontam-se com um modelo educacional que não inclui a mulher como receptora ativa do conhecimento e, desde aí, precisam criar, buscar uma maneira específica para abrir a concepção e o horizonte educacional então estabelecidos.

### **1.3 – Nas tramas do tear tece-se a história da mulher religiosa Cândida Maria de Jesus**

É na infância que se registram parte das marcas da história de nossa vida. Certamente, dentro da experiência amorosa, espiritual e familiar de Cândida Maria em sua casa na Espanha, ficaram registrados em sua história símbolos, imagens e sons. Quem sabe a imagem de uma máquina de tear, tão própria e tão necessária naquele contexto histórico.

Trazemos este símbolo, ou esta imagem para recordar a simplicidade em que vivia aquela família na Espanha; e, para a narrativa de Cândida Maria, este símbolo, esta ação de tecer teve um significado grande. Não se tecem apenas tecidos, tecem-se também histórias, vidas. História das mulheres, de maneira especial da religiosa Cândida Maria de Jesus, como vimos, marcada por tensões e conflitos.

Neste primeiro capítulo, buscamos descrever um pouco o contexto da condição feminina no século XIX, situando e encontrando nele a religiosa Cândida Maria de Jesus. Confrontando a condição da mulher religiosa Cândida Maria de Jesus com nosso mundo contemporâneo, e sua atuação na educação através da espiritualidade inaciana com o contexto histórico-religioso que desenvolvemos acima, temos mais elementos para desenvolver esta dissertação com um horizonte mais amplo: em uma perspectiva feminina crítica, encontrando, na condição de mulher de Cândida Maria, uma atuação criativa e transformadora dentro de uma cultura que silenciava qualquer tipo de atuação feminina que escapasse do estabelecido. Sua atuação no campo educativo é de grande colaboração para a cultura, a religião e a sociedade de seu e de nosso tempo. Sua atuação não foi apenas uma resposta às necessidades da Igreja, mas uma resposta em favor da dignidade humana e dos direitos da mulher.

Ainda temos muitos fios a tecer nesta dissertação para chegar a sistematizar a proposta educacional de Cândida Maria de Jesus a partir da recepção feminina da espiritualidade

inaciana, que segue ainda hoje em uma narrativa histórica em construção na contemporaneidade através das mulheres religiosas Filhas de Jesus.

O conhecimento apreendido neste primeiro capítulo com ajuda das autoras pesquisadas possibilita-nos, hoje, ver a mulher religiosa Cândida Maria de Jesus a partir de um novo olhar, desde outras perspectivas que são raras no mundo acadêmico e religioso. Reconhecemos que este novo olhar foi trazido pela metodologia do estudo fenomenológico da ciência da religião.

O estudo provoca-nos inquietações e perguntas importantes para a continuação desta dissertação ao confrontar a condição da mulher no século XIX em relação à educação cristã da infância e da juventude, sobretudo para as meninas. Como vimos acima, encontramos um sistema educacional que se construiu a partir das desigualdades entre homens e mulheres. Naquele contexto, entendia-se que meninas e meninos deviam ser educados de forma diferente, o que significou abordar sua incorporação ao sistema educativo de forma dual e atrasada para as mulheres. Será que Cândida Maria, a partir de sua espiritualidade, mesmo imersa naquele contexto discriminatório e androcêntrico, pensava uma educação desigual? Será que sua atuação como mulher foi apenas uma resposta às necessidades da Igreja?

Que elementos de sua espiritualidade já podemos evidenciar com o que nos foi apresentado neste capítulo e no estudo de algumas de suas cartas? Como seria pensada a formação da pessoa humana a partir de sua atuação na educação desde a espiritualidade inaciana?

Não sabemos se encontraremos respostas a todas essas perguntas. Elas suscitam em nós o desvelamento, o silêncio da história das mulheres e a narrativa histórica provocativa de Cândida Maria de Jesus como um projeto de vida.

Essas são as perguntas que nos ajudarão a tecer os dois seguintes capítulos. A aproximação da biografia de Cândida Maria de Jesus neste primeiro momento de nossa pesquisa, bem como os conselhos para a educação cristã escritos por ela mesma a partir de um estudo fenomenológico permitem-nos ultrapassar a linguagem do tempo ressignificando sua atuação na educação desde uma perspectiva espiritual e feminina na contemporaneidade.

Com esse tecido histórico, cultural e religioso, será possível compreender sua atuação como religiosa fundadora da Congregação das Filhas de Jesus a partir de uma experiência espiritual feminina e original.

## CAPÍTULO II – NARRATIVAS EPISTOLARES INACIANAS DE CÂNDIDA MARIA DE JESUS: ESCRITOS DA VIDA COTIDIANA

Este é considerado o capítulo central da pesquisa; por meio das cartas de Cândida Maria, vamos nos apropriar da recepção dos elementos espirituais inacianos, sistematizando os elementos encontrados nas narrativas epistolares de Cândida Maria de Jesus.

Para o desenvolvimento deste capítulo foram lidas 111 cartas, a partir do índice analítico de ideias: exercícios espirituais, Companhia de Jesus, alunas, educação cristã e espírito apostólico. Dessas cartas, extraímos os elementos espirituais que tentamos sistematizar.

Para a sistematização desses elementos, incluímos novos referenciais teóricos, como Alcir Pécora, que nos ajudou a situar as cartas escritas por Cândida Maria em uma narrativa literária epistolar; o teólogo João Batista Libânio; e Luís Maria Garcia Dominguez. Alguns artigos que vamos encontrar nas referências biográficas também foram de muita importância para o desenvolvimento desses elementos inacianos que extraímos das narrativas epistolares.

Os elementos inacianos encontrados foram: conversações espirituais, acompanhamento espiritual e o discernimento. Esses três elementos apareceram em suas cartas de forma clara, concreta e precisa. Eles aparecem em um itinerário de conversações espirituais estabelecendo um processo de acompanhamento e discernimento, de modo que, para sistematizar esses elementos, tivemos que analisar as cartas conjuntamente e não de forma isolada.

Os autores pesquisados neste capítulo nos ajudaram na investigação e análise das cartas, nas quais descobrimos um espírito inaciano em função do acompanhamento de uma obra educativa. Essas cartas nos levaram a elementos essenciais da espiritualidade inaciana que inspiraram a atuação educativa de Cândida Maria em seu tempo e continuam a nos inspirar hoje.

### **2.1 – Cartas: uma forma de sociabilidade, escritas a partir da vida cotidiana**

Seguimos acompanhando Cândida Maria de Jesus em seus passos ligeiros e ousados para seu tempo. Quando se trata de fazer uma releitura da história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. Segundo Perrot (2019, p. 21), isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus arquivos destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios, inicialmente por ausência de registros.

Neste capítulo, queremos recordar a jovem Cândida Maria de Jesus, a fundadora da Congregação das Filhas de Jesus que, em dois anos (desde a inspiração carismática, em 1869, à fundação da congregação, em 1871), foi iniciada no idioma espanhol pelo sacerdote Jesuíta José Miguel Herranz, como vimos no capítulo anterior.

É só a partir de 1872 que podemos encontrar as cartas escritas de Cândida Maria de Jesus que se encontram guardadas no arquivo histórico das Filhas de Jesus, em Roma. Segundo Perrot (2018, p. 31), as vias de escrita para as mulheres, neste mundo que as proibia de fazê-lo, de início foram a religião e o imaginário: as vias místicas e literárias, a oração, a meditação, a poesia e o romance.

Segundo a autora, dois lugares foram propícios à escrita: os conventos e os salões. A escrita feminina chegou a tal ponto que, ao final do século XVIII, as mulheres da nobreza pareciam culturalmente superiores aos homens que se dedicavam a guerrear. As religiosas copiavam os manuscritos e se apropriavam do latim proibido.

Temos como fonte principal de nosso estudo fenomenológico para o desenvolvimento deste capítulo uma coleção de 476 cartas escritas pela fundadora da Congregação das Filhas de Jesus. Este é o referencial metodológico principal: fazemos uma aproximação fenomenológica de suas cartas e, neste capítulo, apresentaremos os elementos inicianos que inspiram e evidenciam sua atuação no campo educativo.

Para iniciar a leitura e análise de suas cartas, selecionamos, no índice analítico de ideias, alguns verbetes que nos pareceram importantes para a organização de nossa análise. Os verbetes nos trouxeram alguns elementos essenciais da espiritualidade inaciana que inspiraram a expansão missionária da obra educativa de Cândida Maria de Jesus. Os verbetes selecionados foram:

- exercícios espirituais;
- alunas;
- Companhia de Jesus;
- educação cristã;
- espírito apostólico;
- filiação.

Suas cartas escritas no princípio da obra educativa empreendida eram direcionadas a outras mulheres religiosas que assumiram como projeto de vida o seguimento de Jesus a partir da experiência religiosa carismática vivida por Cândida Maria de Jesus, desde uma espiritualidade concreta na história: a espiritualidade inaciana.

Ao lê-las, logo vamos perceber o espírito inaciano com o qual se comunica em suas cartas e que deseja expressar em toda a ação apostólica do instituto.

Na carta 238, estando em Roma para a aprovação dos documentos do instituto em 11 de setembro de 1902, Cândida Maria se dirige à Irmã Joaquina Gómez contando as dificuldades que, naquele momento, estavam encontrando para garantir o espírito inaciano que deu origem à congregação.

Graças que estivemos aqui, se não nossas constituições haveriam ficado tal como mandam os daqui; lutando e brigando conseguimos colocar algumas coisas, pois, se nos houvéssemos nos descuidado, o espírito da congregação teria desaparecido. Mas não, como tem Santo Inácio tanto poder no céu e o Pe. Herranz lhe pedira muito para que olhasse por suas filhas, Deus fez que encontrássemos alguns meios para conservar o espírito do instituto (CMF 238, tradução nossa).

Na carta 79, endereçada à Irmã Antônia Robles Hernández em 5 de agosto de 1895, Cândida Maria de Jesus expressa a consciência do que supõe ser a experiência fundamental dos exercícios espirituais e, para as que acabam de sair da experiência dos exercícios, manifesta o sincero desejo de que, em tudo que façam, adotem o modo inaciano de fazê-lo “para maior glória de Deus e salvação das almas”:

Minhas muito amadas, Antônia e Isabel. Recebi as duas últimas cartas, do dia 31 passado e 2 de agosto, escritas pela Madre Isabel, e me alegro de que tenham saído bem dos santos exercícios e Deus queira que tenham o espírito de Santo Inácio para trabalhar e fazer tudo para maior glória de Deus e salvação das almas, sem esquecer as suas próprias, pois não convém para o dia das contas que não tardará em chegar. Em Segóvia também estarão fazendo os santos exercícios, pois me dizia a Madre Ângela que entraram na segunda semana dos exercícios, que foi ontem, pois hoje estamos no dia 6. Como você vê, comecei esta carta no dia 5, mas não pude seguir, e Deus queira que saia hoje. As de Espinar, já lhes disse que foram e estiveram em Segóvia no domingo; e escreveu a Madre Martina (Superiora de Espinar) dizendo que estão muito mal, que não têm o que comer, que estão todas magras; que se não tivesse dado os marqueses 7 duros, não teriam dinheiro para ir para Segóvia nem para pagar a loja. Assim não podem estar de nenhuma maneira (CMF 79, tradução nossa).

Certamente ela não teria a pretensão de deixar arquivadas essas cartas, ou deixar algum tipo de ensinamento a partir delas, nem sequer poderia imaginar que algumas seriam publicadas internamente na congregação ou guardadas no arquivo histórico. Suas cartas ajudam-nos a compreender que, através das pequenas histórias cotidianas, vai-se tecendo uma porção da grande história da humanidade.

Perrot (2019, p. 28) ajuda-nos a pensar na correspondência como um tipo de literatura e afirma ser um gênero muito feminino; segue assinalando que era muito comum que as mães escrevessem para seus parentes, para o marido ausente, para o filho adolescente no colégio interno, a filha casada, as amigas do convento; segundo ela, as cartas constituem uma forma de sociabilidade e de expressão feminina. Uma forma distanciada do amor.

Nesse sentido, as correspondências de Cândida Maria de Jesus evidenciam uma forma de sociabilidade, de aproximação e de acompanhamento da obra empreendida.

Alcir Pécora (2018, p. 28), em seu livro *A máquina de gêneros*, discorre sobre as cartas jesuíticas no Brasil e assinala que a presença ostensiva da carta na Companhia de Jesus evidencia que sua função está pensada segundo três aspectos decisivos: o da informação, o da reunião de todos em um e, enfim, o da experiência mística ou devocional. As cartas cumprem a função de atualizar a missão apostólica e a palavra de Deus.

Esses aspectos de informação, união, atualização das cartas jesuíticas, encontramos também claramente naquelas escritas por Cândida Maria de Jesus. Essa identificação de suas cartas com alguns aspectos das cartas jesuíticas evidenciam o espírito inaciano presente em sua correspondência.

Continua Pécora (2018, p. 29), explicando a finalidade das cartas jesuíticas: “são escritas tendo em mente exclusivamente o serviço a Deus e aproveitamento do próximo”. No estudo das cartas de Cândida Maria de Jesus, encontramos o serviço a Deus e o aproveitamento ao próximo como uma linguagem persistente.

Segundo o autor Bazerman (2020, p. 135) no capítulo 4 do livro *Gêneros textuais: tipificação e interação*, a riqueza e a multiplicidade das práticas antigas de escrever cartas conferiram a esse gênero uma poderosa força comunicativa dentro da antiga Igreja cristã. Quase todos os livros do Novo Testamento, com exceção dos evangelhos, encontram-se sob a forma de cartas, escritas originalmente entre pessoas específicas ou entre pequenos grupos, e depois disponibilizadas para todos os que tinham relação com a comunidade.

Nelas perpassavam muitas atividades, incluindo narrativas de eventos notáveis, o proselitismo, a oração, o consolo, os ensinamentos morais, o louvor dos fiéis, os avisos contra os falsos profetas, o pensamento filosófico, profecias e a organização da Igreja.

As cartas estabeleciam laços de comunidade e fé e constituíam um veículo importante para manter sua comunhão em lugares distantes. Continua o autor (2020, p. 136) dizendo que essa arte de escrever cartas enfatizou a saudação, identificando e conferindo respeito aos papéis sociais e às posições de emissor e receptor, colocando ambos dentro de relações sociais institucionalizadas; ainda segundo Bazerman (2020, p. 131), alguns gêneros surgem de atos de fala cotidianos dos mais comuns, tais como os atos de contar ou relembrar situações.

Das diversas cartas de Cândida Maria de Jesus lidas no desenvolvimento deste estudo, dois elementos importantes que podemos destacar seriam o *acompanhamento* e o *discernimento* inaciano, que mais à frente iremos desenvolver. Ao lê-las, logo percebemos que não foram escritas para uma publicação ou exibição literária, porque nelas encontramos

conversas cotidianas, muito espontâneas, espirituais, circunstanciais, conversas sobre a vida que cedem lugar a uma experiência religiosa onde a história humana acontece.

Os valores de Cândida Maria de Jesus – vividos e experimentados desde Berrospe em seu ambiente familiar –, a religiosidade, o reconhecimento, a preocupação pelo outro, o idioma desconhecido por ela, dominado pela tenacidade e humildade, estão presentes nestas cartas.

Cartas de característica epistolar, como Pécora nos ajudou a descobrir, no sentido de estabelecer diálogo informal sobre um assunto específico, de revelar características de sua autora, as circunstâncias vividas, a experiência religiosa, a orientação espiritual etc. Essas cartas demonstram sua experiência carismática, religiosa, que nos ajudam a simplificar nossas imagens de Deus, buscar e encontrar a Deus no cotidiano da vida tal qual a experiência profunda de dois santos: Inácio e Cândida Maria.

Suas cartas são expressão da leitura da vida a partir da presença de Deus nos detalhes cotidianos, nas dificuldades econômicas, nas enfermidades, na alegria de ver a fundação de mais uma nova comunidade, de um novo colégio, de comprovar o crescimento humano e espiritual dos alunos, no cultivo das amizades e no persistente e constante acreditar que “em Jesus tudo temos e sem Ele tudo temos perdido” (MF 13).

Suas vivências nas cartas são somente expressadas, não são analisadas nem contêm teor acadêmico; ela escreve para dar notícias, para falar do acontecimento mesmo, como no Evangelho. Suas cartas não teorizam, simplesmente contam, apresentam e orientam a vida, interessando-se por ela.

A leitura ou análise das cartas evidenciam traços e características específicas de Cândida Maria, como “suas conversações espirituais, seu modo de acompanhar, sua experiência peculiar de Deus e seu modo de viver à luz do discernimento”

No terceiro capítulo vamos buscar perceber como esses elementos se aplicam em sua atuação na educação e, a seguir, vamos buscar desenvolver os seguintes conceitos inacianos expressados e evidenciados em suas cartas: *conversações espirituais* e *acompanhamento espiritual*.

## **2.2 – Conversações e acompanhamento espirituais**

Podemos dizer que o conteúdo das cartas escritas por Cândida Maria de Jesus se inclui na espiritualidade inaciana enquanto conversações espirituais; lendo-as, vamos perceber que

ela assimilou o espírito inaciano ensinado pelo Pe. Herranz durante os poucos anos (1869-1874) em que teve a oportunidade de estar com ele aprendendo o espanhol.

O termo “conversação” segundo Inácio de Loyola no *Dicionário de espiritualidade inaciana* (CEBOLLADA et al., 2007) significa a relação com alguém (conversação, trato) ou o falar com o outro (conversa, diálogo). Nas cartas de Cândida Maria, essas conversações aconteciam, e poderíamos dizer que eram encontros epistolares cotidianos.

Na biografia de Inácio de Loyola as conversações espirituais são expressadas por meio da conversação por palavra ou por escrito. O epistolário inaciano, ou seja, as próprias cartas inacianas, são um certo modo de conversar; nele, Inácio trata de questões particulares, responde a consultas efetuadas, aprofunda temas ou aplica-lhes o discernimento e instrui para a missão apostólica e para conversar com o Senhor. Característica própria de Inácio, que se fez um conversador por convicção apostólica.

Quando, mais tarde, em Salamanca, os dominicanos duvidaram da sua ortodoxia e o interrogaram perguntando-lhe “O que você prega?”, Inácio respondeu: “Não prego: apenas converso familiarmente com alguém sobre as coisas de Deus” (Aut. 65).

O vocabulário inaciano repete os termos “conversar” e “conversação” nos exercícios espirituais de Santo Inácio e, em maior número, nas constituições da Companhia de Jesus. Ainda no verbete, a vida espiritual é entendida como um conversar incessante com o Senhor, ou seja, um Deus cristão é um Deus que fala, dialoga, um Deus que se comunica.

Dessa forma, o ser humano se realiza na relação, no diálogo com o outro. Em uma abordagem teológica segundo Karl Rahner (1989) em sua obra *Curso fundamental da fé*, Jesus Cristo é a plena manifestação dessa vontade de diálogo com Deus e a pessoa humana.

Nesse sentido, toda a vida espiritual pode ser entendida a partir do marco simbólico do “conversar”, sendo a característica mais evidente da espiritualidade cristã seu caráter dialogante. Em clave inaciana, essa conversa se dará no duplo movimento de *buscar* e *encontrar* a vontade divina.

Para Dominguez (2010, p. 24), a conversação espiritual na vida de Inácio é um apostolado mais tarde proposto para seus companheiros como ministério para ajudar o próximo. Podemos identificar semelhanças entre as cartas de Inácio e as de Cândida Maria após o empreendimento de sua obra educativa. É o que encontramos em uma carta escrita em Arévalo, Espanha no ano de 1897.

Nela, compartilha a Madre Cândida com as educadoras do Colégio de Tolosa a preocupação pelo baixo número de alunas daquele momento e as anima com suas palavras a continuar animosamente seu trabalho educativo e a colocar sua confiança toda em Deus Pai.

Minha muito amada filha Josefa González: recebi suas atentas cartas. Perdoe-me por não ter respondido como desejava. Não foi por falta de vontade, mas, sim, minha filha, por não ter tido tempo disponível. Hoje não quero que o tempo passe em outra coisa. Começo a dizer que estivemos fazendo os exercícios espirituais, e peça para que, em uma palavra, sejamos todas verdadeiras Filhas de Jesus. Temos tão poucas meninas no colégio, por Deus, sinto muito. Deus queira e a Santíssima Virgem que venham mais meninas. Tenha, minha filha, muito ânimo e confiança em Deus nosso Pai. Se isto for para a glória de Deus, Ele proverá (CMF 131, tradução nossa).

No espírito inaciano, suas conversações espirituais, religiosas, parecem provocar uma dinâmica de comunicação expressiva de uma nova vitalidade sentida na fé com elementos misturados de entusiasmo religioso, desbordamento afetivo e animação da vocação e missão. Segundo Dominguez (2010, p. 26), para Inácio toda a conversação espiritual deveria ter sempre uma intenção de ajudar a outra pessoa. Dominguez destaca alguns aspectos dessas conversações: a conversa intencional que orienta um modo de proceder e as conversações que têm caráter apostólico.

Esses dois aspectos apresentados por Dominguez, encontraremos em grande parte das cartas analisadas de Cândida Maria de Jesus. Poderíamos prosseguir discorrendo sobre as diversas características próprias de Inácio em suas conversações, porém, queremos nos aproximar mais especificamente do modo próprio das conversações de espírito inaciano de Cândida Maria de Jesus.

Vasques (2001, p. 30) nos ajuda a perceber a conversação espiritual inserida dentro de um itinerário de vida espiritual para quem é acompanhado e para o acompanhante. Para o autor, o “con-versar”, a maneira como Inácio apresenta a conversação espiritual supõe, com efeito, o que poderia ser denominado um novo espaço teográfico, onde o conversar mútuo das duas pessoas que conversam as “con-verte” e as faz convergir para algo, que, mais que um simples acordo, é uma concordância de sentidos que só acontece e só se manifesta no próprio ato de conversar.

Nesse sentido, continua Vasques (2001, p. 30-33), é a experiência da concordância de sentidos no ato de conversar que torna a conversa espiritual, que faz experimentar a presença unificadora do Espírito Santo na diferença das pessoas que conversam. A conversação não é espiritual simplesmente porque se fala de Deus em vez de se falar sobre outros assuntos. O encontro é espiritual precisamente quando é impossível reduzir Deus a um assunto sobre o qual as pessoas falam como poderiam falar de qualquer outro. O encontro é espiritual quando se tenta ouvir Deus, que fala, que conta o modo como Ele age e conta o modo como alguém age em relação a Ele.

Deus não entra na conversação espiritual objetivado como um tema sobre o qual duas pessoas se entretêm trocando ideias. Vasques afirma que a conversação é espiritual quando

Deus acontece como aquele que duas pessoas escutam precisamente através das palavras que mutuamente se dizem.

A partir do que já vimos sobre a conversação espiritual a partir dos autores pesquisados, podemos nos aproximar um pouco mais de Cândida Maria de Jesus pelo conteúdo de suas cartas, que carregam em si a essência do que compreendemos por conversações espirituais. Essas conversações sinalizam um elemento importante da espiritualidade inaciana: o acompanhamento de itinerários espirituais pessoais, apostólicos ou institucionais.

Recordemos que estamos resgatando a história de uma mulher sob uma perspectiva de gênero, ou seja, pouco podia se esperar dela na sociedade, na cultura, na educação. Sua existência estava definida pela instituição familiar, pelo matrimônio ou até mesmo pelos conventos onde se poderia ter um pouco mais de acesso ao conhecimento; portanto, nesse aspecto, encontramos Cândida Maria ultrapassando o que se definia culturalmente como a existência feminina. As conversações espirituais em suas cartas portavam em si aspectos de decisões e discernimento sobre a obra empreendida.

Pepa Torres, por ocasião da celebração dos 500 anos da conversão de Santo Inácio, em uma conferência on-line na Espanha com tema “A mulher na vida e no itinerário espiritual de Inácio”, ajuda-nos a pensar e refletir sobre a participação apostólica da mulher desde sua experiência espiritual. A bala de canhão que atingiu Santo Inácio o leva a uma experiência de conversão, e as mulheres deixam de ser, para ele, objeto de conquista; sua relação com elas ganha um novo sentido: as amigadas espirituais femininas foram, para ele, de grande ajuda em seu caminho espiritual.

Segundo Pepa Torres, as mulheres foram as primeiras a assimilar a novidade de sua busca e de sua pedagogia espiritual e as primeiras, também, a deixar-se afetar pela nova experiência religiosa vivida por Inácio. Afirma Pepa Torres que, possivelmente, foram as primeiras a dar os exercícios espirituais em sua forma mais original.

A primeira experiência pastoral que teve Inácio como fundador da Companhia de Jesus foi com as mulheres de Manresa no ano de 1522; eram mulheres da classe média ou da pequena nobreza campesina que o conheceram quando descia de Montserrat em uma situação de grande pobreza e vulnerabilidade, em uma situação de crise pessoal. Pepa Torres caracteriza algumas dessas mulheres, que se chamavam Inigas de Manresa. Suas relações com Santo Inácio foram conflituosas; muito possivelmente, nas conversações e pregações espirituais mantidas com elas, transmitiu-lhes os elementos originais dos exercícios. Elas se destacam no itinerário espiritual de Inácio por sua grande amizade e afinidade espiritual.

Continua Pepa dizendo que, ainda estando em Manresa, Inácio busca em alguma delas a orientação espiritual que muito o ajudou em alguma circunstância de sua vida. A essas mulheres inquietas, desejosas de reforma, Inácio não passou despercebido; estavam inquietas pois despertava desconfiança, naquele contexto (nos anos de 1526-1527), toda prática ou predicação religiosa que portasse uma novidade.

Inácio despertou nelas uma nova forma de predicação do Evangelho, uma nova maneira de estar no mundo. Nesse círculo feminino em torno de Inácio aparecem também as chamadas “jesuitinas”<sup>5</sup>, entre as quais houve uma tentativa falida de estabelecer um ramo feminino dos Jesuítas. Elas trouxeram à vida de Santo Inácio mais complexidade, polêmica, audácia e originalidade. A Companhia de Jesus foi, no entanto, muito criticada por essa relação estabelecida com as mulheres. A presença das mulheres no itinerário espiritual de Inácio, sua amizade, o reconhecimento da prática pastoral dessas fiéis expressam uma abertura de Inácio para a questão feminina.

Essa abordagem feminina no itinerário espiritual de Santo Inácio que nos trouxe Pepa Torres nos ajuda a ver como Cândida Maria de Jesus, muitos anos depois, atuou da mesma perspectiva espiritual de Inácio de Loyola, porém, com suas características próprias de acordo com a experiência carismática a luz da fé recebida de Deus e específica na Igreja e na sociedade.

Ceci Mariani e Andreia Serrato (2021), no artigo intitulado “Espiritualidade inaciana e vocação laical”, afirmam que a contribuição das mulheres para a espiritualidade inaciana se dá justamente no âmbito do acompanhamento espiritual. Nesse sentido, o conteúdo das cartas que Cândida Maria escrevia para as religiosas e leigos, o qual caracterizamos como conversações espirituais, revela esse elemento importante e eficaz da espiritualidade inaciana que chamamos de acompanhamento e orientação espiritual.

É ela quem acompanha e orienta o cotidiano da vida das religiosas e dos colégios, em um contexto social e eclesial onde não cabia à mulher o discernimento nem a participação nas decisões, como nos mostraram nossas autoras pesquisadas. As escolhas e decisões pertenciam aos homens, enquanto a existência da mulher estava definida pela instituição familiar e pelo matrimônio. A biografia narrada por Tomero nos revela as tensões e dificuldades existentes também em relação às correspondências escritas por Cândida Maria ao jesuíta Miguel Herranz.

---

<sup>5</sup> Termo usado por um historiador da Companhia de Jesus. Esse termo designa a realidade de mulheres que tentaram esse projeto falido de se constituir como um ramo feminino da Companhia, uma das quais foi mesmo uma Jesuíta (TORRES, 2021).

Nos conta Tomero (1988, p. 170), no contexto de uma das cartas escritas por Pe. Herranz a Cândida Maria, que a dificuldade das correspondências provinha da postura que haviam tomado os superiores da Companhia de Jesus em relação a seu papel de colaborador na fundação da Congregação das Filhas de Jesus em Salamanca. Seu afastamento, com um envio à Galícia, vinha acentuado pela falta de liberdade para uma comunicação epistolar que ele, sem dúvida impulsionado pelo Espírito, acreditava necessário manter.

Citaremos fragmentos de uma carta do Pe. Herranz nesse contexto. Esta carta foi a primeira dirigida a Cândida Maria e dá-nos pauta do que foi sempre, por parte de ambos, aquela comunicação espiritual que de tantos modos se tentou impedir. Para que essa correspondência acontecesse, foi necessário endereçá-la a Cândida Maria usando como remetente outro nome. Nesta carta, Pe. Herranz ocupa-se dos exercícios espirituais que Cândida Maria vai fazer com o primeiro grupo das Filhas de Jesus que estava se preparando para consagrar-se à tarefa educativa.

Astorga, 2 de novembro de 1873. Minha inesquecível irmã Paca. Recebi suas cartas dos dias 27 e 28, e me enche de consolo que esteja tão disposta e conforme a realizar a vontade de Deus. Espero que, ao receber a minha carta, tenha feito os atos de resignação lembrando-se da presença de Deus e da proteção de Maria em tudo. Procure fazer bem os exercícios espirituais assistindo todas as que fazem, e que saiam cheias do Espírito, que Deus as ajudará... não deixe de comunicar-se. Farei alguns dias de descanso e darei notícias para que me escreva... escreva as inspirações que tenha e tudo o que passa em teu coração. Se pelos exercícios não puder escrever-me, não tem problema. Faça-os bem e com tranquilidade e, se já me escreveu, logo chegará. Adeus, minha irmã, até outra carta. Não se esqueça de pedir por mim, que em todos os momentos roga por ti. Miguel (TOMERO, 1988, p. 171-172, tradução nossa).

Sobre a recepção do espírito inaciano que estamos desenvolvendo neste capítulo por meio de suas cartas, é importante ressaltar que, após um estudo mais aprofundado para o Capítulo Geral Especial (CGE), em relação à espiritualidade inaciana, vemos que Cândida Maria de Jesus segue quase ao pé da letra as constituições e regras de Santo Inácio. As pequenas modificações ou supressões que faz ao texto inaciano se devem ao diferente gênero de vida, e não afetam nenhum ponto importante da espiritualidade. As adições feitas por Cândida Maria não modificam as linhas do espírito inaciano: matizam melhor ou lhe dão relevo especial em alguns aspectos, mas sempre dentro desse mesmo espírito (CGE, 1969, p. 159).

Ao analisar as cartas de Cândida Maria de Jesus, em grande parte direcionadas às primeiras religiosas Filhas de Jesus, preferimos usar a expressão “acompanhamento e orientação espiritual”, outrora chamada de direção espiritual. A expressão “acompanhamento” ajusta-se melhor na análise que fizemos de suas cartas. Cândida Maria de Jesus é alguém que

*acompanha* na etimologia mesmo da palavra “acompanhar”: do latim *companiono*, que significa companhia.

Atualmente, usamos a palavra “acompanhar” para algo ou alguém que permanece junto, vai na mesma direção, é companheiro ou tem o mesmo sentimento. Neste fragmento da carta 34, redigida no dia 18 de abril de 1893, percebemos Cândida Maria como alguém que acompanha processos e orienta o cotidiano da vida:

Minhas amadas filhas Antonia e Isabel, recebi suas cartas e hoje escrevo para dizer-lhes que meu parecer é conforme o de vocês. Portanto, podem dar às irmãs Juana e Regina o título de mestras. Deus queira que sejam verdadeiras Filhas de Jesus e seja tudo para maior honra e glória de Deus. Que vejam bem o que vão fazer e que peçam por mim, que eu também peço por elas para que sejam muito santas e, trabalhando muito por Deus, vamos ao céu (CMF 34, tradução nossa).

Ela não só dá orientações, mas segue acompanhando, o que percebemos pelo número de cartas que vai escrevendo para as mesmas pessoas; existe uma reciprocidade nessas cartas, é um ir e vir, como podemos constatar na carta 458, do dia 15 de junho de 1912, meses antes de sua Páscoa definitiva. Nesta carta, endereçada a Águeda Rey Garcia, encontramos Cândida Maria de Jesus acompanhando com suas conversações os muitos assuntos importantes, que compõem a caminhada humana diária, aparentemente sem história, de uma comunidade.

Minha amada Filha Águeda Rey: recebi sua carinhosa felicitação, que agradeço muito, sobre tudo o que pediu por mim. Deus lhe pague. Eu também rezei por você. Procurem tirar muito fruto, recolhendo-se para não pensar mais que em Deus e na alma, porque, se não estamos recolhidas e pensamos em outras coisas alheias aos santos exercícios, não tiraremos os frutos que devemos; pensemos que podem ser os últimos de nossa vida e que deles pode depender nossa salvação, enfim, aproveitem de todos os meios que possam ajudar no progresso espiritual (CMF<sup>6</sup> 458, tradução nossa).

Nesta carta, encontramos Cândida Maria de Jesus em uma maneira de acompanhar, de estar junto, de permanecer, como explicita o dicionário da espiritualidade inaciana (CEBOLLADA et al., 2007, p. 80).

No dicionário de espiritualidade inaciana afirma-se explicitamente que o acompanhamento não se restringe apenas a uma experiência de um mês ou alguns dias: o papel de quem acompanha alguém é um itinerário que toca o conjunto da vida cotidiana. Assim, temos a experiência de quem acompanha como um dos rasgos mais inovadores da espiritualidade inaciana.

Assim como aconteceu com Inácio, que buscou e encontrou como meio de crescimento espiritual o acompanhamento, aconteceu também com Cândida Maria de Jesus,

---

<sup>6</sup> Escrita por Joaquina Gómez e assinada por Cândida Maria de Jesus.

como vimos no primeiro capítulo. Desde sua adolescência, buscou como modo de busca da vontade de Deus e conhecimento de si mesma o acompanhamento espiritual.

Seu itinerário espiritual teve sempre como elemento fundamental a conversação espiritual em forma de acompanhamento pessoal. No acompanhamento espiritual, comunicamos nosso mundo interior com forte impulso à conversação espiritual, e essa comunicação não se faz por teorias, princípios ou ideias, mas por sua própria experiência interior, vivida e assimilada.

Nessa experiência de acompanhar e deixar-se acompanhar é de causar admiração como os santos Inácio e Cândida se encontram. Torna-se evidente a identificação de uma maneira específica de viver a espiritualidade, particularmente no acompanhamento de modo epistolar já descrito acima; a correspondência, tanto para Inácio quanto para Cândida Maria, foi um meio de comunicação e conversação espiritual que muito os ajudou no empreendimento de suas obras. Para Cândida Maria, sua atividade epistolar nos primeiros anos foi intensa.

Nas cartas ela se nos faz presente; como Cândida Maria, usou de sua própria experiência espiritual para acompanhar, orientar aos outros. Ela ajuda e dá conselhos sobre como superar as próprias tentações e discernir os espíritos e suas diversas moções na pessoa. Tudo isso em uma relação muito próxima, humana, sensível e afetiva.

Por exemplo, a carta escrita a Josefa González Cortez no dia 1 de julho de 1904, em que uma vez mais Madre Cândida apresenta à consideração das irmãs a transcendência da anual e forte experiência de Deus que vivem elas com os exercícios espirituais e a resposta de total entrega que devem dar ao amor sempre gratuito de Deus.

Minha muito amada filha Josefa: me dirijo a você deste colégio de Arévalo, onde me encontro faz muitos dias. Mas, Deus mediante, logo irei a Salamanca e depois, neste verão, veremos se posso ir até vocês, pois já o desejo. Peça a Deus para que se realize. Pela madre Joaquina, soube que entravam nos santos exercícios no sábado; quantas graças temos que dar a Deus nosso Senhor por tantos meios que nos proporciona para que sejamos suas verdadeiras filhas e fiéis imitadoras de suas virtudes, pois terão boas meditações e boas práticas para refrescar a memória e avivar o fervor para seguir adiante, dando muita glória a Deus e fazendo guerra ao demônio. Sim, filhas minhas, façam propósitos firmes, e procurem fazer-se umas santas, como Santa Teresa, e, sobretudo, amem muito e muito a Jesus, que é nosso Pai, nosso esposo e nosso tudo; porque Ele merece todo nosso ser e nosso amor. Ele nos dá tudo e a ele devemos dar, como disse Santo Inácio de Loyola, aquele grande santo. Suponho que pedirão muito por mim e por toda a Congregação, para que o Senhor derrame muitas bênçãos sobre todas nós etc. etc. etc., que também peço eu por vocês para que o fruto que tirem destes santos exercícios seja copioso e verdadeiro. Adeus, minha filha; receba as mais carinhosas recordações destas madres e irmãs; minhas extensivas saudações a todas as minhas filhas e saiba que as quero muito santas. Sua mãe que a abençoa em Cristo (CMF 282, tradução nossa).

Para o acompanhamento ou a orientação espiritual, é um pressuposto que a pessoa acompanhe um itinerário espiritual de oração. A espiritualidade cristã nos oferece uma diversidade de maneiras de orar, ou seja, a oração pessoal, como uma prática cotidiana e consciente de relacionamento com Deus, e aqui nos referimos concretamente à recepção feminina da espiritualidade inaciana por Cândida Maria de Jesus. Seu modo de viver e atuar por meio da espiritualidade inaciana tem uma característica própria e peculiar. É a experiência de Deus de Cândida Maria que fundamenta a prática do acompanhamento espiritual. É essa experiência de Deus experimentada por ela que vamos aprofundar no ponto a seguir.

Ao analisar as cartas escritas por ela e recebidas pelos destinatários, descobrimos que o acompanhamento não acontece de forma isolada, mas dentro de um processo de proximidade, reciprocidade, discernimento e relação com Deus.

### **2.3 – Filiação: uma forma específica de se relacionar com Deus**

Analisando as cartas lidas, podemos perceber como Cândida Maria de Jesus viveu sua relação com Deus. Sua experiência espiritual foi simples e familiar, e podemos encontrar em suas cartas expressões dessa experiência, a qual está muito relacionada com o sentir inaciano, chegando a um nível muito mais profundo que o intelectual. No espírito inaciano, diríamos que se obtém um conhecimento interno de Deus, e isto supõe um caminho, um itinerário que se refere à vida interior, a qual podemos chamar de vida espiritual.

João Batista Libânio, um de nossos referenciais teóricos especialmente para este segundo capítulo, ajuda-nos a fundamentar a experiência religiosa cristã. Libânio (2010, p. 83- 84) explicita de forma simples e clara a natureza da experiência de Deus; ele nos diz que a experiência de Deus acontece nas circunstâncias da nossa história humana e possui elementos imprescindíveis, permanentes e inconfundíveis. Em primeiro lugar, esta experiência se define como presença de Deus em nós.

Deus é criador e salvador, deixa-se ser captado por nós como quem nos dá o existir e nos chama a uma relação de amor consigo. Essa experiência se realiza no momento em que tomamos consciência de sua presença e sobre ela voltamos a nossa inteligência, nesse sentido, quanto mais plenos estamos da proximidade com as escrituras, com a realidade humana, tanto mais ela se fará compreendida e carregada de beleza e amor.

É na história humana que acontece o encontro pessoal e imediato com Deus. Segundo o autor, essa experiência não depende do nosso desejo infinito nem de nossa estrutura humana de estar aberto para o transcendente, base necessária, mas insuficiente. Deus, por via de Jesus

Cristo, assumiu a iniciativa de vir até nós. A Deus ninguém manipula, suborna, dele ninguém dispõe. Assim, a primeira atitude para experimentar a Deus traduz-se na entrega radical, na disponibilidade gratuita em face dele, de verdadeiro “*ouvinte da palavra*”, expressão tão profunda sugerida por Karl Rahner.

O encontro, a experiência acontecem a partir do amor gratuito de Deus, à espera da mesma gratuidade de nossa parte. No encontro, a experiência supõe amor, liberdade, profundidade afetiva e não apenas o intelecto. Ele nos atrai de uma maneira que não diminui nossa liberdade, mas a torna mais fascinante. Segundo a comunidade de João, o evangelista, “nós amamos porque Ele nos amou primeiro” (1Jo 4,19).

Continua Libânio, conduzindo-nos a compreender um pouco mais a beleza da experiência de Deus. Na história humana, Deus se deixa experimentar, auto manifesta-se, entrega-se como dom. Segundo o autor, toda essa comunicação de Deus passeia no espaço do mistério. Termo, segundo ele, com duas conotações bem diferentes.

O mistério apresenta-se como barreira intransponível por nossa inteligência. Força de atração para o coração, tanto mais se conhece, tanto mais se deseja conhecer. Nas palavras mesmas do autor (2010, p. 84):

Se cada liberdade humana exala mistério, quanto mais a liberdade de Deus que não entra em nenhuma lista. Única, absolutamente singular. Só a atingimos pela analogia. Esta maneira de conhecer atinge realmente algo do mistério, conscientiza-nos dos limites de nosso conhecimento e sobretudo, sente a necessidade de prolongar até o máximo o conhecido.

Para Libânio, tudo o que é criado – luz, oceano, horizonte, beleza da natureza, experiências afetivas, enfim, inúmeras realidades humanas – existe para nos proporcionar mediações da experiência do próprio Deus. Na circunstância atual, o crescimento da consciência ecológica adquire um lugar relevante para a experiência de Deus.

Para o cultivo desta experiência, as religiões criam ambientes, ritos, orações, liturgias, músicas, símbolos, imagens, pinturas, quadros, incensos, que geram um clima propício para o contato com Deus. Nesse sentido, cita Libânio os exercícios espirituais como ocasião propícia para essa experiência. No decorrer da história da humanidade, homens e mulheres atravessaram as dimensões mais profundas de seu ser para encontrar-se consigo mesmos, o que os lança para o outro. Aqui, podemos nos referir aos contemplativos bíblicos e a tantos outros de nossos dias atuais.

Segundo a experiência espiritual de Cândida Maria de Jesus e um estudo analítico sobre a sua personalidade (LASO, 1978, p. 42), sua experiência de Deus se manifesta marcadamente em seu caráter pessoal. Deus é uma pessoa concreta, com a qual ela entra em

relação. A experiência de Cândida Maria é relacional, relação consigo mesma, com o outro, com as circunstâncias históricas.

Encontramos uma carta imensamente simples como são os gestos de Cândida Maria, mas muito significativa em relação a seu relacionamento com Deus. Na carta 392, endereçada a Antônia Beloqui Ayarbe, ela comenta os eventos recentes de corte anticlerical ocorridos em Portugal. Junto com sua oração apostólica pelos católicos de ambos os países ibéricos, Cândida Maria expressa o fundamento básico de sua vida toda: sua atitude filial e a total entrega nas mãos de Deus.

Noto que recebeu as respostas que lhe enviei. Deus queira que tudo se arranje. Suponho que saibam o que aconteceu em Portugal. Peçam muito pelos católicos e pelas comunidades de lá e para que nós, espanhóis, nos vejamos livres de tal revolução e entreguemo-nos totalmente nas mãos de Deus, que é nosso Pai (CMF 392, tradução nossa).

A mesma experiência filial à qual se refere Cândida Maria, vamos encontrar também na carta 282, já citada acima: “sobretudo, amem muito muito a Jesus, que é nosso Pai, nosso esposo, nosso tudo” (MF 282, tradução nossa).

O XI Capítulo Geral em Roma no ano de 1977, em aprofundamento da fórmula da congregação que marca as diferenças em relação às constituições da Companhia de Jesus, destaca o nome “Filhas de Jesus” como uma maneira de relacionar-se com Deus semelhantemente a Jesus, que o chama de Pai. O nome “Filhas de Jesus” é muito mais que um simples elemento de funcionalidade, é significativo de uma tensão de vida espiritual para quem se compromete a assumi-lo. Este nome explicita e confirma todo um jeito de viver uma experiência de Deus na vida cristã.

Cândida Maria de Jesus, como vimos no Capítulo I, pertence ao grupo das campesinas mais simples a quem Deus revelou seus segredos. Essa identidade expressada no nome “Filhas de Jesus” nos faz pensar na tenacidade com que o defendeu em Roma, sem vacilar diante das pessoas da cúria que lhe colocavam dificuldades, e em sua alegria pela aprovação da Congregação das Filhas de Jesus por Leão XII.

O ser filha de Jesus representa a síntese de todo um caminho espiritual do Evangelho que Cândida Maria nos foi deixando como passos a seguir. Ser filha é uma filiação em Cristo, com Cristo e um cristocentrismo filial. Dizia ela: “Deus é nosso Pai e olhará por nós” (CMF 40, tradução nossa).

Nesta carta 40, muito bonita e profunda, onde ela fala de si com expressões de proximidade, transparência e simplicidade, escrita em Segóvia no dia 19 de maio de 1893 à Irmã Antônia Robles Hernández, Cândida Maria expressa sua experiência pessoal de fé; as

vivências simples, porém profundas, de seu espírito; o pano de fundo de sua oração apostólica no qual têm lugar todas as Filhas de Jesus. E volta a dar, uma após outra, suas respostas aos variados assuntos referentes à vida do colégio de Salamanca e às pessoas relacionadas à congregação.

Minha amada filha Antônia Robles: recebi sua carta no dia 16, suponho também que recebeu a minha, creio que se cruzaram no correio. Eu pensava sair amanhã de carro para ir a Bernardos e estar lá alguns dias para ver aquele colégio, mas não poderei sair por estar gripada e com muitas dores. O dia em que escrevi para você, ao colocar a carta no correio, tive que deitar por estar mal e ainda não estou bem. Vejo que estamos por todas as partes apuradas, com muitas coisas. Sinto muito pelo que me disseram do bispo de Salamanca. Peçam por ele, para que a Virgem lhe conceda saúde, se lhe convém. Acenda a vela um pouco. Deus é nosso Pai e olhará por nós (CMF 40, tradução nossa).

Segundo Laso, este modo de experimentar a Deus como filha, com a intuição que sente no contexto histórico, social e religioso de sua época, está expressado na sua experiência pessoal, a paternidade espiritual de Jesus. Mais precisamente, a finalidade desse dom que nos dá Jesus é que encontremos o nosso Pai em seu Pai. De sua plenitude recebemos o dom da adoção filial. Assim, fará de nós semelhantes ao que Ele é, filhas de Deus Pai.

É nesta linha de reflexão e experiência espiritual da Congregação das Filhas de Jesus que se situam pontos centrais da vivência de Cândida Maria, como a filiação e o cristocentrismo, um cristocentrismo que é estar em união íntima com sua pessoa e seus interesses, que se concretiza em seu seguimento como mulheres discípulas em uma experiência filial com Jesus que leva a viver em atitude de segura confiança em Deus Pai; por isso, coloca-se tudo em suas mãos, tendo como eixo de atuação o que Deus quer, conhecer a sua vontade e cumpri-la, buscar única e exclusivamente a glória de Deus em tudo.

Segundo os dados da biografia de Cândida Maria de Jesus (TOMERO, 1988, p. 77), foi no ano de 1868 (Revolução de Setembro, em que foi expulsa da Espanha a Companhia de Jesus) em Valladolid, cidade universitária da Espanha, que se encontraram Cândida Maria e Pe. José Miguel Herranz, que será o colaborador mais próximo da fundadora no nascimento e desenvolvimento da nova congregação, da Igreja da Espanha para a Igreja Universal.

Em Valladolid, consolidou-se a experiência religiosa de Cândida Maria de Jesus, em uma igreja chamada Nossa Senhora do Rosário, na qual costumava ir à missa todas as manhãs. Sobre esta experiência, encontramos testemunhas que escutaram da própria Cândida Maria a descrição do que ela viveu.

No interior da igreja que Cândida Maria costumava frequentar, encontrava-se um retábulo muito bonito e de grande devoção, que continha esculturas de bastante piedade; nele estão a Sagrada Família, o Espírito Santo, o Pai Eterno sob um arco, São Joaquim e Sant'ana.

Sobre o arco central do Pai Eterno, um medalhão sustentado por três anjos com o anagrama do nome de Jesus: IHS. Os olhares convergem todos ao menino Jesus, que ocupa o centro do grupo e carrega em suas mãos uma cruz.

Este altar que descrevemos tem um particular significado no itinerário espiritual de Cândida Maria de Jesus. É lugar de resposta e de fé para a trajetória de Cândida Maria, conforme conta o testemunho de Dona Vicenta, sobrinha do Pe. Herranz que manteve com Cândida Maria uma profunda amizade e recebeu não poucas vezes suas confidências mais íntimas. Esse é um documento de grande valor, de muita análise e aprovação com garantias de credibilidade para todo o material produzido para a canonização da santa. Assim nos conta Vicenta: “Na igreja do Rosarillo, no dia 2 de abril de 1869, o Senhor lhe demonstrou o que sobre ela tinha disposto: que fundará uma congregação religiosa com o título ‘Filhas de Jesus’ dedicada à salvação das almas por meio da educação e instrução da criança e da juventude” (TOMERO, 1988, p. 82).

É diante desse altar que Cândida Maria de Jesus sente a confirmação de sua experiência de Deus, que não desconsiderou o contexto histórico de seu tempo e não se situa em uma experiência isolada e intimista, mas, em uma leitura cultural de gênero, une-se a uma busca com outras mulheres de seu tempo para abrir horizontes na formação integral do ser humano, sobretudo as meninas que não tinham acesso a educação. Em sua experiência religiosa, estabelece com Deus uma relação filial, como Jesus, sente-se Filha amada. O instituto ao qual se sente chamada a iniciar recebe, portanto, este nome: Filhas de Jesus.

Tomero (1988, p. 85), em seu estudo sistemático da biografia que estamos analisando, cita alguns aspectos fundamentais da experiência de inspiração do instituto. Esse estudo nos permite descobrir que a fundação de um instituto dedicado à educação é algo novo e estranho a Cândida Maria, que havia pensado em ser religiosa, mas não a fundadora de um instituto.

Outro aspecto é o fim ao qual se dedica o instituto, que se mostra muito claro para ela. A educação cristã da infância e da juventude, assim como o nome do Instituto Filhas de Jesus, que mais tarde vai vincular todo um conteúdo espiritual. Por fim, um último aspecto que assinala Inês Laso é a linha inaciana representada pela presença e intervenção do Pe. Herranz.

Segundo uma análise feita por ela (1978, p. 83) sobre a espiritualidade de Cândida Maria, é particularmente significativo situar a experiência de filiação do instituto nascente na experiência dos exercícios espirituais, particularmente na “Meditação do reino”. Neste exercício há um grande entroncamento do sentido da experiência espiritual carismática original e específica de Cândida Maria de Jesus. “Amém muito, muito a Jesus que é nosso Pai, nosso tudo, porque Ele merece tudo, nosso ser e nosso amor” (CMF 01/08/1904), como

também a ideia de parecer-se com Jesus “como uma Filha se parece com seu Pai” (CFI 136). Segundo Inés Laso, a espiritualidade inaciana e o modo de ser de Cândida Maria se dão as mãos na transmissão da vivência carismática.

Nas diversas cartas analisadas, assinala Inés Laso (1978, p. 146), convém perceber que todo o cotidiano, toda a missão entra na vida de oração de Cândida Maria. Em sua vida de oração projetou sua missão. Ainda dentro dessa perspectiva, enfatizamos a expressão “familiaridade”, que, segundo o “Vocabulário das constituições” (VCFI, p. 66), aparece três vezes nas fontes, sempre referido a Deus como um dos meios que unem a pessoa com Deus.

Todavia, o termo é empregado também na parte X das constituições inacianas, onde encontramos a expressão “familiaridade com Deus nosso Senhor”. Este termo tem importância especialmente pela maneira que se usa no texto constitucional das Filhas de Jesus e pelas conotações que adquire dentro de sua espiritualidade. Essa expressão se refere ao trato familiar com Deus na oração e em geral, nos exercícios espirituais. Ela indica um hábito de oração explícita e, ao mesmo tempo, uma maturidade alcançada nesta relação familiar com Deus, que se dá dentro dos tempos expressamente dedicados à oração em suas diversas formas.

No entanto, no texto inaciano a ideia parece estar matizada como primeira atitude pedida ao jesuíta: que seja uma pessoa muito unida a Deus nosso Senhor e familiar na oração e em todas as suas operações. A familiaridade com Deus nos documentos inacianos (SI 723) não se refere apenas à oração explícita, senão, em todo o fazer, a toda a vida da pessoa. Nesse sentido, união com Deus e familiaridade são ideias que aparecem significativamente juntas.

Nas Constituições das Filhas de Jesus (CFI), existem duas passagens originais que falam claramente do sentido dado à expressão. Os artigos 167 e 143 acentuam o chamado às Filhas de Jesus de viver em intensa familiaridade com Deus, o que é o mesmo que esforçar-se por buscá-lo em todas as coisas e amá-lo em todas elas.

Para viver essa intensa familiaridade com Deus, os exercícios espirituais as ajudarão. Esta experiência de familiaridade deve ter lugar tanto nos espaços de oração expressa como nas mais diversas atividades. Trata-se da experiência de Deus, que desborda todo o esquema de oração ou meditação formal. Na linguagem das cartas de Cândida Maria, permanecer unidas a Deus ou a Jesus é não deixar de levantar o coração e a mente ao céu.

Citaremos abaixo, para expressar essa união com Deus, a primeira carta de Cândida Maria escrita às religiosas Filhas de Jesus, duas irmãs que se encontram no balneário de Ledesma, na província de Salamanca.

Minhas amadas filhas: recebi sua tão desejada carta. Obrigada. Por Deus, filhas de minha alma, cuidem-se muito e não passem mal tempo por nada, muita caridade uma com a outra e não deixem de levantar o coração e a mente ao céu. Muita oração e união, e o Senhor recompensará o sofrimento de vocês (CMF 4, tradução nossa).

Ainda em outra citação, Cândida Maria expressa sua alegria pela aprovação do instituto. Nesta circunstância, experimenta o amor de Deus, experiência fundante de sua vocação religiosa. A carta foi direcionada a um religioso Franciscano em Salamanca no ano de 1901.

Dia 25 de agosto tive a felicidade de receber o decreto de Roma, da aprovação definitiva de nossa amada congregação, o que causou em meu coração uma alegria impossível de explicar. Seja Deus bendito, que tanto nos ama, e sejamos fiéis e agradecidas em um favor tão singular. Verdadeiramente que foi uma graça grande que tenhamos sido aprovadas em tempos tão difíceis como são os que atravessamos, e tão rápido e definitivamente. Que bom é Deus e quanto nos ama (MF<sup>7</sup> 219, tradução nossa).

Para finalizar este ponto de nosso capítulo, sublinhamos que a familiaridade e atitude filial se complementam entre si. Tratam-se simplesmente de ter ante os olhos Deus como Pai (CFI 136), de deixar-se conduzir a uma configuração sempre maior com Jesus em uma maneira de rezar plenamente. É viver como quem sabe que Deus é Pai (CFI 153) e, a partir desta experiência, que está na origem mesmo da própria vocação (CFI 86), buscar e encontrar em todas as coisas os sinais de sua presença e de seu amor.

## **2.4 – Um modo de ser em discernimento**

Já descobrimos na expressão das cartas de Cândida Maria elementos importantes da espiritualidade inaciana para sua atuação e colaboração na Igreja, na cultura e na sociedade. Suas conversações espirituais, seu modo de acompanhar, seu modo de viver a espiritualidade a colocam no mundo com um modo específico de ser e atuar, ou seja, esses elementos nos mostram em Cândida Maria uma maneira de viver em discernimento.

Em relação ao discernimento, no dicionário de espiritualidade cristã, Santo Inácio ocupa um lugar relevante, devido à experiência espiritual que teve da alternância de diversas moções espirituais a partir de sua conversão. Experiência que ele escreveu em seus exercícios espirituais, que são guiados inteiramente pelo discernimento espiritual com vistas a uma escolha de vida que deve ser feita para a maior glória de Deus. Nesse itinerário espiritual de Inácio, são destacados alguns elementos, listados abaixo.

---

<sup>7</sup> Escrita por Joaquina Gómez e assinada por Cândida Maria de Jesus.

*Conquistar a liberdade interior:* toda predeterminação ou preconceito bloqueia o processo de conhecimento e de busca da vontade de Deus. Por isso convém que a pessoa vença a si mesma e ordene a sua vida sem se deixar determinar por nenhum afeto desordenado. É preciso estar animado pelo desejo de busca “*magis*” para empreender este itinerário. Ter grande ânimo e liberalidade para com seu Criador e Senhor, oferecendo a ele todo o seu querer e toda a sua liberdade. Toda pessoa deve dedicar-se a discernir entre a diversidade das moções espirituais, principalmente sua afetividade profunda para sentir e saborear as coisas interiormente.

*Escuta da palavra:* Deus se comunica mediante a palavra, logo, a pessoa humana deve colaborar com sua adesão pessoal.

*Prontidão para a mudança:* o discernimento supõe a prontidão para questionar-se diante da interpretação da palavra de Deus e supõe igualmente que se esteja disposto a mudar o que seja na vida pessoal, social e comunitária. Somente Deus é absoluto e imutável, todo o resto é relativo, e diante disso é bom manter-nos indiferentes. A indiferença é a atitude consistente ao optar fundamentalmente por Deus e por seu plano sobre nós, porque todo o resto se torna desnecessário e só deve ser acolhido na medida em que seja manifestação da vontade divina. Renunciar à mudança é fechar-se à novidade do Espírito, que pode abrir caminhos novos que nos levem mais para perto de Deus e dos irmãos.

*A experiência de consolações e de desolações:* Santo Inácio descreve a ressonância interior que a palavra de Deus e suas moções suscitam em nós, com alternativas de euforia e de tristeza, usando os termos *consolação* e *desolação* espiritual. Nos exercícios espirituais, Santo Inácio caracteriza ambos os conceitos:

Chamo de consolação espiritual o que acontece quando na alma surge alguma moção interior, mediante à qual a alma vem a se inflamar no amor a seu Criador e Senhor, e, por conseguinte, quando nenhuma coisa criada sobre a face da terra consegue ser amada em si, porém somente no Criador de todas elas. Chamo “consolação” todo o aumento de fê, esperança e caridade. A desolação, porém, é o contrário da consolação. É a obscuridade da alma, a perturbação que nela surge, a moção para as coisas baixas e terrenas, a inquietação provocada por várias agitações e tentações, sem esperança, sem amor, tibia, triste (E.E, 1985, 316).

*A dinâmica de uma escolha:* por meio da experiência do discernimento das moções interiores se pode chegar a uma escolha segundo a vontade de Deus. Esse processo, no entanto, não dispensa a pessoa de empregar as energias humanas, a saber: examinar serenamente os motivos a favor e contra relativos a determinada escolha, a qual deve ser feita num tempo tranquilo, quando a alma não se ache agitada. Para tal escolha, Santo Inácio descreve um itinerário concreto: a) precisar o objeto da escolha; b) fixar o fim, a saber, Deus e

seu louvor; c) pedir ao Senhor que oriente as moções interiores para sua vontade; d) considerar as vantagens e as desvantagens do objeto da escolha somente com vistas ao fim; e) deliberar segundo motivos razoáveis; f) apresentar na oração a escolha feita a Deus, para que a confirme.

Sabemos que, na perspectiva de gênero no século XIX, não competia à mulher fazer escolhas, decidir sobre si mesma e tão pouco atuar, colaborar para a cultura a partir de uma experiência religiosa. Segundo Perrot (2019, p. 85), a religião exercia um poder sobre as mulheres. Todas as religiões eram dominadas pelos clérigos, e as mulheres eram subordinadas a eles, geralmente excluídas do exercício do culto. Segundo a autora, o catolicismo é, em princípio, clerical e machista, à imagem da sociedade de seu tempo. Somente os homens poderiam ter acesso ao sacerdócio e ao latim. Eles detinham o poder, o saber e o Sagrado.

Pepa Torres nos diz que, no século XIX, ainda que o humanismo tenha proporcionado uma certa emancipação para as mulheres, para a maioria sua existência estava definida em grande medida pela instituição familiar e pelo matrimônio. O matrimônio é entendido como um contrato, mais do que como uma relação amorosa. Este era o ideal feminino dominante identificado como ordem natural e querido por Deus. A mulher deve estar em casa cuidando dos bens da família. E, nesse contexto, encontramos Cândida Maria e outras mulheres que, na sua liberdade, romperam com o ideal feminino escolhendo outro caminho: a vida religiosa como um projeto específico na circunstância de seu tempo.

Neste último item do Capítulo II, queremos destacar Cândida Maria como uma mulher que vive em atitude de discernimento. Ao acompanhar sua biografia, encontramos o discernimento como um processo vivido ao longo da vida e não apenas como um tempo específico para decidir. A tônica de sua vida foi o discernimento no sentido da atenção e da busca constante ao que vai pedindo Deus na vida pessoal, de trabalho, nos projetos e opções. Como bem expressa Libânio (2010, p. 22), o discernimento não se faz na solidão do Eu, mas no contexto sociocultural e eclesial que se vive, e no qual queremos situar o processo espiritual de busca da vontade de Deus vivido por Cândida Maria.

Segundo Libânio (2005, p. 71), a originalidade maior de Inácio foi assimilar a presença de Deus nos acontecimentos, na história, no cotidiano das pessoas. A espiritualidade de Inácio forja-se sobretudo sobre essa intuição, de modo que pode ser resumida na frase “buscar e encontrar a Deus em todas as coisas”, entendendo pela palavra “coisas” as realidades humanas, históricas e cotidianas.

Dessa maneira, podemos também entender a vida de Cândida Maria como um modo específico de discernimento constante e não apenas em um momento determinado; grande

parte das cartas lidas expressam essa postura ou atitude de discernimento no acompanhamento às comunidades e obras educativas.

Vejamos a carta número 457, endereçada à irmã Águeda Hernandez Calvo, a qual pertence ao segundo grupo das Filhas de Jesus no Brasil. Foi escrita em Salamanca no ano de 1912, ano da Páscoa de Cândida Maria de Jesus. Trata-se de uma correspondência que nos permite conhecer a experiência humano-religiosa do primeiro grupo missionário. Encontramos nesta carta expressões de ternura e uma clara perspectiva de fé e discernimento existencialmente assumida.

Encontramos também formas e matizes distintas da tensão que começam a experimentar entre o desejo de transplantar em terras brasileiras o conteúdo essencial de sua graça carismática e as exigências de uma verdadeira inculturação que fez possível a vocação brasileira das Filhas de Jesus e a eficácia apostólica da missão educativa do instituto na Igreja do Brasil. Essa abertura universal do carisma em terras brasileiras pede delas um sério discernimento que lhes dê segurança no caminho, na tradição brasileira do Dom que o Senhor deu à Igreja através do Instituto das Filhas de Jesus.

Cândida Maria de Jesus, nesta carta, acentua a dimensão do afeto humano vivido pela fé que há de unir os membros da Congregação entre si e consigo; ela os preside e estimula com suas palavras a busca de uma comunicação profunda. Podemos perceber que é no acompanhamento das cartas escritas e recebidas que o discernimento se torna concreto. Como Inácio de Loyola, a carta que vamos citar tem a união como fonte no amor de Deus revelado em Jesus Cristo, a causa mais profunda de toda a fecundidade apostólica dos membros da congregação dispersos pelo envio.

Minha queridíssima filha Águeda: muito obrigada por sua carinhosa felicitação. Tenho a todas muito presente. Diga-me tudo o que queira pois os corações das mães e das filhas se entendem muito bem e quanto mais larga seja a distância que nos separe, maior é a união dos corações. Estejamos todas muito metidas no coração de nosso amante Jesus e debaixo do maternal manto de nossa puríssima mãe, ali nos encontraremos todas, e formando uma só alma e coração, trabalharemos muito. Que essas almas conheçam e amem a Deus por meio de suas filhas que trabalharão e brigarão contra todos os seus inimigos para conseguir a vitória (CMF 457, tradução nossa).

No artigo intitulado “Missão apostólica e discernimento espiritual”, de Daniel Gil, o discernimento se encontra como algo inseparável da ação apostólica. Vamos também nos apropriar desta reflexão, pois, ao analisarmos a biografia de Cândida Maria juntamente com suas cartas, encontramos-la respondendo a uma necessidade concreta de seu tempo a partir das circunstâncias políticas, econômicas, religiosas e culturais; ou seja, sua colaboração na cultura e na religião não está separado de seu discernimento espiritual: vida e oração caminham

juntas, a experiência espiritual de Cândida Maria se situa num lugar e num momento histórico e não está afastada do cotidiano.

Para Gil (1977, p. 276), o discernimento é uma comunicação interpessoal entre Deus e nós e requer sempre um sujeito capaz de uma decisão real; é uma forma de receber em nossa liberdade a liberdade divina, que nos concede uma missão. É o próprio Deus que toma a iniciativa de nos chamar, é Ele que nos guia para nos dispor a recebê-lo, encontrá-lo, assumir e realizar a sua vontade. O discernimento é obra de Deus em nós.

Continua o autor recordando-nos que o discernimento para Santo Inácio não equivale a um simples conhecimento de distintas alternativas oferecidas à liberdade humana, mas que é o processo mesmo pelo qual a pessoa recebe em sua liberdade a direção e o sentido que vêm de Deus (missão), removendo e rejeitando a direção oposta que vem do mau espírito. Dessa forma, sendo o discernimento uma forma de receber em nossa liberdade a liberdade divina que nos confere uma missão, resulta que é Deus mesmo que toma a iniciativa de chamar-nos e deve guiar-nos para que o encontremos – cabe a nós recebê-lo.

O discernimento da missão, portanto, não é uma investigação científica, nem jamais fruto do esforço humano de autossuperação. Segundo Gil, o discernimento sempre é obra de Deus. Nessa mesma linha caracteriza e integra Libâneo (2005, p. 56) o discernimento como uma experiência conectada à realidade humana e histórica, em alguns períodos de forma mais intensa na vida de um grupo ou de uma comunidade, quando se acham em jogo valores importantes para a vida cristã e a missão eclesial. O discernimento é pessoal e comunitário.

No *Dicionário de espiritualidade cristã*, encontramos alguns requisitos importantes e necessários para o discernimento comunitário.

- Cada membro do grupo já deve ter tido a experiência do discernimento pessoal, o que supõe uma vida interior que tenha ensinado a buscar a vontade de Deus com liberdade espiritual.
- O discernimento é possível unicamente como experiência forte de fé, não só pessoal, mas também comunitária. É o ato de abandono, de escuta, de confiança em Deus que guia as pessoas, os grupos e a história. É Deus que, nas circunstâncias, interpela a comunidade sobre a sua identidade e sua missão apostólica. Ele lhe dirige a Palavra em Cristo, na Igreja e através dos sinais dos tempos. “O amor que me faz escolher”, diz Santo Inácio, “deve descer do alto, do amor de Deus”, de modo que a escolha se faça “unicamente por causa de seu criador e senhor” (EE 84).

- O grupo que procura discernir a vontade de Deus deve abrir-se ao Espírito Santo, que os conduzirá à verdade plena (Jo 16,13). O discernimento, com efeito, é *espiritual*, o que significa que é feito somente através do Espírito Santo. Esta abertura ao Espírito requer a purificação do coração e das intenções e profunda conversão a Cristo e ao Evangelho.
- A oração, que cria o clima para o discernimento, deve ser vivida não só a nível pessoal, mas também a nível comunitário, numa relação filial com Deus, que faça todos se sentirem filhos do mesmo Pai e que leve a exclamar “Abba, Pai!” (Gl 4,6; Rm 8,15).

Encontramos na leitura das cartas escritas por Cândida Maria algumas expressões do discernimento em comunidade. Vejamos o fragmento da carta 298, de outubro de 1905. Esta carta está endereçada à família Sabater a quem Cândida Maria demonstrava muita confiança e onde permaneceu parte de sua juventude servindo como doméstica. No contexto da carta, percebemos um acontecimento de muita importância que vai na linha do discernimento da congregação como um todo. Trata-se da celebração do segundo Capítulo Geral, um acontecimento sumamente importante para a história das Filhas de Jesus. Um dia depois de concluído o capítulo, Cândida Maria envia a cada comunidade uma cópia das decisões tomadas naquele encontro congregacional.

No dia 24, tivemos o Capítulo Geral. Tudo saiu muito bem, pois das dez nomeações que se fizeram em votos secretos, todos saíram em primeiro escrutínio, sem necessidade de repetir nenhum. Isto indica que esta congregação está chamada a coisas grandes pela união que existe. Seja tudo para maior glória de Deus (CMF 298, tradução nossa).

Esta carta citada acima reflete o modo de proceder em discernimento pelas Filhas de Jesus em Capítulo Geral. Segundo Tomero (1988, p. 541), os primeiros documentos fontais das Filhas de Jesus prescreviam 08 anos para o serviço de superiora geral, que poderia ser reeleita para um segundo período de igual duração.

No dia 20 de dezembro de 1894, aconteceu em Salamanca o primeiro Capítulo Geral das Filhas de Jesus, e Cândida Maria havia sido eleita canonicamente por unanimidade. Depois de 8 anos, em outro Capítulo Geral, Cândida Maria é eleita por mais 8 anos. Citamos este acontecimento na história de Cândida Maria para situá-la dentro desse contexto de discernimento. Ela mesma expressa em uma de suas cartas o sentimento e os desejos para este importante momento de discernimento na história da congregação que havia fundado.

Segue a carta de Cândida Maria de Jesus às irmãs Maria Igarategui, Antonia Robles e Isabel Antón, escrita em Toulouse, em 19 de dezembro de 1902.

Minhas amadas filhas, meu desejo foi escrever para dizer com palavras que amanhã faz 8 anos que foi a eleição da superiora geral; portanto, já cumpri, e peçam a Deus que vamos logo e que tudo corra bem para maior Glória de Deus e bem de toda a congregação. Adeus, minhas filhas; não posso mais, que chega o correio. Saudações às irmãs, ao padre diretor e aos demais, e vocês sabem que as quero muito santas e as bendiz sua mãe, serva em Cristo. Cândida Maria de Jesus (CMF 256, tradução nossa).

Neste caso, considerando tudo o que dissemos, um discernimento assim requer uma técnica flexível e elástica para se adaptar às circunstâncias e à maturidade espiritual dos indivíduos, do grupo e do contexto histórico de cada momento. Para Libânio (2005, p. 65), discernir é uma forma de espiritualidade, de oração, de busca da vontade de Deus que só aparece no final do processo, ainda que desde o início esteja presente sob a forma de impulso, provocação; ainda, o discernimento de Jesus é modelo e critério para qualquer vida em discernimento. Jesus não o fez a partir de uma teoria ortodoxa de Deus, mas da exigência de vida da realidade. O critério da autenticidade do discernimento passa, portanto, pela prova da realidade no sentido de saber acolher a voz de Deus nos acontecimentos.

Na carta citada acima, vemos que se trata de uma experiência de discernimento vivida desde a fé e fortemente enraizada nas experiências humanas, divinas e do contexto histórico, uma unidade entre todos nos assuntos que se experimentaram como atuação de Deus nos acontecimentos concretos. Encontramos toda a trajetória de vida de Cândida Maria nesse processo, bem como sua obra, que a cada tempo necessita de uma adaptação ao contexto histórico, cultural e religioso.

Nesse itinerário, para Libânio (2005, p. 56), o discernimento é entrelaçar em um ato único as três dimensões do passado, presente e futuro. No *passado*, retomando como sinais de Deus o que já aconteceu, a tradição, a codificação humana, os dados já acumulados até o presente. *Presente* por saber que o passado não esgota as possibilidades de Deus, nem o limita e muito menos o determina, de modo que o presente pode ser confirmação, ruptura ou novidade; e *futuro* porque ele se orienta para a ação a ser posta, uma história a ser criada.

Esse itinerário de discernimento espiritual, portanto, implica como pressuposto uma concepção do mundo, e da história.

No capítulo a seguir, o último de nossa dissertação, esses elementos espirituais encontrados em suas cartas serão desenvolvidos a partir da análise do modo de atuar na educação inspirado por Cândida Maria de Jesus.

### CAPÍTULO III – A ATUALIDADE DA PROPOSTA EDUCATIVA DE CÂNDIDA MARIA DE JESUS NA CONTEMPORANEIDADE

Após o estudo realizado com o olhar específico da Ciências da religião sobre os elementos espirituais encontrados nas cartas de Cândida Maria de Jesus, queremos demonstrar como esse estudo feito responde aos desafios atuais no modo de atuar na educação, a partir de sua inspiração carismática que atualmente se expressa de forma sistemática em um documento chamado *Nosso Modo Próprio de Educar* “NMPE”.

Este último capítulo não tem o objetivo de discutir currículos ou matrizes pedagógicas, mas busca estabelecer a relação entre espiritualidade e educação, ou seja, queremos apontar como o retorno às fontes da recepção feminina da espiritualidade inaciana por Cândida Maria de Jesus pode enriquecer, iluminar e apontar caminhos para o que temos sistematizado no NMPE.

Estamos no terceiro e último capítulo desta pesquisa que foi sendo tecida a partir de um processo progressivo de aproximação fenomenológica, histórica e teológica da atuação feminina na sociedade, na Igreja e na cultura.

Evidenciamos de maneira especial a atuação feminina na educação em uma narrativa histórica, bibliográfica de Cândida Maria de Jesus, que, transcendendo a partir de uma experiência religiosa cristã as fronteiras de seu momento histórico, atuou e respondeu às vozes esquecidas de seu tempo a respeito da formação de meninas.

O capítulo recebe como título: “A atualidade da proposta educativa de Cândida Maria de Jesus na contemporaneidade.” Nele, fazemos uma análise do documento depois do estudo das cartas para perceber como o NMPE responde aos desafios educativos da contemporaneidade.

Aqui, fazemos a releitura das fontes com o intuito de trazer luz aos tempos atuais. Recordemos que no primeiro capítulo, a partir dos referenciais teóricos, contextualizamos a condição da mulher no século XIX e, a partir deste contexto, delineamos novos contornos à biografia de Cândida Maria de Jesus em suas circunstâncias históricas, políticas, sociais e culturais.

No segundo capítulo, considerado o centro da nossa pesquisa, extraímos do estudo analítico e fenomenológico das cartas escritas por Cândida Maria de Jesus três elementos espirituais fundamentais em sua atuação educativa para a religião e a cultura de seu tempo: *conversação espiritual*; *acompanhamento espiritual* e *discernimento*. Também destacamos a maneira específica pela qual vivenciou sua experiência de Deus: a filiação. No decorrer da

pesquisa vimos que esta maneira tão identitária, profunda e bonita de se relacionar com Deus que Cândida Maria nos mostra, abre horizontes e perspectivas para uma outra pesquisa acadêmica, por isso, neste capítulo não trataremos sobre esse aspecto.

Os outros três elementos espirituais extraídos de suas cartas é o que desejamos relacionar a um modo próprio e específico de educar que Cândida Maria de Jesus através de sua experiência religiosa deixou como herança às novas gerações. Desejamos, neste terceiro capítulo, refletir sobre a atualidade do fundamento espiritual que inspirou Cândida Maria de Jesus que se expressa no NMPE.

Teremos como base e princípio para análise o NMPE – “Nosso Modo Próprio de Educar”, documento norteador da maneira de educar nas escolas que pertencem à obra fundada por esta religiosa. As fontes que inspiraram a elaboração deste documento foram pensamentos de Cândida Maria de Jesus extraídos de suas cartas, dos diários das comunidades e, de modo mais sistemático, das orientações deixadas por ela às professoras, ou seja, os Conselhos para a Educação Cristã (CEC). Outros documentos foram utilizados, e se encontram conservados no arquivo histórico das Filhas de Jesus, que espelham a tarefa educativa ao longo dos anos.

Quisemos apresentar um projeto educativo global, com validade universal para a congregação, que recolhesse princípios e orientações suficientemente explícitos, com possibilidades de abertura para transformar-se em fatos concretos em cada realidade. Exatamente por seu caráter universal, poderá iluminar a ação educativa pastoral em qualquer lugar e circunstância. Mas para ser de fato funcional, tem que se encarnar nas realidades concretas, animando seus projetos educativos e sua *praxis* pedagógica: é nessas realidades que terá de viver e plasmar-se dia a dia. E, sobretudo, requer-se a constante adequação às exigências e chamados da sociedade em suas diversas situações, e as necessidades agudas, que uma leitura, atenta e evangélica, do acontecer do nosso tempo nos mostra hoje (NMPE, p. 4).

Vamos analisar o documento à luz das fontes e demonstrar como ele pode responder aos desafios contemporâneos da educação. Partindo do pressuposto de que Cândida Maria de Jesus, com sua atuação, respondeu a uma das vozes esquecidas de seu tempo – a formação de meninas –, consideramos essa atuação concreta como fonte de inspiração primeira e original que continua hoje sendo uma chamada emergente na Contemporaneidade.

O último relatório da Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, com o título *Um novo contrato social para a Educação* (UNESCO, 2022) nos comunica os principais desafios para a educação neste tempo, entre eles, a necessidade de uma abordagem educacional integral sublinhando as desigualdades de gênero, raça, etnia, religião, nacionalidade e identidade sexual (Ibidem, p. 52).

Nesse sentido, essa pesquisa se insere na discussão acadêmica sobre a atuação feminina no campo educativo como uma contribuição original não somente na ausência de pesquisas, trabalhos e reflexões em torno do tema feminino, como também, podemos encontrar a originalidade da pesquisa no modo como ela recebeu essa espiritualidade e como essa vivência espiritual se transforma em atuação.

Desse modo a recepção feminina da espiritualidade por Cândida Maria e sua atuação na educação, a princípio para meninas no século XIX, continua sendo de grande relevância no horizonte de uma formação integral. A igualdade de gênero, continua sendo chamada emergente no hoje de nossa história, e segundo o relatório da Unesco, vem sendo vista como um pré-requisito para garantir futuros sustentáveis da educação.

### **3.1 – O contexto educacional da sociedade em que vivemos: desafios e avanços**

O último relatório da Unesco sobre a educação evidencia que estamos vivendo um tempo de fortes e rápidas mudanças, que afetam e marcam profundamente a vida humana. Nossa época está assinalada pela inversão de valores. O mundo vive um processo de instabilidade e incerteza econômica, climática e social.

Zygmunt Bauman (2004), em seu livro *Amor líquido*, afirma que estamos experimentando uma sociedade fragmentada, sobretudo em suas relações. Na mesma direção, Viviane Mosé, em seu livro *Os desafios da sociedade contemporânea*, diz que

nunca fomos tão incapazes de conviver, buscamos um prazer cada vez mais descartável e imediatista (hedonismo), desaprendemos a acessar a vida e estamos desaprendendo a reelaborar nossa dor em arte. Não estamos mais formando pessoas, mas fragmentos desconectados e vamos nos tornando especialistas cada vez mais desvinculados das grandes questões humanas, sociais e planetárias, vivemos acoplados a uma parcela tão pequena da realidade que chegamos a esquecer quem somos, o que buscamos, e acabamos sendo guiados pelos desejos dos outros (MOSE, 2013, p. 53).

Nada escapa às marcas, às surpresas que a pós-modernidade vem nos trazendo a cada dia. Vivemos transformações radicais que, em muitos aspectos, não somos capazes de compreender.

Zygmunt Bauman, (2004) ajuda-nos a entender a cultura moderna em que estamos inseridos e que vem afetando profundamente o ser humano e seu processo de desenvolvimento em todas as suas dimensões, inclusive a educação. Vivemos uma cultura fragmentada, que está dentro de nós despedaçando-nos, interferindo, assim, em todo o contexto educacional e seus processos de acompanhamento. Respiramos constantemente uma

cultura que traz consigo muitos elementos desintegradores que atuam em nós sem que percebamos e nos corroem por dentro.

É necessário que aprendamos a criar um diálogo consciente e respeitoso com essa cultura. Não podemos nos aproximar de uma época de mudanças profundas com a ascética de outros tempos, pois estaríamos fora da realidade. Essas mudanças profundas nos convidam a buscar novos paradigmas, novas formas de perceber o que de positivo a cultura nos traz. Vivemos em um mundo líquido onde tudo escapa de nossas mãos e não sabemos por onde caminhar, pois se acabaram nossas certezas.

Esse contexto cultural contribui para criar “identidades incertas” que devem se construir em meio a tantas visões diferentes da vida, em que não parecem tão importantes a autonomia e o pensamento próprio. Neste ponto reside nosso desafio educacional.

A sociedade fragmentada, nas diferentes dimensões da vida, influenciou as pessoas e a sociedade durante séculos. A visão de Deus, da família, da sexualidade, do sentido da vida, perdeu-se, dividindo as pessoas por dentro e quebrando suas relações fundamentais. Muitas certezas do passado se converteram em perguntas inquietas que se movem por caminhos impensáveis e cheios de incertezas. Essas mudanças e rupturas afetam toda a nossa vida, multiplicam-se em nosso interior como uma tarefa excessiva que nunca podemos processar adequadamente, dividem-nos interiormente e paralisam nossa criatividade.

Observamos uma série de mudanças em todos os campos da sociedade, o que nos leva, também, a mudanças paradigmáticas, responsáveis por uma nova abordagem na classificação e interpretação dos fatos. José Manuel Moran aponta que

Estamos caminhando para a sociedade do conhecimento e este é tão complexo, frágil, instável! Nunca tivemos tanta informação disponível e ao mesmo tempo nunca foi tão difícil conhecer, se comunicar. Descobrimos que há um universo invisível e atuante junto com o visível, mas até onde se estende o invisível é um mistério. Quem sabe explicar o universo? Quem sabe dar conta da complexa interação de energias que circulam dentro e em torno de nós? Quem tem certezas das explicações fundamentais para a nossa vida? O essencial nos escapa. Conhecemos muito da superfície das coisas e pouco da profundidade do que realmente fundamenta tudo. As mudanças ocorrem nas ciências, nas novas tecnologias e no próprio comportamento do indivíduo frente a essas alterações. Neste sentido o avanço tecnológico deve provocar a nossa prática educacional (MORAN, 2012, p. 40).

Estamos encontrando, hoje, novas situações que desafiam profundamente nossa história humana e ação educacional. Segundo Moran, o desenvolvimento tecnológico e os meios de comunicações interligarão cada vez mais nossas situações reais e digitais: a aprendizagem presencial e a virtual. Se a sociedade como um todo, inclusive as instituições educacionais, não acompanhar esse fenômeno tecnológico, estará cada vez mais incompleta:

Os não conectados perdem uma dimensão cidadã fundamental para a sua inserção no mundo profissional, nos serviços, na interação com os demais. Escolas não conectadas são escolas incompletas (mesmo quando didaticamente avançadas). Alunos sem acesso contínuo às redes digitais estão excluídos de uma parte importante da aprendizagem atual: do acesso à informação variada e disponível on-line, da pesquisa rápida em base de dados, bibliotecas digitais, portais educacionais, da participação em comunidades de interesse, nos debates e publicações on-line, enfim, da variedade de oferta de serviços digitais (MORAN, 2012, p. 9-10).

Assim percebemos que as mudanças que estão acontecendo são de tal magnitude que nos pedem uma nova forma de atuar na educação em todos os níveis e de todas as formas. Essas mudanças afetam a todos: gestores, professores, alunos, espaço e tempo. Por fim, pela inserção da tecnologia em nosso contexto educacional, precisamos aprender a caminhar de novas maneiras, por novos caminhos, com novos participantes de forma contínua. “A educação escolar precisa, cada vez mais, ajudar todos a aprender de forma mais integral, humana, afetiva e ética, integrando o individual e o social, os diversos ritmos, métodos e tecnologias, para construir cidadãos plenos em todas as dimensões” (MORAN, 2012, p.11).

As rupturas nas situações já estabelecidas vão sendo inevitáveis, muito embora sejam, em alguns casos, desconfortáveis e dolorosas. Inaugura-se um novo tempo com novas possibilidades e novas propostas. A educação, que faz parte desse tecido social, também tem sofrido rápidas mudanças, e sua participação na sociedade é de grande relevância, não só pela formação dos indivíduos que atuam nesta sociedade, mas, e principalmente, pelo potencial criativo a que o ser humano está destinado em seu próprio processo de desenvolvimento.

Desse modo, diante das várias mudanças da sociedade contemporânea, a educação brasileira também se encontra com grandes desafios. Ao contemplarmos a realidade atual da educação brasileira, encontramos-nos com uma situação nem um pouco agradável: há crianças, adolescentes e jovens sem escola, poucas vagas para o atendimento dos alunos, escolas públicas sucateadas, o ensino é formalista e autoritário, o que gera, conseqüentemente, desestímulo em professores e alunos, pouca valorização profissional e pouco investimento financeiro na educação.

A baixa qualidade da educação pode ser observada sob diversos aspectos, em que o principal personagem é o aluno, que vive à margem, em situação de discriminação social por depender de uma escola pública que não satisfaz a necessidade de escolarização para a inserção de forma igualitária na sociedade, que cada dia tem se tornado mais competitiva.

A realidade das instituições públicas de ensino é assustadora, visto que, em muitas delas, nem profissionais preparados para professarem o ensino há. Quando existem esses profissionais, não são valorizados nem o tempo que é dispensado para o exercício de sua

profissão, nem a qualidade daquilo que ensinam. Salários baixos, conteúdos retrógrados, falta de infraestrutura, são algumas das dificuldades enfrentadas pela educação brasileira, que, a despeito das mudanças de governo, continua no mesmo patamar de desenvolvimento.

Apenas acabar com o analfabetismo não resolve o problema, pois uma visão crítica de mundo não se adquire assinando o nome ou fazendo contas, desenvolve-se por meio de discussões maduras sobre a realidade que acontece à sua volta. Conforme “Nosso modo próprio de educar”<sup>8</sup>, é preciso formar crianças e jovens atentos à realidade e comprometidos com a transformação da sociedade.

Paulo E. de Oliveira nos chama a atenção à educação que é oferecida aos educadores de uma escola confessional: “muitas vezes a educação oferecida deixa-se levar pelos contravalores, fazendo-se servos do sistema e não do projeto de Deus” (OLIVEIRA, 2006, p. 39). Muitas vezes, na atuação educativa, não se encontra o equilíbrio entre ensinar o que se propõe como currículo e o planejamento pragmático que a sociedade impõe à educação e o ensinar para a vida no seu sentido existencial. O educando não encontra o sentido da vida diante de tantos caminhos que a sociedade oferece, e cabe à educação apontar o caminho. Nessa perspectiva, afirma Oliveira:

Nesta realidade educacional constatamos que o sentido da vida é a questão fundamental e o problema crucial da educação. Nada do que ensinamos fará sentido se não ajudar o educando a descobrir em que consiste o sentido da própria existência. A base humana da educação consiste precisamente em levar a pessoa humana a descobrir o sentido da vida. O resto é informação profissional, erudição, ciência, competência a serem adquiridas (OLIVEIRA, 2006, p. 20).

Também se percebe e se experimenta, na vida cotidiana, que o envolvimento da família com a escola é um fator importante na prática educacional. O foco não é trabalhar a dimensão familiar, mas sim apontar que essa relação é importante e que deve ser estabelecida. Nessa direção, afirma Moran, “não há como fazer educação dissociada da família. Mesmo se os pais têm pouca instrução ou são muito pobres, é preciso envolvê-los para que valorizem a escola. No momento em que fazem isso, o educando passa a ter outro interesse pelos estudos” (MORAN, 2012, p. 10).

Diante da realidade que a sociedade vive e dos resultados que se colhe no dia a dia, é evidente que a educação tão discutida não está sendo priorizada, pois, a cada dia, perdem-se ainda mais os valores morais. Investir em educação é muito mais do que abrir vagas, é ter responsabilidade com a formação de um novo cidadão que integrará o processo social e que será a principal personagem na busca pelo desenvolvimento e transformação da realidade que

---

<sup>8</sup> “Nosso modo próprio de educar” é um documento único e exclusivo da congregação, pelo qual todos os educadores se norteiam em sua ação educativa.

o Brasil tem vivido. De acordo com o Documento de Aparecida, “a educação humaniza e personaliza o ser humano quando consegue que este desenvolva plenamente seu pensamento e sua liberdade. Dessa maneira o ser humano humaniza o seu mundo, produz cultura, transforma a sociedade e constrói a história” (artigo 330, p. 150).

Nesse sentido, o estudo analítico das cartas e da biografia de Cândida Maria de Jesus propõe um projeto educativo que valoriza o ser humano de forma integral e o qualifica para que seja um agente transformador da sociedade, e não uma máquina reprodutora de ideias preestabelecidas.

Nesta proposta inspirada por Cândida Maria de Jesus não cabe uma educação que apenas ofereça conhecimentos, que seja apenas arte tarefa de “forjar pessoas”, como nos diz Paulo E. de Oliveira em seu livro *Mestres que seguem o Mestre* (2006), mas que contemple uma dimensão transcendente, ou seja, que leve junto ao conhecimento uma experiência de relação com Deus, um trabalho educativo como proposta de evangelização.

### **3.2 A educação católica e o Nosso Modo Próprio de Educar**

Partindo da etimologia da palavra *educar*, do latim *educare* – “instruir, criar” –, vemos que ela é composta por *ex-* (“fora”) e *ducere* (“guiar, conduzir, liderar”). Ou seja, educar traz a ideia do “conduzir para fora”. Outras fontes dizem “extrair de dentro”.

Em tempos de mudanças, temores e angústias, em uma sociedade inquieta que busca sentido em sua própria existência, ansiosa para integrar seu Eu diante de tantas inseguranças, “educar requer algumas exigências, a principal delas, apontada pelo Papa Francisco, é ser portadora da esperança; uma esperança renovada e audaciosa é a esperança que motiva a utopia, que mantém vivo o sonho” (UNESCO, 2022) de uma sociedade fraterna e justa.

Na cultura do bem-estar e do individualismo, contudo, é muito difícil chegar aos sentimentos mais profundos em que se elaboram as grandes decisões da vida; o Eu profundo é frágil, com uma capacidade limitada de pensar com profundidade, de sentir profundamente, de experimentar-se a si mesmo e de experimentar a existência do outro em encontros de qualidade. Hoje temos a linguagem da conectividade, das redes.

Nesse sentido, sentir-se bem implica a capacidade de desprender-se e descartar as relações que não nos interessam. O mesmo acontece com os novos aparelhos eletrônicos, que precisamos trocar por outros ainda mais novos, contribuindo, assim, para a lógica do consumo, fortalecendo o sistema capitalista. Mais para lá de um mundo líquido, existe terra

firme, onde brotam novas manifestações de criatividade, esperanças, desejos, utopias e do Reino.

Frente a esses desafios e mudanças que afetam a sociedade e a educação hoje, encontramos algumas luzes e pistas. A educação não pode permanecer distanciada das mudanças e dos problemas que estão ocorrendo na sociedade, frente a um estilo de vida fragmentada que se reproduz em qualquer ação do ser humano.

A inspiração carismática de Cândida Maria de Jesus aponta desde suas raízes para uma educação integral, que não reduz o aprender a apenas atividades intelectuais. O maior desafio é caminhar para um ensino e uma educação de qualidade que integrem todas as dimensões do ser humano. Para esse objetivo, precisamos de pessoas que façam essa integração em si mesmas – entre o sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico –, que transitem de forma fácil entre o pessoal e o social e expressem, em palavras e ações, que estão sempre evoluindo, mudando e avançando.

Não podemos reduzir a educação à formação intelectual e prática. Isso corresponde a uma visão estreita da pessoa, motivada pelos excessos do racionalismo e do positivismo moderno. Educar é um processo que somente pode ser pensado como um conjunto complexo de relações, uma rede de fatores, gestos, ações, conceitos e valores. As pessoas são complexas, a vida é complexa, pensamos e agimos por fragmentos e estamos sempre perdendo a noção do todo (MOSÉ, 2013, p. 72).

É importante educar para o conhecimento integral para abranger todas as dimensões, para ampliar a consciência pessoal, interpessoal, social, ecológica, cósmica, e buscar conhecer os outros, romper barreiras, compreender as diferenças, interagir com os demais níveis mais ricos e amplos.

Educar para a responsabilidade social em uma espiritualidade cristã integrada e integradora é o que se pretende desenvolver. A educação é um todo complexo e abrangente, que não se resolve só dentro da sala de aula. Ela envolve todos os cidadãos, as organizações e o Estado e depende intimamente de políticas públicas e institucionais coerentes.

A integração do pessoal, do grupal, institucional, se torna importante para o avanço da educação em todos os níveis. O desafio de educar é o de ir construindo pontes entre universos de significação diferentes, entre formas de compreensão contraditórias e de comunicação divergente. [...] Educar também é ajudar a desenvolver todas as formas de comunicação, todas as linguagens: aprender a dizer-nos, a expressar-nos claramente e a captar a comunicação do outro e a interagir com ele. É aprender a comunicar-nos verdadeiramente: ir tornando-nos mais transparentes, expressando-nos com todo o corpo, com a mente com todas as linguagens, verbais e não verbais, com todas as tecnologias disponíveis. A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal (MORAN, 2012, p. 54-59).

Pela educação, podemos aprender a integrar corpo e mente, sensações, emoções, razão, intuição. Podemos sentir e pensar com todo o corpo e não só com a cabeça. Podemos perceber, sentir, entender, compreender, agir pessoal e socialmente, como pessoas cidadãs, responsáveis e autônomas.

Para lidar com as fragmentações do mundo atual, precisamos de uma mudança conceitual, de uma nova forma de ver, de viver, de pensar. Ao contrário da capacidade de fragmentar que aprendemos na escola, precisamos desenvolver hoje a difícil complexidade que é ver, sentir, querer, conviver e conhecer, ou seja, precisamos nos relacionar com a multiplicidade de fatores que atuam toda vez que pensamos, conhecemos e criamos. Agora, não se trata mais de escolher entre o sim e o não, mas de aprender a conviver com essas oposições que estão necessariamente, em algum grau, presentes em nossas vidas.

O processo de educar torna-se cada vez mais abrangente, mais amplo, até que se consiga educar para a totalidade, para a sustentabilidade da terra, da vida em todas as suas dimensões. A escola é um lugar privilegiado para o diálogo entre fé, cultura e vida, para aprender a decodificar os sinais dos tempos e educar pessoas comprometidas com sua cultura e sociedade, voltadas para fora de si mesmas, motivadas para viver e defender a vida.

É preciso levar o educando a ser mais que um aprendiz de técnicas e teorias, de fórmulas e habilidades ou aptidões, proporcionar-lhe que seja sujeito de sua própria formação em sua integridade. O educando não é apenas preparado para fazer, e sim para ser, para que, uma vez inserido no mundo profissional, não seja apenas seu sucesso que importe, e sim sua realização como pessoa. Talvez este seja nosso maior desafio nos dias atuais.

Com o acompanhamento de educadores, pode -se permitir que o educando seja protagonista de sua própria história, de suas descobertas pessoais e de suas decisões. É o que afirma Paulo Freire:

Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se construindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas. A autonomia, como amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. É nesse sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade (FREIRE, 2003, p. 107).

A novidade que nos traz Paulo Freire (1996), em seu livro *Pedagogia da autonomia*, é esta: os conteúdos não são o mais importante em se tratando de educação. Uma vez que ensinar exige reciprocidade, o processo não se dá em mão única; onde existe o ensinar, também existe o aprender, sendo, desse modo, um caminho de construção para a justiça e a paz.

Para ele, o ensinar exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, corporificação das palavras pelo exemplo, consciência do inacabado e respeito à autonomia do ser dos educandos. O conhecimento acontece quando algo faz sentido, é experimentado e o educador não se sobressai em relação ao educando, pois estão os dois aprendendo. A missão educativa deve ser diferenciada: devemos praticar uma educação que priorize a autonomia, a inclusão, o diálogo e a fé.

Nossa missão como educador é ajudar a desenvolver o potencial de cada um dentro de suas possibilidades e limitações. Ser educador hoje não é nem mais difícil, nem mais fácil do que era há algumas décadas. É diferente. Diante da velocidade com que a informação se desloca, envelhece e morre diante de um mundo em constante mudança, seu papel vem mudando, senão na essencial tarefa de ensinar, de conduzir a aprendizagem e na sua própria formação que se tornou permanentemente necessária. Para isso precisamos praticar a pedagogia da compreensão contra a pedagogia da intolerância, da rigidez, do pensamento único, da desvalorização dos menos inteligentes, dos fracos, dos problemáticos, ou “perdedores”. Praticar a pedagogia da inclusão (MORAN, 2012, p. 57).

A inclusão não se faz somente com os que ficam fora da escola. Não buscamos uma escola que apenas ofereça conhecimentos, e sim:

Uma escola pensada em uma concepção integral da educação que incorpora todas as dimensões do ser humano e que encontra na verdade revelada e na pessoa de Jesus Cristo sua plenitude. Queremos oferecer um diferencial em nossa prática educativa. Almejamos uma proposta de qualidade em educação e em pastoral, que tem como propósito a orientação e animação de todos os processos acadêmicos e de formação dos membros da comunidade educacional à luz dos princípios evangélicos e dos documentos da Igreja. (MENDES, 2011, p. 19).

Maria Inez Furtado de Mendonça, filha de Jesus, em um artigo para a abertura de um congresso de escolas católicas, em Madri, expressa que, em seu modo de conceber a educação de homens e mulheres competentes para vida, ou seja, capazes de dar respostas humanas aos desafios de sua história, o primeiro passo é colocar o ser humano em contato com a pessoa de Jesus Cristo. “Sem haver aprendido a relacionar-se com Jesus e com o irmão que tenho ao meu lado, não aprenderemos a viver em comunidade, e a vida não nos trará a segurança necessária e a capacidade para a fraternidade que esperamos” (2011, p. 7).

A educação é, fundamentalmente, um processo de comunicação e de informação, de troca de informações e de troca entre pessoas. O ser humano é mais que uma peça eficiente de um fantástico mundo de produções e invenções. Ele sente-se impelido, substancialmente, a algo anterior e radical, ou seja, ao encontro entre um Eu e um *tu*, e se torna fecundo em um diálogo de relação e comunicação em absoluta reciprocidade, como afirma Moran:

Aprendemos quando nos comunicamos, quando trocamos, quando somos reconhecidos. Aprender a ser parece ser simples, mas é sutil e complexo porque implica aprender a integrar valores, práticas, reflexões e atitudes de vida. Educar é colaborar para que professores e alunos transformem suas vidas em processos

permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção de sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional, do seu projeto de vida, no desenvolvimento de habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitem encontrar seus espaços pessoais, sociais e profissionais e tornar-se cidadãos realizados, por isso o que fazemos hoje em educação contribuirá para que o processo transformador que vive nosso mundo seja humanizador ou desumanizador (MORAN, 2012, p. 59).

Faz-se necessária uma educação que aponte para a liberdade, pois as demandas do nosso tempo são urgentes e graves. Precisamos combater a violência a partir da instalação de uma cultura de paz; é necessário despertar esperança no mundo que estamos construindo para o amanhã; queremos que o ideal de justiça seja público e social, e não apenas privado e individual. Que a educação seja o espaço privilegiado de formação intelectual e moral e que a escola seja o lugar de realização da promessa de justiça, liberdade, paz e alegria. Segundo Moran:

Estamos diante de uma tarefa imensa, histórica e que levará décadas: propor, implementar e avaliar novas formas de organizar processos de ensino-aprendizagem e todos os níveis de ensino, que atendam às complexas necessidades de uma nova sociedade da informação e do conhecimento. Portanto, não se trata mais de uma escola que tenha um fim extrínseco às pessoas que nelas são formadas, mas, ao contrário, a escolarização se tornou condição para a socialização e, portanto, tem como fim a humanização dos humanos. Nessa linha, a criança e o jovem devem estar na escola para nela serem formados em busca da autonomia e de todos os requisitos que geram o bem individual e social, e isso, obviamente, não significa que as demandas externas devem estar vinculadas à defesa intransigente da vida, da solidariedade, da justiça e do bem. As mudanças que estão acontecendo são de tal magnitude que implicam reinventar a educação, em todos os níveis, de todas as formas. As mudanças são tais que afetam tudo e todos: gestores, professores, alunos, empresas, sociedade, metodologias, tecnologias, espaço e tempo (MORAN, 2012, p. 10 e 17).

Tecnologicamente falando, estamos caminhando para uma educação completamente virtual, e é urgente e necessário respeitá-la, como completa Moran:

No sentido da técnica e da informação, estamos caminhando para um conjunto de situações de educação plenamente audiovisual com possibilidade de forte interação, integrando o que de melhor conhecemos da televisão. Todas as universidades e organizações educacionais, em todos os níveis, precisam experimentar como integrar o presencial e o virtual, garantindo a aprendizagem significativa. Uma nova competência que precisa ser desenvolvida hoje é a de saber conviver nos espaços virtuais, saber comportar-se na comunicação on-line, nos diversos espaços digitais pelos quais nos movemos, respeitar a diversidade (MORAN, 2012, p. 37 e 67).

De acordo com Moran, quanto mais conectada a sociedade, mais a educação poderá ser diferente. Não haverá tanta necessidade de ficarmos todos no mesmo lugar para aprender, ao mesmo tempo, com as mesmas pessoas. Estamos caminhando rapidamente para uma sociedade diferente. Uma sociedade conectada com possibilidades de comunicação, interação e aprendizagem. Os processos de educação serão profundamente diferentes dos atuais. A informação estará disponível, as formas de aprender serão muito variadas, e as formas de

organizar o ensino também. Todos os alunos estarão conectados a redes digitais por celulares e computadores portáteis. Os mais pobres terão equipamentos mais simples, mas todos estarão conectados. Essa é uma realidade impensável hoje, mas que rapidamente está se tornando viável. Estamos frente a um grande desafio educacional.

A sociedade está em um movimento contínuo, cresce em ritmo acelerado, principalmente nas áreas tecnológicas. A educação, por sua vez, não consegue acompanhar o ritmo desse crescimento, criando uma defasagem, principalmente em relação às crianças e aos jovens, os quais têm acesso aos inúmeros recursos que são disponibilizados e atualizados a cada minuto, seja via internet, celulares, televisão, museus, bibliotecas. Muitas instituições educacionais continuam atreladas às concepções tradicionais, apesar das mudanças globais da atualidade.

Sabemos que os problemas principais não são os tecnológicos, mas os decorrentes da brutal desigualdade de acesso à educação, de oportunidades, de condições. Mesmo com essa desigualdade, a escola, como a sociedade, enfrenta mudanças estruturais profundas e terá uma configuração muito diferente da que conhecemos. Ainda Moran, em sua reflexão para a educação que desejamos, diz que, com o apoio das novas tecnologias, os pilares de uma educação inovadora se apoiam em um conjunto de propostas com alguns eixos que lhe servem de guia e base: conhecimento integrador e inovador; desenvolvimento da autoestima e do autoconhecimento (valorização de todos); formação de alunos empreendedores (criativos, com iniciativa); construção de alunos cidadãos (com valores individuais e sociais). São pilares que poderão tornar o processo de ensino-aprendizagem muito mais flexível, integrado e inovador. Aos poucos, a escola será mais criativa e menos cheia de imposições e obrigações. Diminuirá, sensivelmente, a obrigação de todos terem de aprender as mesmas coisas, no mesmo espaço, ao mesmo tempo e da mesma forma. Segundo Mosé:

Essa sociedade que nasceu como sociedade da informação e que, com as redes sociais, se tornou sociedade do conhecimento, porque produz conhecimento em tempo real, desfez as antigas estruturas de poder, ao mesmo tempo em que deu à luz novas. Com esses avanços rápidos na sociedade e na educação, é necessário investir urgentemente em gestores jovens e motivados que estejam prontos para mudar, inovar e avançar com rapidez. A educação do futuro vai precisar de um educador diferente. A aula não poderá ficar mais restrita à sala de aula. É preciso de alguém que saiba se comunicar, que saiba interagir com os meios sociais. A educação será um trabalho de equipe inserido nas redes sociais (2013, p. 63 e 173).

Estamos inseridos na sociedade do conhecimento e da informação, porém, é preciso se preparar para uma sociedade além do conhecimento. Vive-se um processo de ruptura pragmática, em que não se sabe lidar com as certezas provisórias e as dúvidas permanentes. Diferentemente de algumas décadas atrás, quando saberes e competências adquiridos em

determinada atividade produtiva eram repassados de geração em geração quase inalterados, na atualidade o fluxo de conhecimento faz com que essas competências se tornem obsoletas rapidamente. Somadas a esse panorama, a instabilidade profissional e a necessidade de apreensão de saberes cada vez mais complexos e transdisciplinares exigem do indivíduo formação continuada e complexa.

Os desafios que essas mudanças significam para as estruturas dos sistemas educacionais são enormes: na educação básica, será necessário reformular currículos e métodos de ensino, enfatizando a aquisição de habilidades de aprendizagem e a interdisciplinaridade, criando espaço para o diálogo e a troca, estimulando o espírito de pesquisa no jovem. Assim, o professor precisa ser pesquisador, não se definindo mais como alguém que toma decisões racionais, mas, sim, como alguém que constrói sentido. Considerando a educação como um processo de desenvolvimento do indivíduo, a educação básica torna-se insuficiente. As tendências atuais apontam para uma formação continuada, que é um processo de formação constante, de aprender sempre e em serviço, juntando a teoria e a prática, refletindo sobre a própria experiência, ampliando-a com novas informações e relações.

A formação continuada precisa ser percebida como uma das possibilidades de vir a ser o berço para os educadores proporcionarem essa mudança na educação. O foco para a mudança é desenvolver professores e alunos criativos, inovadores e corajosos. Alunos e professores que busquem soluções novas, diferentes, que arrisquem mais, que se relacionem mais, que saiam do previsível, do padrão.

Nosso objetivo, no início deste capítulo, foi levantar algumas provocações em relação às mudanças educacionais em que estamos inseridos hoje. Nos próximos itens deste último capítulo, queremos aprofundar a contribuição para a educação dos elementos espirituais extraídos das cartas de Cândida Maria de Jesus; que sirvam a uma formação para além da sociedade do conhecimento, formar para humanizar, libertar e construir sociedades e mundos novos à luz do Evangelho, da pessoa de Jesus Cristo e de seu projeto.

Entendemos, a partir deste estudo, que a atuação feminina de Cândida Maria a partir da vivência profunda de uma espiritualidade de inspiração inaciana aponta para novas perspectivas de uma educação integral da pessoa em seu contexto, incluindo novas concepções que partem da espiritualidade para delinear futuros interconectados da humanidade e do planeta vivo, para estabelecer uma atuação educativa adequada a partir da atuação educativa vivida por ela.

O documento NMPE, elaborado pelas Filhas de Jesus, tem a seguinte compreensão da educação cristã:

O desenvolvimento integral da pessoa, numa ótica cristã. Aspiramos a cooperar no processo de crescimento e maturação de homens e mulheres que possam tornar-se membros úteis na sociedade, na Igreja. Pessoas capazes de servir e amar a todos, especialmente aos mais necessitados, partindo de uma opção clara por Jesus (NMPE, art. 10 e 12).

Nesse sentido, o documento aponta para a possibilidade de que cada educando chegue a adquirir uma visão cristã do mundo e da vida, acentuando alguns aspectos da convivência humana, com um estilo característico de relacionar-se com os outros. É um trabalho educativo como proposta de evangelização que coloque o aluno em contato com a pessoa de Jesus, que não é considerado uma área de conhecimento ou uma disciplina, mas um espaço a ser conquistado na prática educativa.

Acredita-se que o aluno, sem haver aprendido a relacionar-se com Jesus e com o irmão que tem ao lado, não aprenderá a viver em comunidade, e a vida não lhe trará a segurança fundamental e a capacidade para a fraternidade que esperamos. A escola é, primordialmente, um espaço de construção, de cidadania. Educar tem a ver com a vida da pessoa, e a educação deve ser um espaço de relação e construção do saber. A tarefa educativa nesse espaço que desejamos construir vai além da habilidade didática e do domínio de sua ciência específica: ela deve ajudar o aluno a descobrir-se como pessoa, apontando-lhe um sentido para a vida.

É possível uma educação cujo centro sejam Jesus e todos aqueles por quem ele deu a vida, o que nos faria, seguramente, mais comunitários, mais sociais e solidários. Recordemos alguns escritos de Cândida Maria no que se refere à educação que ela pretendia e a que, hoje, todos aqueles e aquelas que se inserem em uma proposta educativa podem dar sentido e significado: “A instrução religiosa deve ser o principal lugar na educação. Sem embargo, não devem as mestras descuidar-se em dar-lhes o conhecimento necessário” (CEC 37).

Portanto, a intenção educativa inspirada por Cândida Maria transcende o mero cultivo intelectual, pois se preocupa com a educação do sujeito enquanto pessoa, em uma ótica cristã, e não apenas em situação escolar. Esse é o cuidado que se busca no “Nosso modo próprio de educar”.

Não é de admirar que, em nosso tempo, como jamais visto antes, as pessoas têm se mostrado infelizes e vazias, dispostas a tudo para encontrar algo que alimente seu espírito enfraquecido. Por isso, percebemos o despertar de vários fenômenos religiosos, das religiões clássicas às formas mais modernas de religiosidade, tanto as que promovem o equilíbrio e a

harmonia, quanto as que levam ao fanatismo e à barbárie. A vida sem sentido, sem uma espiritualidade que a sustente, esvazia-se de si mesma e acaba se dissolvendo no vazio, em um desespero sem sentido.

O jovem é uma das principais vítimas da sociedade líquida. Segundo Clodovis Boff em *O livro do sentido* (2014), o jovem é a cada momento confrontado com a questão do sentido da vida. Ainda de acordo com Boff (2014), há uma forma resolutiva e verdadeira para essa crise do sentido: o plano do Eu espiritual, pois só um Eu temperado pelos valores éticos e religiosos pode sobrepujar os tremendos desafios do mundo atual. Diante dessa realidade da juventude, faz-se necessário conhecer as culturas juvenis e ir ao encontro delas atualizando a mensagem do Evangelho. A juventude clama por encontrar testemunhos de vida, modelos que iluminem seu caminhar, e espera que seus processos de formação a ajudem a descobrir o sentido da vida.

Os estudantes devem ter um protagonismo significativo na escola católica. Ela deve ser um espaço em que, justos, os jovens possam expressar suas ideias, encontrando também espaços para sua expressão. Somente com o diálogo entre as culturas juvenis e a cultura escolar será possível realizar uma verdadeira educação (HUGO, n. 62).

Dessa forma, a escola católica confessional tem em suas mãos uma grande oportunidade de oferecer espaços e possibilitar caminhos que deem sentido à vida. Um professor de matemática, por exemplo, em sua ação pedagógica, deve deixar transparecer seus valores pessoais, seus critérios de escolha, suas opções fundamentais, enfim, sua espiritualidade como pano de fundo além da equação matemática. O educador está diante de pessoas em formação, abertas a aprender ideias e atitudes. Cada gesto, palavra ou ruído do educador estimulam a percepção dos educandos. Tudo em nós se torna educativo quando estamos diante dos educandos. Em todas as nossas atitudes esconde-se uma lição a ser apreendida por eles.

O educando, em nosso serviço educativo, é protagonista do processo do aprendizado. É agente educador de si mesmo e assume, junto ao educador e à instituição, a responsabilidade do próprio desenvolvimento, conforme sua idade e possibilidades. Como traço identificador, nossa proposta educacional é marcada por uma dimensão evangelizadora, que deve permear todo o processo educativo.

“Evangelizar educando e educar evangelizando” aponta para o seguimento de Jesus e para a criação de um clima impregnado de valores cristãos, que, na prática, leva à vivência do amor, da justiça, da solidariedade, da proximidade e da liberdade. Amor que se constrói na aceitação do outro, no estímulo às diversas formas de expressão do sujeito. Justiça que supõe compromisso por construir um mundo mais justo, como adesão ao projeto de Deus, em seguimento de Jesus, pobre e humilde, e como opção inevitável da fraternidade cristã. Solidariedade vivida no cotidiano da sala de

aula, em forma de aprendizado cooperativo, em que seja possível a troca de pontos de vista, a argumentação, a colaboração nas dificuldades e a troca de saberes. Proximidade que se alicerça num estilo de convivência em que cada um se reconhece, aceita a si e ao outro, estabelece comunicação, diálogo aberto e confiança mútua para que a crítica possa ser apresentada e ouvida com sinceridade e liberdade. Liberdade exercitada por uma educação ancorada no exercício do discernimento, que estimula a autoria, leva educador e educando a terem uma atitude ativa na construção do conhecimento e na elaboração da pesquisa, assumindo uma postura crítica, seletiva e autônoma (Projeto Político Pedagógico).

A escola e o modo de educação proposto, explicitado e inspirado no NMPE, não devem se fechar a outras necessidades e possibilidades que possam surgir como apelo ao serviço educativo. Segundo o NMPE, o serviço educativo das Filhas de Jesus é realizado à luz de uma concepção cristã da pessoa humana e da sociedade, é pautado em uma ação educativa evangelizadora que capacite o sujeito a construir seu próprio ser, a buscar relações de autonomia, a promover a convivência democrática, aprendendo a participar e realizar seus projetos de vida a serviço da sociedade. A ação evangelizadora nos remete, então, ao entendimento da educação como processo, respeitando o tempo de cada um; ao entendimento de que a construção integral da pessoa acontece na abrangência de sua cultura, e o caminho para essa construção é a participação ativa, positiva, experiencial. Uma educação solidária em si mesma, em seu modo próprio de agir, em relações, critérios, organização e recursos, por meio de seus educadores e suas educadoras, do clima da escola, revitalizado pela vivência cristã.

No que concerne à relação educador-educando, há um significado especial em *O nosso modo próprio de educar*.

Todo o processo educativo decorre do clima em que a relação se desenvolve. Esse estilo é caracterizado pelos valores que respaldam uma convivência saudável, fraterna e solidária, porquanto essa convivência é permeada pelo senso de dignidade peculiar ao ser pessoa, independente das condições socioeconômicas, de raça ou sexo. O educador, envolvido na vida do educando, estimula a construção ou reafirmação de sua autoestima, autonomia e criatividade, para que se conscientize de que é autor do próprio desenvolvimento, como parte da construção da história a que pertence.

Desse modo, para os educadores, a vivência da espiritualidade cristã é fundamental. Segundo Oliveira, o educador é alguém que, tendo descoberto o caminho da fonte da vida, não guarda para si a riqueza dessa sua sabedoria, mas a reparte com o educando. Os educadores são capazes de indicar um caminho, trazer uma centelha de luz, apontar alguma seta.

Seja qual for a função que desempenha, o educador leigo contribui para criar um ambiente de liberdade, simplicidade, cordialidade e alegria; interessa-se pela pessoa concreta que educa, atento a necessidades e características pessoais e sociais; educa com amor,

exigindo com serenidade e firmeza, corrigindo oportunamente, acolhendo com bondade e mantendo uma comunicação próxima, sincera e dialogante; age com maturidade, equilíbrio, sentido crítico, justiça e objetividade; desempenha seu trabalho com responsabilidade e seriedade profissional; trabalha em equipe e esforça-se para educar com todo o seu ser, oferecendo aos que educa um testemunho de vida coerente com sua opção cristã e com os princípios éticos. Maria Inês Furtado de Mendonça, em sua palestra “Mudanças de paradigma na educação espiritual”, afirma:

O que buscamos é evangelizar, e o meio adequado pelo qual optamos é a educação, e em concreto, a educação na escola. Essa tarefa necessita de educadores lúcidos. E a consciência lúcida necessita de múltiplos conhecimentos e um esforço de pensamento e de coração para articular com sentido integrador esses conhecimentos dispersos em várias disciplinas. Uma educação integral e integradora e, por isso, espiritual. E isso leva consigo tomar a sério a espiritualidade para educadores. [...] é imprescindível que em nossos centros estejam educadores que vivam animados pelo Espírito de Deus e que o expressem publicamente (comunitariamente), não só no interior de seus corações (MENDONÇA, 2011, p. 13).

Tudo o que se faz exige a presença de uma força, que, de certa forma, supere-nos. Alguns a chamam de motivação, outros, de ideal, outros ainda, de impulso vital. Não existe atividade humana que não seja motivada por alguma força espiritual. A essa força que move o espírito chamamos *espiritualidade*. A espiritualidade é a força que anima nossa existência.

Segundo Oliveira, se existe uma mística ou uma espiritualidade do educador, ela reside precisamente em educar para a descoberta do sentido da vida. O computador e os recursos modernos podem fazer melhor do que nós, mas indicar trilhas para a descoberta do sentido da vida nenhuma máquina poderá fazer por nós.

Então, como afirma Maria Inez Mendonça (2011), não é possível dizer que se evangeliza educando se, nos centros educativos, não existem lugares adequados, tempo, pessoas, energia e recursos econômicos para acompanhar pessoalmente e em grupo adultos educadores no caminho da experiência espiritual. “Para que manter escolas católicas quando nelas os mestres espirituais não são necessários ou quando esse ofício só existe se e quando exista uma abertura para ele? Algo ocupou equivocadamente o lugar essencial” (MENDONÇA, 2011, p. 8).

A atuação educativa da Congregação das Filhas de Jesus é um traço identificador, enquanto busca “evangelizar educando e educar evangelizando”. Vimos com clareza que essa atuação brota do chamado específico ao seguimento de Jesus, que, enviado ao mundo pelo Pai para salvar a todos, envia todos os que desejem anunciar o seu projeto. Desde as origens da congregação, a escola foi escolhida como lugar privilegiado para o anúncio do projeto de Jesus. Essa premissa não significa, porém, que a Congregação das Filhas de Jesus se feche

para outras necessidades e possibilidades que surjam como apelo ao serviço educativo na sociedade.

O desafio na educação proposta por Cândida Maria de Jesus é a busca da fidelidade à inspiração original e de respostas criativas às necessidades do mundo de hoje, por meio da educação integral cristã: “anunciar vivencialmente uma concepção cristã da pessoa, da vida e do mundo” (DNC, 124); “levar aqueles que educamos a serem capazes de se comprometer com a história de seu tempo, a partir de uma postura nitidamente cristã” (DNC 133); e “expressar nossa presença e ação educativa de forma adequada às pessoas e aos grupos humanos com os quais trabalhamos” (DNC 128).

A tarefa é educar para a defesa da vida e da paz, para as relações de respeito e reciprocidade entre a pessoa humana, para o desenvolvimento do sentido crítico. Educa-se na justiça promovendo a justa partilha dos recursos e a defesa dos menos favorecidos, o respeito e o cuidado com a natureza, o uso mais racional e fraterno dos bens da terra, aprofundando a espiritualidade ecológica. Contribui-se, assim, à formação de cidadãos cristãos, comprometidos com a transformação social na Igreja e na sociedade.

### **3.3 – O discernimento como modo de proceder nos processos educativos**

Para uma melhor vivência do “Nosso modo próprio de educar” em relação aos desafios educacionais atuais que apontamos nos itens anteriores, os elementos espirituais extraídos das cartas de Cândida Maria de Jesus são de grande relevância.

Destacamos neste item o discernimento aplicado aos processos educativos. O discernimento como experiência espiritual, que aponta, dá suporte, orienta os novos caminhos para a educação. “Esse modo de educar a partir do discernimento suscita uma atitude dinâmica, aberta a uma contínua atualização de conhecimento e habilidades, como preparação para as mudanças da vida em seus múltiplos aspectos” (NMPE, p. 46).

A educação torna-se cada vez mais uma dimensão da vida e, em certo sentido, tudo pode ser direta ou indiretamente educativo. No entanto, há um campo específico para a educação, há uma ciência da educação, que é uma atividade humana diretamente orientada ao desenvolvimento integral do homem e da mulher em sua dignidade de pessoas.

Nesse sentido mais estrito, podemos entender por comunidade educativa toda a comunidade que tem por razão de ser e existir o objetivo explícito de educar. Uma expressão significativa, não a única, certamente, é a escola.

O projeto educativo que Cândida Maria de Jesus ofereceu à sociedade de seu tempo assim se expressa:

Os colégios, as escolas dominicais (catequese propriamente dita em seu tempo, a academia de mestras, as Filhas de Jesus nos comprometemos também com a educação integral, através das variadas formas de escola onde desejamos efetivar: a instrução completa da infância e da juventude; a promoção cultural e humana de operários adultos necessitados dela; e a preparação de leigos como profissionais da educação (NMPE, p. 18).

Dessa forma, seu modo de educar aponta para uma educação integral do ser humano. Por educação integral, segundo o “Nosso modo próprio de educar” (NMPE, p. 17), entendemos um processo orientado ao desenvolvimento da personalidade em todas as suas dimensões, em que cada educando chegue a adquirir uma visão cristã do mundo e da vida. Essa aquisição deve se fazer mediante a assimilação crítica e sistemática da cultura, em harmonia com a fé e deve capacitar a pessoa a melhor comprometer-se com a história de seu tempo.

Nesse sentido, a escola é considerada a forma privilegiada de educação integral. Isso por sua estrutura, especialmente apta para colocar a cultura ao alcance de todos e proporcionar sua assimilação progressiva e crítica. E mais, por apresentá-la como proposta cristã, dentro do pluralismo de opções educativas.

Hoje, pede-se que os sistemas educativos escolares promovam o desenvolvimento de competências e não transmitam apenas conhecimentos. O paradigma da competência, interpretado segundo uma visão humanista, supera a aquisição de conhecimentos específicos ou habilidades. Isso se refere ao desenvolvimento de todos os recursos pessoais do aluno e cria vínculo significativo entre escola e vida. É importante que a educação escolar valorize não só as competências relativas ao âmbito do saber e do fazer, mas também as referentes ao viver em sociedade e crescer em humanidade.

Nos capítulos anteriores, revisitamos a biografia de Cândida Maria, suas cartas, onde fomos encontrando elementos iniciais fundamentais que indicam seu modo de proceder e atuar na educação, o qual supõe e inclui sempre uma dimensão religiosa: de acordo com o NMPE (p. 11), todos os aspectos dos processos educativos devem ajudar a pessoa humana a descobrir a Deus, que atua na história e na criação. Nesse modo de atuar, fica expressa de forma clara a prioridade da educação na fé em Jesus e da adesão à sua mensagem.

Por isso, ainda respeitando as crenças e a trajetória singular de cada ser humano, se busca anunciar sempre uma concepção cristã da pessoa, da vida e do mundo. Apresenta-se a fé como uma opção pessoal, livre e consciente, vivida em comunidade e projetada para a

sociedade mediante o testemunho e o compromisso. Assim, a educação na fé tem lugar de destaque na inspiração carismática de Cândida Maria de Jesus; ela ilumina e penetra suas diversas realizações de tal modo que toda a ação educativa das Filhas de Jesus supõe um projeto de iniciação e maturação cristã que ajude as pessoas a serem seguidoras de Jesus.

Na grande maioria das cartas analisadas, vimos claramente expressadas a experiência espiritual religiosa vivida por ela e que queria comunicar a todos: Deus é Pai. Segundo o NMPE (p. 135), essa experiência de Deus como Pai expressa uma atitude profundamente filial e evoca uma experiência de amor, proteção e confiança absoluta, o que lhe proporcionou a serenidade e esperança que ela testemunha e comunica aos outros.

O “Nosso modo próprio de educar” fomenta o discernimento a ser vivido como um modo de proceder. Nas cartas analisadas, vimos o discernimento vivido na dinâmica da vida simples e cotidiana, e que muito contribuiu na atuação educativa da Congregação das Filhas de Jesus ao longo das décadas. Recordemos que o fim da Congregação das Filhas de Jesus é ajudar à salvação e perfeição do próximo educando-o cristãmente. Segundo o NMPE (p. 7), essa missão é uma resposta, um serviço que parte de uma atitude de discernimento.

Um artigo de Maria Inês Furtado (2012), filha de Jesus, nos diz que, na educação, um fator primordial é *cuidar com esmero do desenvolvimento da pessoa que educa*; em um sentido mais amplo, ela se refere a todos os adultos que atuam junto ao educando, incluindo as famílias.

Continua a autora considerando o ato de educar como proporcionar solo para que a pessoa aprenda a caminhar usando seus pés e para que o faça de modo integrado com todo o ser humano e com todo o planeta.

Dessa forma, vê-se que as religiosas compreendem que é fundamental na educação espiritual deixar-se animar e conduzir pelo Espírito de Deus, o mesmo que acompanhou Jesus em seu itinerário humano. Este é um paradigma original: conceber a educação como obra do Espírito que clama em cada um de nós e sofre com a falta de educadores – verdadeiros parceiros que ajudam a nascer a pessoa possível que se esconde em cada um.

Conforme o NMPE, é importante dar ao educando ferramentas para caminhar e fazer-se uma pessoa sólida e generosa, capaz de optar por transformar nosso mundo por caminhos de convivência, fraternidade e paz. E, para a educação cristã, é Jesus que, em última instância, será a terra firme onde podemos criar raízes. Dessa forma, podemos compreender a educação espiritual, a dizer, a educação para deixar-se animar e conduzir pelo mesmo Espírito de Deus que acompanhou Jesus de Nazaré.

Educar é conduzir, guiar por um caminho de conhecimento de si e dos outros. Por ser a pessoa um ser relacional e social, podemos considerar a educação como um processo de socialização. A educação evoca os processos de encontro, o sair de si, mostrar-se, iluminar a realidade – em termos bíblicos, ser luz (Mt 5, 14); o deixar-se tocar e atingir pelo outro, pelo mundo, pela criação – a dimensão bíblica da compaixão. Educação, portanto, é uma missão coletiva. “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 78).

No estudo e análises das cartas de Cândida Maria de Jesus nos é revelado de forma simples o conceito de pessoa, e fica claramente explícito em suas cartas que a pessoa humana é especialmente amada por Deus, ela tem um destino transcendente e uma dignidade única que independe de suas qualidades, cultura, gênero ou extrato econômico social.

Cada homem e cada mulher em sua diversidade e reciprocidade é igualmente imagem de Deus e nele Deus mesmo deve ser contemplado, respeitado e amado.

Nosso conceito de pessoa como ser essencialmente comunitário determina, em boa parte, nosso modo de conceber a vida orientada para o serviço de homens e mulheres solidários. Propomo-nos a ajudar a descobrir o mistério da pessoa humana e cooperar na busca de respostas a suas interrogações mais profundas (NMPE, p. 32).

É necessário buscar uma nova forma de compreender os processos educativos a partir da pessoa, seu contexto, seus significados e sentidos. Se considerarmos que a proposta pedagógica é o ponto de partida da formação, iremos impor seus conteúdos a todas as pessoas independentemente de suas reações.

Se a proposta é trabalhada internamente por meio de ensinamentos temáticos discursivos, sem considerar os sentidos já existentes, a tendência é que as pessoas não tentem impor resistência externa à proposta, mas resistam internamente. Se assim o for, dificilmente haverá transformações profundas nas pessoas. Elas logo descobrirão que, para serem bem aceitas, precisarão utilizar o discurso da proposta, mas é também esta uma alternativa fácil para manter intocáveis os significados e sentidos que, em situação de crise e conflito, servem de refúgio existencial. Na prática pedagógica, isso significa “fingir ensinar e fingir aprender”.

Os processos formativos, portanto, têm, de um lado, as concepções de cada pessoa, da cultura, do contexto e, de outro, uma proposta pedagógica com os seus percursos educacionais. Esta última é a referência, mas o ponto de partida é a pessoa, a cultura e o contexto. O caminho mais adequado de formação, portanto, precisa tocar inicialmente em cada pessoa, sua singularidade, sua própria história, suas necessidades, desejos, concepções de mundo, Deus e sociedade. É necessário auxiliar cada pessoa a desvelar a sua situação atual.

É necessário ter em mente que o ponto de partida são os alunos, os significados e sentidos que carregam consigo e sua situação atual.

Tendo em vista essa perspectiva da pessoa como centro de todos os processos educativos, queremos destacar a relevância, a singularidade do discernimento inserido nos processos educativos. No “Nosso modo próprio de educar”, esse elemento espiritual deve estar explícito, ou seja, contido, entrelaçado no ensino de valores morais e éticos. Por exemplo: quando os alunos são expostos à vivência de valores positivos, outra maneira de consolidar o discernimento é por meio do ensino do pensamento crítico, que se expressa desta maneira no “Nosso modo próprio de educar”: “Ajudando-os a desenvolver seu sentido crítico e seu compromisso ante as dificuldades e situações injustas; despertando neles a consciência de sua responsabilidade fraterna, em relação aos setores mais fracos e empobrecidos” (NMPE, p. 37).

Portanto, sempre quando se proporcionam processos educativos que envolvam valores éticos e morais como justiça, igualdade e respeito, igualmente quando promovemos o pensamento crítico, desenvolvendo capacidades de fazer perguntas, de questionar-se, estamos possibilitando que a pessoa humana, em sua liberdade, faça suas autênticas escolhas. O discernimento é uma habilidade que se desenvolve na prática. Ao promover o discernimento na educação se possibilita aos alunos serem cidadãos responsáveis e bem-sucedidos. Nos processos educativos, o discernimento é fundamental para o desenvolvimento de indivíduos críticos e reflexivos.

O educador brasileiro Paulo Freire, no qual também nos apoiamos nesta reflexão, considera o discernimento como uma habilidade essencial para a educação crítica. “Não é fácil, pois, formar sujeitos críticos. É preciso que se desenvolvam, em suas mentes, as capacidades cognitivas que lhes permitam o discernimento, a crítica, a análise, a reflexão, a compreensão e a interpretação crítica da realidade” (FREIRE, 2014, p. 77). Para ele, o discernimento é uma habilidade essencial à educação crítica, pois permite que os alunos pensem criticamente sobre o mundo a seu redor. O discernimento é a capacidade de distinguir entre o verdadeiro e o falso, o certo e o errado.

Nesse contexto, o discernimento permite que o aluno questione as informações que lhe são apresentadas; analisem as diferentes perspectivas sobre um assunto; tomem decisões com elementos concretos; ajam de forma ética e responsável. O autor seguirá argumentando que os alunos precisam desenvolver o discernimento para serem capazes de participar ativamente da vida social e política.

Como vimos no capítulo anterior, nas cartas de Cândida Maria de Jesus encontramos o discernimento como um processo vivido ao longo da vida e não apenas como um tempo específico para decidir ou escolher. A tônica da vida de Cândida Maria foi o discernimento, no sentido da atenção e da busca constante ao que Deus vai pedindo em sua vida pessoal, na vida de trabalho, nos projetos e opções.

Para dar resposta adequada às necessidades educacionais, é imprescindível discernimento como busca do que agrada a Deus, ponderando sob a guia do Espírito as circunstâncias de pessoas e lugares, empregando meios eficazes que nos ajudem a alcançar um maior conhecimento da realidade e uma consciência histórica mais viva (NMPE, p.10).

Nessa mesma perspectiva, como já mencionamos, expressa Libânio (2010, p. 22) que o discernimento não se faz na solidão do Eu, mas no contexto sócio cultural e eclesial que se vive. Segundo o autor, a originalidade maior de Inácio foi assimilar a presença de Deus nos acontecimentos, na história e no cotidiano das pessoas.

Freire (2014, p. 136) argumenta que o discernimento é um saber que, para ser ético, não pode prescindir do conhecimento e da reflexão. É o saber que se faz na ação, na reflexão sobre a ação, e na ação refeita pela reflexão. É o saber que para ser ético, não pode prescindir do conhecimento e da reflexão. Segue o autor argumentando que o discernimento não é um dom natural, mas uma competência que pode ser desenvolvida por via da educação, destacando-se a importância do discernimento para os processos educativos.

A prática do discernimento é essencial para que os educadores sejam capazes de tomar decisões éticas e eficazes, é um modo de proceder imprescindível para educadores que desejam promover uma educação transformadora e emancipadora. Paulo Freire, quando se refere ao discernimento, descreve-o como um processo de tomada de consciência crítica da realidade e o concebe como um processo contínuo e progressivo, ou seja, não é um evento único, mas um processo que ocorre ao longo do tempo: o discernimento como um processo transformador.

À medida que a pessoa desenvolve seu discernimento, ela se torna capaz de transformar sua realidade; assim, tem-se o discernimento como um processo coletivo, logo, não é algo que se faz individualmente. Nesse sentido, os processos educativos desencadeados no ambiente escolar são ideais para desenvolver a atitude de discernimento como parte integrante do desenvolvimento integral da pessoa humana.

### **3.4 A conversação espiritual como cultura do encontro nos processos educativos**

Sobre a cultura do encontro, trazemos mais uma vez o que constata Viviane Mosé ao refletir os desafios da sociedade contemporânea:

nunca fomos tão incapazes de conviver, buscamos um prazer cada vez mais descartável e imediatista (hedonismo), desaprendemos a acessar a vida e estamos desaprendendo a reelaborar nossa dor em arte. Não estamos mais formando pessoas, mas fragmentos desconectados e vamos nos tornando especialistas cada vez mais desvinculados das grandes questões humanas, sociais e planetárias, vivemos acoplados a uma parcela tão pequena da realidade que chegamos a esquecer quem somos, o que buscamos, e acabamos sendo guiados pelos desejos dos outros (MOSE, 2013, p. 53).

Recordemos que, no Capítulo II, extraímos dos estudos das cartas de Cândida Maria de Jesus a conversação espiritual como um elemento inaciano fundamental em sua atuação. Ao lê-las, logo percebemos que não foram escritas para uma publicação ou exibição literária, porque nelas encontramos conversas cotidianas, muito espontâneas, espirituais, circunstanciais, conversas sobre a vida que cedem lugar a uma experiência religiosa onde a história humana acontece.

Cartas de característica epistolar, como Pécora (2018) nos ajudou a descobrir, no sentido de estabelecer diálogo informal sobre um assunto específico, de revelar características de sua autora, as circunstâncias vividas, a experiência religiosa, a orientação espiritual etc. Pécora (2018) e Dominguez (2010) nos ajudaram a perceber que as cartas escritas por Cândida Maria de Jesus se caracterizam na espiritualidade inaciana por conversações espirituais.

O modo educativo das Filhas de Jesus, segundo o documento analisado, considera a pessoa como centro de todo o processo educativo, ou seja, no centro de todo planejamento e ação educativa das Filhas de Jesus, está o conceito de pessoa revelado por Cândida Maria de Jesus por meio de sua vida e de suas palavras simples. No “Nosso modo próprio de educar” (NMPE, p. 32), encontramos o conceito de pessoa como ser essencialmente comunitário, o que determina em boa parte o modo de conceber a vida orientado para as relações com o outro, construindo a solidariedade. Tudo isso se projeta em uma escala de valores que delinea todo o trabalho educacional inspirado por Cândida Maria de Jesus até os dias atuais.

Assim, a atuação educacional proposta por Cândida Maria de Jesus possibilita descobrir o mistério da pessoa humana e cooperar na busca de respostas a suas interrogações mais profundas. Sua inspiração e atuação feminina na educação buscam apresentar uma visão unitária da pessoa humana, como ser vivente, transcendente, social, racional e livre. Imagem de Deus, capaz de conhecê-lo e amá-lo, não somente estimulado ao progresso, à piedade e a virtude, como também ao saber, para que possa ser capacitado para o serviço. Em suas cartas

encontramos esta expressão: “Me alegro de que aumentem o número de meninas e de que cresçam em ciência, trabalhos e particularmente na virtude” (CMF 149).

Conforme o “Nosso modo próprio de educar” (NMPE, p. 33) sua atuação insistiu, de modo especial, na preparação da mulher para exercer a função que na época lhe correspondia. Em nossos dias atuais, cresce o reconhecimento da dignidade e das possibilidades femininas de maneira que podemos sublinhar a importância de uma educação que a capacite a colaborar de forma incisiva nas plataformas decisórias da sociedade e da Igreja, com sua riqueza como pessoa e sua peculiaridade feminina, de modo a serem aceitas e valorizadas.

A atenção dada por Cândida Maria de Jesus à educação integral da pessoa revela dentro da simplicidade de suas manifestações tradicionais uma concepção educativa que ultrapassa o mero cultivo intelectual. Sabemos que a educação é uma dimensão essencial da vida humana. No ser humano, existe um anseio de transcendência que o impulsiona à busca e à descoberta desde o significado das coisas mais concretas e palpáveis até o sentido mais profundo e originário da vida.

“Seres humanos são essencialmente criaturas espirituais” (BALBINOT, 2018, p. 25). Continua o autor afirmando que a chave que desencadeia o processo de formação e desenvolvimento do ser humano é o *encontro*. Existe, portanto, uma transcendência do ser pela qual acontece o reconhecimento do próprio Eu em relação a um outro Eu. Na vida humana, existe uma verdadeira construção de si mesmo, do Eu e do outro, pelo encontro. Esse nível de transcendência é uma dimensão da educação: a educação como encontro. Existe uma necessidade inerente à condição humana: a de comunicar-se, romper silêncios, experimentar-se como ser sociável.

A educação como encontro, continua o autor, talvez em nossos tempos atuais seja a mais necessária e a que se estenderá por toda a vida, pois o encontro educativo primordial, intencional ou não, forjará o ponto de partida da construção das bases de humanidade do ser e o acompanhará para sempre, por conta deste fenômeno de constituição da existência humana (BALBINOT, 2018, p. 34). Nesse sentido, o modo educativo das Filhas de Jesus acentua alguns aspectos da convivência humana que constituem um estilo característico de relacionar-se com os outros. Procuram cultivar as disposições necessárias para o verdadeiro diálogo: sinceridade, capacidade de escuta, confiança, tolerância e compreensão para com cada pessoa (NMPE, p. 34)

Segundo Dominguez, vimos que a conversação espiritual é um espaço de partilha de experiências, escuta, reflexões sobre a vida e o mundo à luz de uma determinada crença ou

tradição espiritual. É um momento de encontro e comunhão, no qual os participantes se abrem uns aos outros e buscam um sentido mais profundo para a vida.

Em um diálogo entre pessoas que possuem espiritualidades diferentes ou não, a conversação espiritual é um espaço de respeito e compreensão mútuos, nos quais os participantes buscam aprender uns com os outros e ampliar seus horizontes espirituais. É um momento de abertura e diálogo no qual os participantes se desafiam a pensar de forma diferente e a ver o mundo sob novas perspectivas. Como vimos, o termo “conversação”, segundo Inácio de Loyola, encontra seu significado na relação com alguém (conversação-trato) ou no falar com o outro (conversa-encontro). Lembremos da resposta de Inácio em sua autobiografia aos dominicanos que lhe perguntaram o que ele pregava: “Não prego: apenas converso familiarmente com alguém sobre as coisas de Deus”

Dominguez (2010, p. 24) nos recorda que a prática da conversação espiritual significa em princípio o diálogo verbal entre duas pessoas. Inácio fala de “conversação de palavra” ou “por escrito” e se refere mais amplamente ao trato e relação que se estabelece entre um e outro, como acontece entre companheiros de sala ou com outras pessoas. É nesse sentido que podemos considerar as conversações espirituais como uma prática inserida nos processos educativos, de maneira formal ou informal, já que estamos analisando um projeto com um modo específico de educar e com uma espiritualidade concreta, considerando, na educação, o diálogo não enquanto transferência de saber, mas, como diz Freire (1980, p. 69), como um encontro de sujeitos interlocutores que buscam significados.

Proporcionar a conversação espiritual entre sujeitos nos processos educativos pode tornar-se uma prática que ajuda a promover o desenvolvimento espiritual da pessoa humana. No artigo “A espiritualidade na educação de Paulo Freire” (BEZERRA, 2023), a autora afirma que a espiritualidade está presente na educação por meio de conceitos cristãos como o amor, o diálogo e a esperança, a atitude ética da humanização e ao respeito ao outro.

No modo educativo das Filhas de Jesus (NMPE, p. 34), procura-se cultivar as disposições necessárias para o verdadeiro diálogo: sinceridade, capacidade de escuta, confiança para pedir esclarecimentos e para expor, com singeleza e liberdade, a própria opinião; tolerância e compreensão para com cada pessoa, unidas todas na liberdade e fortaleza necessárias para pensar por si mesmo.

Freire (1983, p. 30) considera a educação como uma experiência de conhecimento e de comunicação, por isso, o diálogo é fundamental no processo educacional. Um projeto educativo pautado em uma espiritualidade, na vivência de valores é considerado uma proposta de educação humanista, porque coloca o ser humano, em sua inteireza, no centro da educação.

É dialógico porque implica em uma ação de busca, que é feita em comunhão com outras consciências, na situação de sujeitos históricos e éticos. É uma educação permanente, porque estamos todos nos educando amorosamente: o amor é pressuposto da educação, porque quem não ama não é capaz de compreender nem respeitar o próximo.

A conversação espiritual é um processo de diálogo aberto e respeitoso sobre questões de significado, propósito e valores e, se aplicado aos processos educativos, pode promover o desenvolvimento espiritual dos alunos e dos educadores. Essa prática pode levar toda a comunidade educativa a se conectar com sua própria espiritualidade e a construir um ambiente mais justo e compassivo.

Dominguez (2010, p. 29) nos diz que Inácio de Loyola considerava muitas modalidades de conversação naturais e espirituais e, no decorrer de sua vida, encontrou na conversação espiritual um modo de ajudar as pessoas.

Neste tempo conversava algumas vezes com pessoas espirituais, as quais tinham crédito e desejavam conversar com ele; porque, ainda não tinha conhecimento de coisas espirituais, no entanto, em sua conversa mostrava muito fervor e muita vontade de ir adiante no serviço de Deus (LOYOLA, p.21).

A conversação espiritual inserida nos processos educativos é uma forma de interação e diálogo entre as pessoas de diferentes crenças, culturas e histórias, o que, na pedagogia de Paulo Freire, chama-se alteridade<sup>9</sup>. Para o autor, esta forma de interação entre as pessoas é uma forma de construir pontes de entendimento e solidariedade entre os seres humanos.

A experiência da conversação espiritual nos processos formativos implica o encontro de pessoas que, por meio da palavra, compartilham suas experiências, seus saberes, suas culturas, seus sonhos e suas esperanças. É um encontro que se dá no respeito mútuo, na humildade e na solidariedade. É um encontro que nos faz crescer como pessoas e como comunidade. Assim, a conversação espiritual é o lugar da alteridade, do encontro.

Para Freire, o ser humano é subjetividade, mas essa subjetividade da pessoa se constitui na relação dialógica com o outro, ou seja, a pessoa não é uma entidade autossuficiente. Para ser pessoa, necessitamos do outro, caso contrário não o somos. A pessoa é relação, é diálogo infinito com o outro, sem a abertura ao outro é impossível pensar na constituição do ser pessoa. Os seres humanos se fazem no encontro, no ato de escutar, na comunicação e no diálogo com os outros.

---

<sup>9</sup>Toda a obra filosófico-antropológica e pedagógica de Paulo Freire é atravessada pela presença da alteridade como condição para a constituição do próprio Eu. O reconhecimento da alteridade, da diferença, é indispensável para o surgimento ético-epistemológico do Eu e também do outro. É o diálogo com a alteridade que permite o desenvolvimento da identidade. O Eu e o outro como pessoa-sujeito (STRECK, 2008, p. 46).

É no reconhecimento do outro como um outro que o Eu se constitui como pessoa. Freire afirma que o ser humano não é um ser fechado em seu egoísmo, não é egocêntrico nem se afirma negando o outro, proibindo-o de ser pessoa. É um ser de subjetividade aberta, expressão usada na reflexão teológica e antropológica de Alfonso Rubio Garcia.

O ser humano é subjetividade ética em comunhão, diálogo com o outro, é um ser capaz de amar o outro e, a partir deste amor, lutar pela justiça que representa o cume da consciência ética.

Ajudamos as pessoas a desenvolver a consciência comunitária, a descobrir o valor e as exigências do viver e trabalhar com outros, cultivando especialmente algumas atitudes e experiências, como por exemplo: o espírito de equipe, a colaboração, o reconhecimento do que cada um precisa e do que recebe dos outros. O sentido da gratuidade, o colocar os próprios valores à disposição de todos, traduzindo em ajuda desinteressada no trabalho intelectual ou físico; o ser prestativo na convivência, a atitude aberta e disposta a conceder perdão. A capacidade de viver a amizade, de dar e receber afeto. O saber assumir as consequências das próprias decisões e ações, receber as correções e ser objetivo consigo mesmo, reconhecendo os próprios erros (NMPE, p. 83).

Lembre-mos de que, para Inácio, as conversações espirituais tinham sempre intenção de ajudar o outro. Dominguez (2010, p. 29) nos conta que, estando Inácio em Manresa, começou a sentir mais fortemente como um convite de Deus este desejo de ajudar a outros; especialmente depois da experiência vivida no Cardoner, compreendeu que sua vocação pessoal era a de ajudar espiritualmente ao próximo por meio da palavra – ali começou o convite apostólico de Cristo para as conversações.

Para Adroaldo Palaoro (2023) em seu texto “A arte da conversação”, a conversação é uma experiência profundamente humana de proximidade, de conhecimento, de intercâmbio, de ternura. Um encontro entre caminhantes que vão compartilhando histórias de vida, esperanças e frustrações, vontade de construir e sonhar. Na conversação, o que importa é a pessoa do outro e não os problemas que apresenta. Ela é o lugar privilegiado de encontro e descoberta misteriosa do Outro (Deus). A conversação nos liberta da solidão e do fechamento, fazendo-nos crescer na transparência. A conversação reforça os laços, criando a comunidade dos “amigos no Senhor”.

Continua o autor afirmando que a arte da conversação é um caminho pedagógico, um processo gradual que requer capacidade de escuta, de acolher e deixar-se tocar pelo que o outro é, não só pelo que diz; uma capacidade de olhar com profundidade para reconhecer uma história sagrada, um caminho de salvação. É reconhecer no outro o que há de verdadeiro, bom e belo, e descobrir como o dinamismo de Deus atua no seu coração.

Dessa forma, a singularidade das conversações espirituais inseridas em nossos processos educativos implica e contribui para o crescimento e amadurecimento da pessoa humana na relação com o outro, com Deus e com o mundo. Podemos dizer que esse elemento espiritual inaciano inserido na escola formal é uma importante contribuição e ao mesmo tempo um grande desafio à educação contemporânea, tão individualizada e marcada pelas novas tecnologias.

Pensar esses elementos espirituais aplicados aos processos educativos supõe uma educação que transcende conhecimentos. Em um mundo – “espaço educativo” – pluralista e diversificado, urge definir, com critérios objetivos, a identidade e a inspiração carismática como participantes de um processo educativo global.

### **3.5 – Acompanhar para discernir e responder aos desafios educacionais à luz da inspiração carismática de Cândida Maria de Jesus**

Como vimos no capítulo anterior a partir das considerações de Libânio, a experiência de Deus não acontece fora da realidade humana. Vivemos em um mundo fragmentado de injustiças, onde os poucos que concentram os benefícios da riqueza e tecnologia estão separados das imensas maiorias empobrecidas.

O jesuíta espanhol Benjamin Gonzalez Buelta (2007), em seu livro *Orar em um mundo fragmentado*, diz que a ruptura, a fragmentação da sociedade contemporânea não está somente diante de nós, ela atravessa nossa própria interioridade, fragmentando-a, rompendo-a em diferentes direções. Atravessamos não só uma época de profundas e aceleradas mudanças, mas uma mudança de época. Nunca se necessitou tanto de acompanhamento na sociedade como nesses últimos anos; portanto, não se trata de um tema puramente da esfera religiosa. O acompanhamento vem sendo reconhecido como uma necessidade humana.

Na proposta educativa de Cândida Maria de Jesus, no centro de todo o planejamento está, como vimos, o conceito de pessoa. Nessa perspectiva, para uma educação personalizada humanizadora, é de grande importância que todo projeto educativo tenha por chave o acompanhamento.

As Filhas de Jesus (NMPE, p. 33) se propõem a ajudar a descobrir o mistério da pessoa humana e cooperar na busca de respostas a suas interrogações mais profundas. Na análise das cartas que realizamos no Capítulo II, foi possível perceber como foi a atuação de Cândida Maria de Jesus a partir de alguns elementos da espiritualidade inaciana:

encontramo-la como acompanhante espiritual das pessoas, irmãs e obras envolvidas com a proposta da educação no século XIX.

A partir do último relatório da Unesco (2022), vimos que a cultura atual é permeada por várias problemáticas que vêm provocando uma difusa “emergência educativa”. Com esta expressão, referimo-nos à dificuldade em estabelecer relações educativas, as quais, para serem autênticas, devem transmitir às jovens gerações valores e princípios vitais, não só para ajudá-las a crescer e amadurecer individualmente, mas também para contribuir na construção do bem e da casa comum<sup>10</sup>.

A proposta de uma educação integral, numa sociedade que muda tão rapidamente, exige uma reflexão contínua, capaz de renová-la e de torná-la cada vez mais rica em qualidades. É nesse contexto de mudanças e nessa inspiração primeira de Cândida Maria de Jesus para a educação que vemos a importância do acompanhamento espiritual nos processos educativos para melhor discernir caminhos novos para a educação, para melhor enfrentar os novos desafios que o contexto educativo nos traz.

O aprofundamento da experiência espiritual e educativa de Cândida Maria de Jesus nos dá a oportunidade de ampliar o horizonte da atuação educativa a partir do acompanhamento espiritual. Vimos em um primeiro momento de sua biografia que, desde menina, ela experimentou a presença ativa de Deus em sua vida, e vivenciou a experiência do acompanhamento espiritual com os padres da Companhia de Jesus em sua adolescência e juventude. A experiência de acompanhamento aconteceu de forma muito incisiva em circunstâncias pontuais e decisórias de sua vida, e foi um acompanhamento marcado por profunda amizade espiritual. Como fundadora da Congregação das Filhas de Jesus, ela passa a ser, por sua vez, a que acompanha e orienta os processos iniciais de sua obra educativa.

A análise de suas cartas nos ajudam a identificar alguns traços que caracterizam o modelo de acompanhamento e orientação espiritual praticado e ensinado por Cândida Maria de Jesus.

Nas suas cartas encontramos um modo de atuar feminino, com sensibilidade, intuição e ousadia. Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (2016), o Papa Francisco reconhece a contribuição da atuação feminina na história quando diz:

A Igreja reconhece a indispensável contribuição da mulher na sociedade, com uma sensibilidade, uma intuição e certas capacidades peculiares, que habitualmente são mais próprias das mulheres que dos homens. Prestam novas contribuições para a reflexão

---

<sup>10</sup> Por via de seu trabalho educativo, a congregação deseja colaborar na formação de cristãos empenhados em cooperar com Deus em sua ação criadora e que contribuam para melhorar as relações homem-natureza (NMPE, p. 31).

teológica. Mas ainda é preciso ampliar os espaços para uma presença mais incisiva na Igreja (EG, n 103).

Sua atuação no acompanhamento não se limitou ao catecismo, celebrações eucarísticas ou ritos; como vimos, seu acompanhamento se direcionou às pessoas envolvidas no empreendimento de toda a sua obra educativa. Ela preocupou-se imediatamente em criar um clima educativo bem ordenado, alegre, rico de propostas formativas e de relações humanas. É nesse ambiente que ela procurou inserir as meninas a fim de poder ganhá-las para Deus, para depois acompanhá-las passo a passo na formação cristã da própria personalidade por meio de um processo educativo pleno.

Todas usarão o método mais alegre, a leitura e a escrita sejam simples e os exemplos apresentados sejam instrutivos e edificantes. A mestra primeira procurará ter zelo e terna caridade, se esforçará em corresponder à sua vocação pela vigilância, mansidão, paciência, e constante firmeza. A instrução religiosa deverá ocupar o principal lugar na educação, contudo, as mestras não devem se descuidar de ensinar os conhecimentos necessários para o presente e para o futuro, como: leitura, escrita, aritmética, pelo menos as quatro operações (CEC 1, 17, 37).

Estas orientações deixadas por Cândida Maria nos inícios de sua obra educativas nos inserem totalmente no modelo de acompanhamento que desejou deixar como herança carismática. Encontramos os objetivos do acompanhamento e orientação espiritual na vivência e atuação de Cândida Maria de Jesus explícitos em suas cartas: a busca do querer de Deus e a salvação das almas; em uma linguagem mais contemporânea, poderíamos dizer *a realização plena da pessoa humana*; em linguagem bem inaciana, diríamos *buscar e encontrar a Deus em todas as coisas*.

Como vimos nas cartas, a atenção à presença de Deus no cotidiano está no centro da espiritualidade de Cândida Maria. Por isso, não nos deve surpreender que sua espiritualidade deseje sublinhar a importância da interioridade. A interioridade é, ao mesmo tempo, um princípio de vida cristã e um método apostólico.

A espiritualidade inaciana, da qual experimentou Cândida Maria com seus traços femininos, pode ser considerada um método em dois sentidos. Primeiro, como um processo de discernimento espiritual, o cultivo da interioridade como espaço sagrado, do silêncio, da integração e presença de um Deus que se auto comunica; segundo, como uma atitude de abertura ao mundo.

Conforme o “Nosso modo próprio de educar” (NMPE, p. 30) a concepção do mundo presente na ação educativa das Filhas de Jesus inspira-se na espiritualidade inaciana que Cândida Maria de Jesus tomou como sua e à qual deu seus próprios contornos. O mundo é um dom de Deus, que, como Pai, nos oferece a todos para que o habitemos. E todas as coisas

sobre a terra foram criadas por Ele, com uma finalidade que é preciso respeitar (NMPE, p. 30).

Dessa forma, a interioridade não é um isolamento do mundo, mas uma maneira de estar presente nele. Quando estamos conectados com nossa interioridade, podemos ver o mundo com novos olhos e encontrar a Deus naquilo que está ao nosso redor. É um processo de crescimento espiritual que nos leva a uma maior intimidade com Deus e com o mundo. Segundo as “Orientações para a educação cristã” deixadas por Cândida Maria de Jesus, podemos observar que seu acompanhamento no espaço educativo não se limitou apenas a um momento de diálogo íntimo, mas que se conecta com os demais estímulos formativos comunitários. Está estreitamente ligado a toda a ação educativa e aos ritmos da vida cotidiana.

Nessa perspectiva, o acompanhamento pode acontecer de modo informal e informal nos ambientes de vida, na troca de experiências. Na prática educativa, desde as origens tudo está orientado para a educação cristã. “A educação na fé ocupa o ‘lugar principal’ em nossa missão: ilumina e penetra suas diversas realizações, de tal modo que toda a ação educativa supõe um projeto de iniciação e maturação cristã que ajude as pessoas a serem seguidoras de Jesus” (NMPE, p. 31).

Portanto, o acompanhamento espiritual com vista na busca do querer de Deus, no crescimento da fé é parte essencial e necessária em “Nosso modo próprio de educar”. Para um modo de proceder em clave de acompanhamento, Cândida Maria de Jesus parte da consideração e do respeito ao ser original de cada um; tem em conta a condição e a necessidade daqueles que lhe foram confiados e busca, com todo interesse, o bem de cada pessoa, ajudando-a em seu processo para fazer emergir nela o melhor de si mesma.

Esse processo de personalização procura uma educação adaptada às possibilidades, qualidades e necessidades educativas de quem recebe, buscando os métodos e motivações mais adequados. Oferece o conselho e a ajuda necessários à maturação pessoal, segundo os traços que individualizam cada pessoa. Tudo isso do mesmo modo que se faz para a orientação profissional e vocacional. O acompanhamento pessoal, como princípio pedagógico de grande valor e eficácia, apoia-se na singularidade, na autonomia e na abertura aos outros. Requer, portanto, conhecer o caráter de cada um, suas inclinações e capacidades, seu ambiente familiar e social.

Nesse sentido, adquirem especial importância a comunicação interpessoal, o trato vivencial e próximo, a atenção e o acompanhamento pessoal. A participação ativa dos sujeitos na aprendizagem e no próprio amadurecimento, com oportunidade de protagonismo, é um fator indispensável a esse tipo de educação, concebido como processo pessoal, contínuo e

dinâmico. Quem é educado tem a responsabilidade e o direito de apresentar suas iniciativas, experiências e conhecimentos.

É um elemento igualmente ativo junto a seus educadores. Sem sua intervenção, a ação educativa não chega a ser personalizada. Com ela, pelo contrário, ficam favorecidas a assimilação pessoal de critérios, a atitude criativa, a capacidade de discernir, julgar e optar. Desse modo, o educando poderá sempre saber o que faz e porque o faz. Como consequência, junto à aquisição de conhecimentos e técnicas, a educação personalizada favorece o desenvolvimento da capacidade permanente de aprender, de querer aprender e, especialmente, de aprender a ser. Suscita-se, assim, uma atitude dinâmica, aberta a uma contínua atualização de conhecimentos e habilidades como preparação para as mudanças da vida em seus múltiplos aspectos (NMPE, p. 46).

O acompanhamento acontece no interior de algumas relações de reciprocidade instauradas num lapso de tempo breve e que se dão durante a vida cotidiana. A conversação é uma estratégia pastoral. Às vezes, um diálogo aparentemente irrelevante pode ser mais precioso do que mil lições, porque o fruto do primeiro não se esgota ao final da conversação. Podemos considerar o acompanhamento espiritual na educação como um processo de orientação que visa o desenvolvimento integral de toda a comunidade educativa inserida em um ambiente com um clima de escuta, acolhida e busca pelo sentido e significado da vida.

O acompanhamento também tem caráter educativo, metodológico. Aqui, entendemos por metodologia o conjunto das iniciativas que tomamos para facilitar a ação da graça de Deus em nós. Nesse processo, devemos assumir uma intencionalidade educativa, uma sistematicidade e algumas habilidades pedagógicas que facilitam a leitura sábia da história humana (CEI, 2002, p.17). Há ainda um caráter espiritual, pois toda a comunidade educativa está inserida dentro de um projeto educacional religioso que tem como base a experiência religiosa vivida por alguém; aqui, consideramos a experiência espiritual vivida por Cândida Maria de Jesus.

Esse modo de acompanhar supõe desenvolver aspectos humanos e espirituais que tornam possível uma resposta madura e adulta na opção cristã. Supõe desencadear processos de conhecimento humano em profundidade. Os elementos espirituais extraídos de suas cartas nos indicam caminhos para o fortalecimento de um projeto educativo pautado em uma experiência religiosa que aponta para o sentido de uma vida mais plena. Neste ponto específico, assinalamos o acompanhamento espiritual como parte fundamental dos processos desencadeados no projeto educativo.

Pelos estudo realizado podemos constatar que a atuação feminina de Cândida Maria de Jesus na educação se concretizou no serviço de acompanhante espiritual. Ceci Mariani e Andreia Serrato (2021) constatam que no contexto da espiritualidade inaciana a atuação feminina se encontra no serviço de acompanhante espiritual.

Em um mundo contemporâneo fragilizado em tantos aspectos, faltam propostas formativas relativas ao acompanhamento. Estamos muito “ocupados” com o imediato, com as atividades que realizamos diariamente no cotidiano escolar. O acompanhamento pode contribuir para promover a formação integral do ser humano; o acompanhamento espiritual ajuda o ser humano a desenvolver suas potencialidades em todas as dimensões de sua vida, favorece a construção de valores e o impulsiona a enfrentar os desafios e adversidades da vida.

Dessa forma, o acompanhamento espiritual se torna uma ferramenta pedagógico-pastoral fundamental para o desenvolvimento integral do ser humano. Processos educativos acompanhados em clave de discernimento podem responder de maneira mais eficaz aos desafios contemporâneos de nosso tempo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa trouxe resultados relevantes relacionados aos objetivos da dissertação acadêmica, como também ao contexto histórico atual em suas dimensões social, cultural, política e religiosa.

No primeiro capítulo, vimos o contexto, a condição da mulher no século XIX, situando dentro desse contexto a atuação de Cândida Maria de Jesus. No decorrer do capítulo, tecemos o ambiente educacional que foi possibilitado à mulher nesse período, buscando desvelar as tensões e conflitos existentes em relação à condição da mulher.

Tecemos o contexto histórico, social, cultural e religioso da Espanha na qual nasceu e viveu Cândida Maria de Jesus (1845-1912), assumindo os limites da história, como bem explicitaram Ballarín (2001) e Perrot (2019). Este estudo, realizado com o olhar específico das Ciências da Religião, com uma abordagem feminina trouxe para nós uma leitura contemporânea sobre sua vida e atuação a partir dos referenciais teóricos na perspectiva feminina. Tal leitura faz uma importante colaboração acadêmica, social, eclesial e educativa.

Essa nova perspectiva da atuação de Cândida Maria de Jesus nos trouxe também uma outra forma de contar e contemplar a sua vida e sua atuação na educação. Trouxe-nos uma linguagem mais contemporânea, com roupagens específicas do tempo que vivemos.

O aprofundamento das fontes a partir das autoras e autores pesquisados nos permitiu colocar em evidência a misoginia, opressão e a subordinação que sofrem as mulheres. Vimos a necessidade e a importância de recuperar a memória da atuação feminina na história, pois sempre foi negado à mulher o espaço na sociedade, sobretudo na esfera religiosa. Daí a relevância de recuperar sua memória e atuação na sociedade e na religião.

Nas fontes, contemplamos os limites e as possibilidades de sua história e atuação nas circunstâncias históricas e culturais de seu tempo. Os aspectos históricos, culturais e religiosos que analisamos da vida de Cândida Maria de Jesus nos permitem alargar os horizontes e concepções em relação a sua atuação na história, na cultura, na sociedade e na religião. Vimos que sua vivência e atuação, fundamentadas na experiência religiosa, respondeu às vozes esquecidas de seu tempo: a formação de mulheres, tema de discussão ainda na contemporaneidade.

O segundo capítulo – “Narrativas epistolares inicianas de Cândida Maria de Jesus: escritos da vida cotidiana” – é considerado o capítulo central da pesquisa. Por meio da análise fenomenológica de algumas de suas cartas, apropriamo-nos da recepção dos elementos espirituais inicianos principais: as conversações espirituais, o acompanhamento espiritual e o

discernimento. Esses elementos espirituais foram sistematizados e, para isso, tivemos que analisar as cartas conjuntamente e não de forma isolada.

Em um primeiro momento, Michele de Perrot (2019) e Alcir Pécora (2018) nos ajudaram a situar as cartas escritas por Cândida Maria como uma forma de sociabilidade e expressão feminina no século XIX, e assinalamos algumas características muito próprias de Cândida Maria em suas cartas, que nos revelaram seu modo de proceder na educação.

Perrot (2019, p. 28) nos ajuda a pensar a correspondência como um tipo de literatura e afirma ser um gênero muito feminino; segue assinalando que era muito comum que as mães escrevessem para seus parentes, para o marido ausente, para o filho adolescente no colégio interno, a filha casada, as amigas do convento, cartas que constituem uma forma de sociabilidade e expressão feminina. Nesse sentido, percebemos que as correspondências de Cândida Maria de Jesus evidenciam uma forma de sociabilidade, de aproximação e de acompanhamento da obra empreendida.

Alcir Pécora (2018, p. 28) discorre sobre as cartas jesuíticas no Brasil e assinala que a presença ostensiva da carta na Companhia de Jesus evidencia que sua função está pensada ao menos segundo três aspectos decisivos: o da informação; o da reunião de todos em um; e, enfim, o da experiência mística ou devocional. As cartas cumprem a função de atualizar a missão apostólica e a Palavra de Deus. Esses aspectos de informação, de união, atualização das cartas jesuíticas, encontramos claramente nas cartas escritas por Cândida Maria de Jesus, identificação que nos evidenciou de forma clara o espírito inaciano presente em suas cartas. Continua Pécora (2018, p. 29), explicando a finalidade das cartas jesuíticas: “são escritas tendo em mente exclusivamente o serviço de Deus e aproveitamento do próximo”.

Ao ler as cartas, logo percebemos que não foram escritas para uma publicação ou exibição literária, porque nelas encontramos conversas cotidianas, espontâneas, espirituais, circunstanciais, conversas da vida comum que cedem lugar a uma experiência religiosa onde a história humana acontece. Essas cartas nos permitiram conhecê-la mais profundamente em sua experiência de Deus e ver como ela soube traduzir, articular essa experiência espiritual em sua atuação como fundadora da Congregação das Filhas de Jesus, dedicadas à educação.

Vimos com clareza a aproximação de suas cartas com as cartas jesuíticas, de conteúdo e espírito inacianos, mas com uma maneira própria de receber e viver essa espiritualidade. As análises das cartas demonstraram traços específicos da vivência feminina da espiritualidade inaciana em Cândida Maria de Jesus. O conhecimento, aprofundamento e sistematização dos elementos espirituais extraídos de suas cartas é uma contribuição ao projeto educativo

inspirado por Cândida Maria de Jesus, que atualmente se expressa no “Nosso modo próprio de educar”.

O terceiro capítulo teve como pressuposto os elementos inacianos extraídos nas cartas de Cândida Maria de Jesus relacionados ao “Nosso modo próprio de educar”. Buscamos estabelecer a relação espiritualidade-educação demonstrando como este estudo feito se consolida e potencializa frente aos desafios atuais no modo de atuar na educação a partir da inspiração carismática de Cândida Maria de Jesus.

Investigamos a influência da espiritualidade inaciana recebida por Cândida Maria de Jesus na proposta educacional da Congregação das Filhas de Jesus, contextualizando-a com alguns referenciais teóricos atuais e com o último relatório da Unesco (2022) sobre educação. Sublinhamos por meio dos referenciais teóricos e do NMPE discernimento como parte integrante no desenvolvimento pleno da pessoa humana, em uma escola com espiritualidade que corrobora para um processo de transformação na sociedade.

Assinalamos as conversações espirituais como cultura do encontro nos processos educativos, tendo a pessoa como centro de toda a ação educativa. Segundo os autores, a chave que desencadeia o processo de formação e desenvolvimento do ser humano é o encontro na dimensão da transcendência; nesse sentido, o NMPE acentua alguns aspectos da convivência humana: diálogo, capacidade de escuta e tolerância. Vivências tão necessárias no momento atual que vivemos.

Por fim, em um contexto de fragmentação e ruptura que atravessa a interioridade da pessoa humana, sublinhamos a importância do acompanhamento espiritual nos processos pedagógicos e de gestão educacional, o qual vem sendo reconhecido na Contemporaneidade como uma necessidade humana antropológica.

Para uma educação personalizada, conforme o “Nosso modo próprio de educar”, faz-se de grande importância um projeto educativo em clave de acompanhamento, por meio do qual ajudamos a descobrir o mistério da pessoa humana e cooperamos na busca de suas interrogações mais profundas.

Por fim, o estudo fenomenológico da recepção da espiritualidade feminina em Cândida Maria de Jesus buscou demonstrar como o retorno às fontes pode ser uma resposta eficaz aos desafios educacionais contemporâneos. Esperamos que possa contribuir a todas as pessoas que desejam um mundo melhor e mais humano, pois, parafraseando Cândida Maria de Jesus, “O mundo é pequeno para nossos desejos”.

## BIBLIOGRAFIA

- BALBINOT, Rodinei. **Educação e gestão em transcendência**. São Paulo: FTD, 2018.
- BALLARÍN, P. D. **La educación de la mujer española en el siglo XIX**. Madrid: Editorial Síntesis, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **O amor é líquido sobre as fragilidades dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Pipa Comunicação: EDUFCEG: Recife, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3FUF1Jq>>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- BOFF, Clodovis. **O livro do sentido: crise e busca de sentido hoje**. 1ª. ed. São Paulo: Paulus, 2014.
- BUELTA, B. G. **Orar em um mundo fragmentado**. São Paulo: Loyola, 2007.
- CEBOLLADA, P. et al. **Diccionario de Espiritualidad Ignaciana**. Ediciones Mensajero. Bilbao 2007.
- CEI. **A força da metodologia nos exercícios espirituais**. Itaici: Edições Loyola, 2002.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2014.
- DOMINGUEZ, Luís Maria Garcia. **La entrevista en los ejercicios espirituales**. [S.l.]: Editorial Sal Terrae, 2010.
- ESPECIAL. **Capítulo geral**. Espiritualidade da fundadora. Salamanca: Congregación de las Hijas de Jesús, 1969.
- FILHAS DE JESUS. **Nosso modo próprio de educar**. Belo Horizonte: [S.n.], 1994.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Diccionario**. Lima: CEAAL, 2015.
- GIL, Daniel. Misión apostólica y discernimiento. **Perspectiva Teológica**, [S.l.] v. 9, n. 19, p. 267, 1977. Disponível em: <<https://bit.ly/476prGE>>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- JESUS, Cândida Maria. **Consejos para la educación cristiana**. Salamanca: Congregación de las Hijas de Jesús, 1980.
- LASO, **De Juana Josefa Cipitria a Cândida María de Jesús**. Salamanca: Congregación de las Hijas de Jesús, 1978.
- LIBÂNIO, João Batista. **O discernimento espiritual revisitado**. Loyola: São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. **A escola da liberdade**. Loyola: São Paulo, 2010.

LUCIA, Teresa. **Madre Cândida Maria de Jesus**: Cartas I (1872-1901) e Cartas II (1901-1912). Madrid: [S.n.], 1983.

MARIANI, C; SERRATO, A C. Espiritualidade inaciana e vocação laical: testemunhos femininos. **Revista Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 53, n. 2, p. 273, 2021.

MENDES, Vitor Hugo (Trad.). **“Vão e ensinam”**: identidade e missão da escola católica na mudança de época, à luz de Aparecida. São Paulo: SM, 2011.

MENDONÇA, Maria Inez Furtado de. Mudança de paradigmas na educação espiritual: a liderança educativa, motor da mudança. **Revista em Rede Filhas de Jesus**, Belo Horizonte, ano 7, n. 10, p. 37, 2011.

MORAN, José Manoel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012.

MOSE, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

OLIVEIRA, Paulo E. de. **Mestres que seguem o Mestre**: uma espiritualidade do educador. São Paulo: Paulinas, 2006.

PALAORO, Adroaldo. **A arte da conversação**. Centro Loyola, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <<https://bit.ly/3QYabWo>>. Acesso em: 13 nov. 2023.

PÉCORRA, Alcir. **Máquina de gêneros**. São Paulo: Edusp, 2018.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2019.

SAMPAYO, M.F.P. Evolução e desenvolvimento de escolas religiosas femininas em Espanha. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 221-246, 2015.

STEIN, Edith. **A mulher sua missão segundo a natureza e a Graça**. 1. ed. [S.l.]: Ecclesia, 2020.

TOMERO, Maria del Carmen de Frias. **Cândida María de Jesús**. Roma: [S.n.], 1998.

TORRES, Pepa. La mujer en la vida y el itinerario espiritual de Ignacio. Valladolid, **Fe y Desarrollo Valladolid**, 13 maio 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/47w815X>> Acesso em: 10 nov. 2023.

UNESCO. International Commission on the Futures of Education. **Reimaginar nossos futuros juntos**: um novo contrato social para a educação. Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, UNESCO; Boadilla del Monte: Fundación SM, 2022. Disponível em: <<https://bit.ly/49z1hpG>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

VASQUES, Ulpiano. **A orientação espiritual**: mistagogia e teografia. São Paulo: Loyola, 2001.